

Umbundismos no Português de Angola

Proposta de um Dicionário de Umbundismos

Teresa Manuela Camacha José da Costa

Tese de Doutoramento em Linguística

Especialização em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia

Orientadora: Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

Abril de 2015

Umbundismos no Português de Angola

Proposta de um Dicionário de Umbundismos

Teresa Manuela Camacha José da Costa

Tese de Doutoramento em Linguística

Especialização em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia

Orientadora: Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

Abril de 2015

DECLARAÇÃO

Declaro que esta tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

A candidata,

Lisboa, _____ de _____ de _____

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciada pelo júri a designar.

A Orientadora,

Lisboa, _____ de _____ de _____

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Linguística, na área de especialização em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Manuel José e Maria Camacha;

À Vânia Costa, minha querida filha;

E ao Arlindo Costa, meu querido esposo e companheiro
de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

No final de um trabalho de investigação, sente-se um grande alívio, por cumprirmos mais uma etapa. Na “construção” dessa etapa, muita gente foi envolvida de forma directa e também indirectamente.

De forma directa, quero agradecer a minha orientadora, Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino, por todo o apoio bibliográfico prestado, pela disponibilidade e pela atenção, na orientação. Que Deus lhe retribua em dobro.

De forma indirecta, agradeço aos meus colegas do ISCED de Luanda, sobretudo aos do Departamento de Língua Portuguesa, pelo incentivo constante;

Ao Professor Doutor Daniel Mingas, Director Geral do ISCED de Luanda, pelo apoio financeiro, nas viagens constantes a Lisboa;

Aos meus queridos pais, Manuel José e Maria Camacha, toda a gratidão pela educação e formação de base;

À minha irmã cassula, Kátia José e à minha sobrinha Mamy, a minha gratidão não tem limites, por me terem apoiado, cuidando da minha casa, enquanto eu estava em viagens de investigações;

Ao casal Conceição Garcia Neto e Marcelina Macana Bungo, pela eterna hospitalidade e aconchego, durante as diversas estadas, em sua casa, em Lisboa, para as investigações. O meu obrigado é sem medida. Que Deus vos retribua;

À Vânia Costa, minha querida filha, toda a gratidão pela companhia nas viagens;

Ao Arlindo Costa, meu esposo e companheiro de todas as horas, a minha eterna gratidão, pela cumplicidade!

UMBUNDISMOS NO PORTUGUÊS EM ANGOLA

Proposta de um Dicionário de Umbundismos

AUTORA: Teresa Manuela Camacha José da Costa

RESUMO

A situação linguística de muitos países africanos é caracterizada por um contacto permanente das línguas locais com o Português trazido pelo colonizador. No caso de Angola, esta última língua foi imposta sob pretexto de “civilizar” os autóctones. Por conseguinte, mesmo se o poder público tem envidado esforços com vista a valorizá-las, porquanto elas constituem um património de suma importância, essas línguas continuam sendo marginalizadas em detrimento do *Português*, a única língua oficial do país.

No entanto, sabe-se que o contacto do *Português* com aquelas línguas e mormente com o *Umbundu* provoca fenómeno de empréstimos interlinguísticos, surgindo aquilo que se pode designar de “*umbundismos*” e de “*portuguesismos*”.

Este trabalho demonstra portanto este fenómeno a partir de análise de muitos lexemas que se manifestam na antroponímia, toponímia assim como em várias áreas da vida *ovimbundu*.

Esta reflexão culmina na proposta da criação de um Dicionário de Umbundismos com vista à fixação e à inovação do léxico da variante do *Português angolano*.

Palavras-chave: Língua em contacto, empréstimos interlinguísticos, Léxico, *Umbundismos*

Abstract

The language situation of many African countries is characterized by a permanent contact between local languages and the languages of ex-colonizers. In the case of Angola, the Portuguese language was imposed under the excuse of “civilize” the indigenous people. Thus, despite of the local authorities’ effort to promote the use of the local languages of Angola, regarded as a valuable patrimony, they are still being marginalized, in detriment of Portuguese, the only official language of the country. However, it is indisputable that the contact of Portuguese with the local languages, mainly, the *Umbundu* language provokes linguistic interferences. Such a linguistic phenomenon creates the so called code mixing, here designated “umbundization” and “portuguizing”. This study discusses the problem of language interferences by analyzing a range of lexemes found in the Umbundu anthroponyms, toponyms, among others. The study concludes that the lexemes analyzed should be included in dictionary, as a contribution for lexical innovation of the Portuguese variant spoken in Angola.

Key-words: Language situation; Language; Interferences; Lexical; Umbundization

LISTA DE ABREVIATURAS

LA-	-----	Língua Africana
LA(s)	-----	Línguas Africanas
LO	-----	Língua Oficial
LP	-----	Língua Portuguesa
LM	-----	Língua Materna
LE	-----	Língua Estrangeira
L1	-----	Língua Primeira
L2	-----	Língua Segunda
Lu	-----	Língua umbundu
Lh	-----	Língua de Hospedagem
PE	-----	Português Europeu
PA	-----	Português em Angola
JA	-----	Jornal de Angola
La	-----	Língua Angolana
La(s)	-----	Línguas Angolanas
LL	-----	Língua Local
LL(s)	-----	Línguas Locais
LN(s)	-----	Línguas Locais
Lkik	-----	Língua kikongo
Or. LL-	-----	Origem Línguas Locais
Or. Umb.	-----	Origem Umbundu
Or.des.	-----	Origem desconhecida
Or. LN(s)	-----	Origem Línguas Nacionais

Or. LB-----	Origem Língua Bantu
Kimb-----	Kimbundu
Kik-----	Kikongo
n.f.-----	Nome Feminino
n.m.-----	Nome Masculino
Lo-----	Língua de Origem
n.m.s.-----	Nome, masculino, singular
n.m.pl.-----	Nome, masculino, plural
n.f.s.-----	Nome, feminino, singular
n.f.pl.-----	Nome, feminino, plural
cl.-----	Classe
n.n.-----	Nome Neutro
v. p. cl. -----	Verbo no presente, classe
v. cj. cl.-----	Verbo, conjugado, classe
Cl. Pref.-----	Classe, prefixo
Ul-----	Unidade lexical
Ul(s)-----	Unidades lexicais

INDICE

0- INTRODUÇÃO	1
0.1- Contextualização	3
0.2- Objectivos	5
0.3- Hipóteses	6
0.4- Metodologia de Investigação	7
CAPÍTULO I- IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA UMBUNDU NO CONTEXTO GEOLINGUÍSTICO ANGOLANO	9
1.1- Situação Sociolinguística	10
1.1.1- Línguas bantu e não- bantu em Angola	12
1.1.2- Os ovimbundu em Angola	13
1.1.2.1- Alguns costumes dos ovimbundu	15
1.1.2.2- Origem do termo ovimbundu e sua língua	20
1.2- Estatuto da Língua Portuguesa no Período Colonial	22
1.2.1- Contributo das missões evangélicas no ensino do Português e do Umbundu	25
1.3- Características da Língua Umbundu	27
1.3.1- O Português na região Centro-sul	30
CAPÍTULO II- PRINCÍPIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	32
2.1- Lexicologia e Lexicografia	33
2.2- Léxico e vocabulário	37
2.3- Terminologia	41

2.4- Inovação Lexical e Formação de Novas Unidades Lexicais-----	43
2.4.1- Neologia-----	48
2.4.1.1- Tipos de neologismos-----	50
2.4.1.1.1-O empréstimo interlinguístico-----	52
2.4.2- Critérios de identificação de neologismos-----	53
2.5-Língua e Cultura-----	54
2.6- Contribuição Lexicográfica em Angola-----	56
CAPÍTULO III – CONTACTO DE LÍNGUAS: UMBUNDU – PORTUGUÊS-----	57
3.1- Contacto do Português com as Línguas Bantu de Angola-----	58
3.1.1- Os falantes do português-----	63
3.1.2- Os falantes da Língua Umbundu: sua origem-----	65
3.1.2.1- Variantes da Língua Umbundu-----	66
3.2- Sistema Linguístico do Português-----	68
3.3- Sistema Linguístico do Umbundu-----	71
3.3.1- Alfabeto do Umbundu-----	76
3.4- Interferências entre o Português e Umbundu-----	79
3.4.1- Fenómeno da interferência-----	79
3.4.2- Contactos entre línguas: umbundismos e portuguesismos-----	80
3.4.2.1-Umbundização de unidades lexicais do Português-----	81
3.4.2.2-Bantuização de portuguesismos em Umbundu, Kimbundu e Kikongo-----	87
3.4.2.3-Umbundização e aportuguesamento de topónimos-----	88

3.4.2.4- Processos morfológicos utilizados nos processos de umbundização-----	91
---	----

CAPÍTULO IV- CORPUS DE UMBUNDISMOS: DESCRIÇÃO E ORGANIZAÇÃO PRÉ-

LEXICOGRÁFICA-----	96
4.1- Linguística de <i>Corpus</i> -----	97
4.1.1- Conceito de <i>Corpus</i> -----	98
4.1.1.1- Tipos de <i>corpus</i> -----	99
4.2- Constituição do <i>Corpus</i> de Umbundismos-----	100
4.2.1- Umbundismos no Português-----	102
4.2.1.1- Aportuguesamento dos Umbundismos-----	104
4.2.1.1.1- Adaptações fonológicas-----	106
4.2.1.1.1.1- Sistema vocálico-----	107
4.2.1.1.1.2- Sistema consonântico-----	109
4.3- Umbundismos: Organização em Campos Lexicossemânticos-----	112
4.3.1-Topónimos e seu valor semântico-----	113
4.3.2- Antropónimos e o seu valor semântico-----	121
4.3.2.1- Antropónimos relativos ao nascimento, à situação familiar e social-----	122
4.3.2.2- Antropónimos relativos a sentimentos e valores morais-----	135
4.3.3- Alguns Umbundismosda vida social-----	139
4.3.4- Alguns Umbundismos relativos a alimentos-----	145
4.3.5- Alguns Umbundismos relativos a plantas-----	150

4.3.6- Alguns Umbundismos relativos a Animais-----	154
4.3.7- Alguns Umbundismos relativos a Instrumentos Musicais-----	162
4.3.7.1- Relações semânticas entre as unidades lexicais -----	166
4.3.7.1.1- Hiponímia e hiperonímia-----	167
4.3.7.1.2- Holonímia e meronímia-----	168
4.4-Umbundismos em Textos Literários, Científicos e Jornalísticos-----	169
CAPÍTULO V- MODELO DE DICIONÁRIO DE UMBUNDISMOS-----	173
5.1- História dos Dicionários-----	174
5.1.1- O dicionário-----	175
5.1.2- Tipos de dicionários-----	176
5.1.2.1- Dicionário monolíngue-----	177
5.1.2.2.- Dicionário bilingue-----	178
5.1.3- A dicionarística-----	182
5.1.3.1- Público- alvo-----	182
5.1.3.2-Macro e micro- estrutura do Dicionário de Umbundismos-----	183
5.1.3.2.1- Exemplos de entradas do Dicionário de Umbundismos-----	185
6. CONCLUSÃO-----	192
7. BIBLIOGRAFIA-----	196
7.1. Bibliografia de Linguística-----	196
7.2. Dicionários e Gramáticas-----	201
7.3. Bibliografia sobre Angola-----	202

7.3.1. Jornais e Revistas (angolanas)-----204

7.4. Sites-----204

8. LISTA DE FIGURAS

8.1. FIGURA Nº 01: Dança de mulheres-----	16
8.2. FIGURA Nº 02: Ndjamba e Hosi-----	17
8.3. FIGURA Nº 03: Ngueve-----	17
8.4. FIGURA Nº 04: Cisângua-----	19
8.5. FIGURA Nº 05: Mulheres a moerem o milho-----	143
8.6. FIGURA Nº 06: Mulher calçada com olohaku-----	144
8.7. FIGURA Nº 07: Ocitina-----	147
8.8. FIGURA Nº 08: Peixe kabuenha-----	148
8.9. FIGURA Nº 09: Prato preparado à base de olombua (calulú)-----	149
8.10. FIGURA Nº 10: Omukaku-----	150
8.11. FIGURA Nº 11: A planta ocandala-----	152
8.12. FIGURA Nº 12: Ombulututu-----	153
8.13. FIGURA Nº 13: Onguali (perdiz)-----	158
8.14. FIGURA Nº 14: Homens tocando a elimba-----	163
8.15. FIGURA Nº 15: Epwita-----	164
8.16. FIGURA Nº 16: Homem teclando o ocisandji-----	166

9. LISTA DE QUADROS

9.1. QUADRO 01: Alguns Nomes Próprios, em Português e LN(s)-----	62
9.2. QUADRO 02: Variantes da Língua Umbundu-----	67
9.3. QUADRO 03: Alfabeto do Português-----	69
9.4. QUADRO 04: Classes da Língua Umbundu-----	72
9.5. QUADRO 05: Processo de Emparelhamento em Umbundu-----	74
9.6. QUADRO 06: Alfabeto da Língua Umbundu-----	76
9.7. QUADRO 07: Umbundização de portuguesesismos-----	83
9.8. QUADRO 08: Bantuização de portuguesesismos por campos lexicais-----	87
9.9. QUADRO 09: Topónimos antes e depois da Independência-----	89
9.10. QUADRO 10: Alguns Umbundismos no Português-----	103
9.11. QUADRO 11: Deformação gráfica de antropónimos Umbundu-----	105
9.12. QUADRO 12: Aspectos da perda da nasalidade-----	107
9.13. QUADRO 13: Aspectos da Mudança da Vogal Final-----	108
9.14. QUADRO 14: Aspectos da Ditongação-----	108
9.15. QUADRO 15: Aspectos da Perda da Pré- nasal-----	109
9.16. QUADRO 16: Aspectos da Substituição da Fricativa pela Bilabial-----	109
9.17. QUADRO 17: Aspectos da Substituição da Lateral pela Vibrante-----	110
9. 18. QUADRO 18: Aspectos da Substituição da Consoante /s/ pela Dupla /ss/-----	110
9.19. QUADRO 19: Aspectos da Substituição da Consoante /C/ pelo Dígrafo /Ch/----	111
9.20. QUADRO 20: Aspectos da Substituição de Vários Fonemas-----	111

9.21. QUADRO 21: Aspectos da Substituição de Consoantes-----	112
9.22. QUADRO 22: Aportuguesamento de Topónimos-----	120
9.23. QUADRO 23: Relações Semasiológicas-----	167
9.24. QUADRO 24: Relações de Melonímia- Holonímia-----	168

10. ANEXOS-----I

10.1. Anexo 1- Os Umbundismos na Literatura Angolana-----II

10.2. Anexo 2- Os Umbundismos nos Falantes Angolanos (Observação)-----VI

INTRODUÇÃO

A nossa investigação tem como tema *“Umbundismos no Português de Angola – Proposta de um Dicionário de Umbundismos.”*

O presente tema remete-nos para situações linguísticas de diferentes países, sobretudo as dos países africanos, onde a convivência entre várias línguas é uma realidade. Assim, Angola não é excepção. Tal como a inglesa e a francesa, noutras regiões do globo, a Língua Portuguesa foi introduzida, no país, com o argumento de civilizar os indígenas. Para que isto fosse uma realidade, durante muitos séculos, as línguas nacionais foram desprezadas em favor da Língua Portuguesa.

Hoje, passados quarenta anos de independência, em termos de políticas linguísticas, o país enfrenta problemas, no que se refere à tomada de posições claras pelas autoridades, na implementação do ensino dessas línguas, embora se vislumbre alguns sinais em relação a essa matéria.

O facto de o Português ser a única língua de trabalho na administração e no sistema educativo não deveria levar à marginalização das línguas nacionais, por se constituírem, a par do Português, um património histórico-cultural de extrema importância para os angolanos.

Reconhece-se algum esforço no que respeita à sua inclusão nos serviços noticiosos, sobretudo em alguns programas da TV angolana. Porém, isso é quase nada, enquanto não houver, de facto, a vontade de massificá-las, incluindo-as no sistema educativo para, como o Português, serem aprendidas pelos seus respectivos falantes.

Hoje, em Angola, não se conhecem trabalhos realizados em línguas nacionais, no que se refere à produção escrita, embora se reconheçam alguns realizados antes da independência, sobretudo por alguns missionários católicos, métodos pelos quais se conservam e se promovem a língua, pois o oral é cadente e efémero no decorrer do tempo.

O estudo das línguas nacionais é incontornável porque, em termos de protecção do património científico, cultural e histórico, elas constituem uma das poucas heranças que ficaram depois da chegada dos europeus, juntamente com a Língua Portuguesa.

Actualmente, apesar de uma grande parte dos jovens angolanos não saber expressar-se em línguas nacionais, essa mesma juventude (e não só) procura conhecer cada vez mais as suas raízes e tradições e na sua comunicação em Língua Portuguesa, embora inconscientemente recorre, frequentemente, a unidades lexicais e expressões próprias dessas línguas, aportuguesando-as, fazendo com que a variante do Português ganhe uma característica peculiar. Aliás, não é em vão que grande parte de músicos angolanos cante em línguas nacionais, sobretudo em Kimbundu e Umbundu; mencionamos apenas alguns exemplos como o conceituado músico Barceló de Carvalho “Bonga”, Lourdes Van-Dúnem, Jacinto Tchipa e outros.

Ao longo deste trabalho, demonstrámos esse fenómeno, procurando dar o seu significado e ao mesmo tempo, propomos a dicionarização dos empréstimos do Umbundu, contribuindo para a inovação do léxico angolano e a posterior fixação da variante do Português em Angola, embora alguns defendam a semelhança desta com a variante do Português do Brasil. Contudo, nós achamos não ser verdade, especialmente na questão da estrutura sintáctica, pois o Português de Angola aproxima-se da norma europeia, (lembra-se que Angola ainda não ratificou o Acordo Ortográfico de 2008), embora com algumas particularidades inerentes à estrutura das línguas nacionais, no que diz respeito ao léxico, concretamente o da Língua nacional Umbundu.

0.1. Contextualização

Qualquer língua tem uma função primordial numa dada sociedade, constituindo a comunicação privilegiada pela qual o indivíduo expressa ideias, pensamentos, enfim, tudo o que lhe vai na alma. Com o decorrer do tempo, essa expressividade ganha conotações várias, em consequência do meio e da realidade circundante em que esse indivíduo vive.

Queremos então sublinhar que desde os primeiros contactos linguísticos entre os portugueses e os nativos (1482) até à actualidade, o Português sofreu transformações a vários níveis. Esse é um fenómeno normal, nas línguas vivas, que

deve encorajar os investigadores, no sentido de “acompanhar” e aprofundar mais a questão, de forma a encontrar os benefícios dessas transformações, pois a língua, como já referimos, reflecte, antes de tudo, a realidade cultural de um povo.

De facto, a realidade e as culturas angolanas são muito próprias e diferentes da realidade e cultura do país anfitrião de que a língua padrão é originária. Daí a crescente angolanização do Português, como reflexo da nossa especificidade, sendo concreta e palpável a vários níveis linguísticos; ela vai desde o léxico, propriamente dito, passando pela fonologia, morfossintaxe, até à semântica.

Seríamos muito ambiciosas se tratássemos de todos esses campos. Assim, a nossa escolha limitou-se ao campo do léxico, especificamente na área daquilo que passámos a chamar de “Umbundismos” presentes no Português que, hoje, se fala em Angola, sobretudo na zona Centro-sul; tal léxico tem origem na língua Umbundu.

Foram longos anos de convivência entre o Português e as línguas nacionais. Esse contacto ocasionou interferências a nível do léxico e também a nível fonético, pois o autóctone não consegue pronunciar certas palavras da língua portuguesa com a mesma espontaneidade de um nativo português.

Ao longo do nosso trabalho, apresentámos essas interferências no Português de Angola, das quais resultaram fenómenos de empréstimos lexicais: os “Umbundismos”; pontualmente, referímo-nos a outros empréstimos provenientes de outras línguas de Angola, muito em especial da Língua Kimbundu, empréstimos que designámos de “Kimbundismos”.

Pensamos nós que esse intercâmbio lexical aconteceu e continua a acontecer por não existir em cada uma das línguas em contacto, Umbundu/ Português, unidades lexicais que expressem exactamente a realidade sociocultural presente numa dessas línguas.

Assim, em relação ao intercâmbio lexical das línguas em contacto, Beatriz Mendes (1985: 61) afirma que “...quando duas línguas estão em contacto tem de haver também, inevitavelmente, por interinfluência, mudanças numa e noutra.”

0.2. Objectivos

Para a elaboração deste trabalho, propusémo-nos alcançar alguns objectivos em torno do tema que, achámos não ter sido suficientemente aprofundado na nossa dissertação para a obtenção do grau de Mestre, dando-lhe, desta vez, um cunho mais específico, pois quisemos, desta vez, ter como objectivo principal a elaboração de um Dicionário de Umbundismos.

Como sublinhámos, anteriormente, procurámos perceber as causas da presença dos “Umbundismos” ou de outros empréstimos no Português, em Angola.

Com este estudo, pensamos contribuir, num futuro (a médio prazo), para a elaboração de um Dicionário Bilingue Umbundu- Português, apresentando um estudo por equivalências, de maneira a servir melhor o público de todo o espaço lusófono que queira visitar ou viver no Centro-sul de Angola.

Muitos empréstimos provenientes das Línguas Nacionais, já se encontram dicionarizados, como os exemplos que apresentámos:

Soba(do Quimb. *Soba, potentado*), s.m., chefe de tribo na África; régulo;

bazar (do pers. *Bazar, mercado permanente*), s.m., mercado público nos países orientais; (...); v. intr. (Angola): fugir precipitadamente, desaparecer; (do Quimb. *Kubanza, «romper»*), in *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 2013.

Existem muitos outros empréstimos relativos ao léxico das línguas nacionais de Angola, que no decorrer do trabalho, tivemos a oportunidade de demonstrar. Mesmo assim, achamos ser bastante reduzido se compararmos com a quantidade de empréstimos que encontramos a nível da oralidade que, caso não sejam contemplados nos dicionários, acabarão por desaparecer, o que seria um *empobrecimento* lexical para o Português de Angola.

A sistematização de tais empréstimos-Umbundismos, numa obra que venha a servir a comunidade lusófona, aportaria grande riqueza linguística para todo o espaço lusófono. Referimo-nos aos Umbundismos integrados na língua corrente, relativos a

aspectos sociais e culturais, mas também aos Umbundismos presentes noutros domínios como a onomástica, a antroponímia, toponímia, fauna e flora.

Assim, os objectivos que delimitámos para esta investigação são:

- Identificar e descrever os “umbundismos” no Português no nosso país;
- Efectuar um estudo comparativo entre o léxico da Língua Umbundu e o da Língua Portuguesa, contribuindo assim para um melhor conhecimento do léxico do Português contemporâneo de Angola;
- Contribuir para uma descrição rigorosa do léxico da Língua Umbundu.
- Criar um *Dicionário de Umbundismos* para que, num futuro próximo, se elabore um Dicionário de Umbundismos, contribuindo assim para um estudo científico da Língua Umbundu.

No que concerne ao tema, não seria possível analisar todos os empréstimos lexicais que fluem de todas as Línguas Nacionais faladas em Angola.

Preferimos delimitá-lo, de forma a incluir apenas a Língua Umbundu, objecto do nosso estudo, embora em alguns casos, tenhamos recorrido à Língua Kimbundu, por serem as duas línguas com maior número de falantes, no contexto sociolinguístico angolano.

0.3. Hipóteses

Como fizemos referência, o multilinguismo caracteriza a situação linguística de Angola. No contacto com as pessoas, verificámos que um determinado indivíduo domina uma ou mais Línguas Nacionais, além do Português que é a língua oficial.

Apesar de possuir um certo domínio da Língua Portuguesa, esse indivíduo, na comunicação com os outros, no contacto familiar, recorre frequentemente a “empréstimos” das Línguas Nacionais para complementar ou ainda clarificar a sua comunicação.

Assim, em relação ao tema, formulámos as seguintes hipóteses:

- No Português em Angola estão presentes os empréstimos lexicais provenientes das Línguas Nacionais, muito em especial do Umbundu, que apresentámos ao longo deste trabalho;

- Independentemente do seu grau de formação, no contacto informal, o falante nativo da Língua Umbundu recorre sempre a “Umbundismos” para complementar ou clarificar a sua comunicação;

- Há uma tendência para a disseminação desses “Umbundismos” em todo o país.

0.4. Metodologia de Investigação

Sendo um trabalho feito sobre a Língua Nacional Umbundu, em simultaneidade com a Língua Portuguesa, como língua de referência, em relação ao método a usar, para que nos podesse conduzir à obtenção dos objectivos anteriormente traçados, recorremos à investigação bibliográfica, nas áreas específicas da Lexicologia, Lexicografia e da Terminologia.

Cientes de que ela nos ajudaria a documentar-nos convenientemente, fizemos uma recolha bibliográfica de autores que já tenham abordado sobre o tema do léxico em geral e de alguma forma sobre o léxico do Português de Angola, concretamente o da Língua Umbundu, recorrendo também à pesquisa em alguns Dicionários da Língua Portuguesa para a identificação de algum léxico de origem Umbundu, aí, existente.

Outros documentos que tivemos em conta, na investigação, foram as obras literárias e uma obra científica de alguns escritores angolanos e a imprensa escrita de Angola, com o intuito de encontrarmos os Umbundismos mais usados por eles.

Tendo em mente que os escritores e os jornalistas são, normalmente, criadores de neologismos, muitas vezes, à margem do falante comum, tivemos a preocupação de testá-los junto dos falantes, através de entrevistas e/ou de uma observação directa ou indirecta, obtendo assim a certeza da extensão de uso, relativamente a estas unidades lexicais.

Por último, efectuámos a análise dos diferentes tipos de Umbundismos encontrados no Português contemporâneo de Angola.

Alguns destes Umbundismos, num futuro próximo, constituirão a numenclatura do *Dicionário de Umbundismos*.

CAPÍTULO I

IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA UMBUNDU NO CONTEXTO

GEOLINGUÍSTICO ANGOLANO

1.1. Situação Sociolinguística

Angola, com mais de vinte e quatro milhões de habitantes, segundo as estatísticas, saídas do Censo Populacional de Maio de 2014, dados a serem confirmados oficialmente, em fins de 2015, é um país plurilingue, pois, de uma forma geral, um angolano pode possuir uma competência linguística de uma ou mais línguas locais, chegando a usá-las como um dos instrumentos de comunicação. Nesse contexto, também se pode falar da existência do multilinguismo, porque, no contexto social, existem várias línguas a interagirem entre si.

Segundo Amélia Mingas (2000: 32), em Angola, existem línguas pertencentes à família linguística bantu e outras à família não-bantu.

Logo a seguir à independência, em 1975, já num regime político novo, a Língua Portuguesa continuou a ser língua oficial, língua de estado e de ensino.

Na actualidade, perante um verdadeiro mosaico linguístico, o Português constitui a única língua de comunicação entre todos os angolanos, visto que cada um dos falantes possui, provavelmente, a sua língua materna e pode dominar a língua local (da região em que vive) e ainda a língua oficial (o Português).

Dentro do referido mosaico, a Língua Umbundu é falada na região/ província do Centro-sul do país (Bié, Huambo, Benguela e uma parte da Huíla), exceptuando assim o Kunene, Namibe, Kuando-Kubango e uma outra parte da Huíla, embora hoje já se encontrem comunidades linguísticas umbundu por todo o lado do país.

Segundo pesquisas feitas por Amélia Mingas (2000: 35- 36), em termos de falantes, estatisticamente, estima-se que a Língua Umbundu ocupe o primeiro lugar, totalizando cerca de 2.500.000 locutores, num universo constituído por diversas Línguas Nacionais. Porém, segundo as nossas investigações, a julgar pelo cessar da guerra, em 2002, este número pode ter aumentado significativamente, pois houve uma explosão dos ovimbundu que viveram vários anos no cativeiro da UNITA e com a paz, regressaram às cidades, vindo a engrossar o número estimado por Amélia Mingas em 2000. Pesquisas muito mais recentes ainda apontam para a existência de mais de 5.500.000 falantes do Umbundu; como referimos acima, hoje, esses dados carecem de

confirmação, facto que será feito, em finais de 2015, com a publicação dos resultados do censo populacional, realizado em Maio de 2014.

De referir que todas as línguas nacionais de Angola, segundo Teresa Costa (2013: 18) *são estruturalmente diferentes, embora pertencendo a duas famílias linguísticas (a família das línguas bantu e a das não- bantu).*

Apresentamos, em baixo, o mapa etnolinguístico de Angola:

MAPA ETNOLINGUÍSTICO DE ANGOLA



in FERNANDES, J., NTONDO, Z., (2002: 57), Angola Povos e Línguas, Editorial Nzila, Luanda

1.1.1. Línguas bantu e não-bantu em Angola

Segundo a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos de 1996, publicada em Barcelona, no artigo 41, todas as comunidades linguísticas têm o direito de utilizar a sua língua, mantendo-a e promovendo-a em todas as formas de expressão cultural.

Retomando esta declaração e citando Zavoni Ntongo e João Fernandes (2002: 18), em Angola,

“As línguas não Bantu e Bantu, consideradas nacionais, não gozam de nenhum estatuto definido, servindo somente de línguas de comunicação a micro-nível, ... entre os membros de um mesmo grupo etnolinguístico...”.

Teophile Obenga (cf. 1977: 376) afirma que ao classificar as línguas bantu significa classificar as diferentes etnias bantu, pois estas são designadas pelo mesmo termo, que serve para designar os seus falantes.

Assim, podemos afirmar que as línguas nacionais e a sua promoção em todas as formas de expressão cultural, não se aplicam a todos os níveis, mas apenas à comunicação entre os membros de um mesmo grupo etnolinguístico.

As línguas bantu, no país, são: Ambundu, Bakongo, Ovimbundu, Tucokwe, Vangangela, Ovanyaneka-nkhumbi, Ovahelelo, Ovambo; as não-bantu são: Khoisan e Vátwa. É de referir que cada um destes grupos possui variantes.

As línguas não-bantu são originárias de África e têm características diferentes das línguas bantu.

Assim, as línguas bantu são oriundas de África subequatorial. Segundo Chicuna (cf. 2009: 11) e por Altuna (2006: 23)

o termo bantu, “...aplica-se a uma civilização que conserva a sua unidade e foi desenvolvida por povos de raça negra...”

Por sua vez significa pessoa/as, vindo do lexema *muntu* (singular) e *bantu* (plural).

Esta designação surge pela primeira vez na obra de Wilhelm Bleek, em 1862, fazendo referência a um conjunto de línguas, com características comuns, línguas essas que eram faladas, maioritariamente, na África ao sul do Equador.

Altuna (2006: 23) vai mais longe, dizendo que

“As línguas bantu, que se podem contar às centenas, têm um tal grau de parentesco que só se compreende partindo de um tronco comum primitivo”.

Ainda segundo o mesmo autor, a existência dos prefixos é característico das línguas bantu, determinando assim os princípios de classificação e concordância das palavras, nessas línguas.

Segundo Chicuna (2009: 11), no séc. XIX,

“o que significava pessoa(s) = muntu/ bantu(segundo Wilhelm Bleek), hoje, ganhou outras acepções como: cultura, população e outras.

Se tivermos em conta que qualquer língua transporta consigo a cultura de um povo, podemos pois admitir que o termo *bantu* designe: línguas semelhantes fonética e morfologicamente, transportando estruturas semânticas lexicais e culturais.

Assim, podemos afirmar que o povo bantu fala línguas pertencentes à mesma família de línguas, embora englobe etnias diversificadas.

A etnia dos ovimbundu usa o mesmo *omunu/ omanu* para designar, exactamente, a mesma coisa: *pessoa/s*.

1.1.2. Os ovimbundu em Angola

Geograficamente, o território dos ovimbundu tem limites fronteiriços que vamos descrever de forma detalhada. A Língua Umbundu faz fronteira a Leste com a Língua Cokwé (província do Moxico); a Norte, encontramos a Língua Kimbundu,

(província do Kwanza-Sul), a Sul, a Língua Nhyaneka – Humbi e o Oshihelelo, (na Huíla) e ainda a sudoeste, encontramos a Língua Ngangela, na província do Kwando-Kubango.

Seguindo a geografia traçada, podemos verificar que o Umbundu estende-se, precisamente, em três áreas principais que constituem as três províncias do Huambo, Bié e Benguela.

Apesar dessas áreas, e segundo Zavoni Ntongo (cf. 2002: 55), a língua em estudo estende-se por outras províncias vizinhas, como: Namibe, parte nordeste do Kwando- Kubango, Huíla e parte sul da província do Kwanza-Sul.

Sem medo de errar, hoje, podemos encontrar uma boa parte da comunidade linguística umbundu, na capital do país, por ser o ponto de confluência de todas as línguas do país.

O contacto dos ovimbundu com os portugueses data do século XV. Nessa altura, a actividade económica umbundu e a sua organização social demonstraram características muito próprias.

Mas, objectos históricos encontrados como: objectos em argila, em madeira são testemunhas de uma presença mais remota dos ovimbundu, no Planalto Central, muito antes do séc. XV.

Bastantes objectos arqueológicos têm sido encontrados, como por exemplo, restos de muralhas à volta das *ombalas*, que são as grandes aldeias, onde vivem os sobas que representam as autoridades tradicionais.

Na cultura dos ovimbundu, o papel do soba representa a autoridade, mas não quem pensa e decide por todos. As decisões são tomadas em conselho, de acordo com a experiência e a sabedoria dos velhos do grupo. Os sobas encarnam os antepassados, com uma força vital vinda do passado, formando uma dinastia.

A título de exemplo, abordaremos alguns aspectos importantes da cultura dos ovimbundu.

1.1.2.1. Alguns costumes dos ovimbundu

Cada povo tem os seus costumes, a sua maneira de estar na sociedade que de alguma forma reflectem a sua cultura.

Os ovimbundu apreciam a música e a dança diversificadas de acordo com as circunstâncias dos ritos a serem celebrados. Pela música e pela dança, eles manifestam os seus sentimentos afectivos que podem ser de alegria ou até de tristeza.

Altuna (2006: 24) reforça essa ideia ao referir:

“Os Bantu, além do nítido parentesco linguístico, conservam um fundo de crenças, ritos e costumes similares, uma cultura com traços específicos e idênticos que os assemelha e agrupa, independentemente da identidade racial”.

Para os ovimbundu, o dançarino passa a ser visto como uma figura pública que domina a arte da dança, conquistando assim um espaço de referência na sociedade em que está inserido.

No grupo de dançarinos, encontramos pessoas de ambos os sexos, aptos a executarem a arte que lhes é característica, nas festas tradicionais, como por exemplo, na entronização de um rei, na apresentação de um(a) recém-nascido(a), na iniciação da puberdade, na morte do rei, do soba grande, etc.

Falando de danças executadas, podemos encontrar as seguintes:

a) A dança **olundongo** – esta é apenas executada pelos mais velhos da aldeia. É uma dança permitida apenas de dia. Os seus executantes vestem-se de panos amarrados com cinto, juntamente com o batuque, ao corpo.

Tradicionalmente, essa é uma dança que se usa nas entronizações e nos óbitos e nas **kombas** (término dos óbitos) dos soberanos, dançarinos, caçadores e os circuncisores (os que executam a circuncisão).

b) A dança **onyaca** – é uma dança que só é executada por mulheres.

Culturalmente, essa dança é usada na komba (em que se despe o luto, depois de terminado o tempo estipulado) de quem em vida também foi dançarina dessa modalidade.

FIGURA Nº 01

Dança só de mulheres



c) A dança **okatita** – é uma modalidade que, tradicionalmente, é usada por ambos sexos e que é apropriada e indicada para as diversões.

Na cultura em referência, para além da dança, existem os usos e costumes, como é o caso daqueles que são ligados ao nascimento de um novo ser nas famílias, sobretudo quando se trata de gémeos.

Para esse povo, o nascimento dos gémeos é motivo de muita alegria, não só para a família, mas também para a sociedade em geral. À alegria da família junta-se também a preocupação de os manter vivos durante o crescimento.

Segundo o costume, quando esses bebés nascem são saudados com insultos de alegria. Mandam as regras que, mãe e gémeos, depois da caída dos umbigos dos filhos, são levados para fora de casa, envoltos em lama, enquanto a mãe é arrastada no lodo, passando assim com ela à volta da sua casa, num alarido de insultos, assobios e ao som do chifre de cabrito ou de boi, com um balaio cheio de milho cozido sem desfarelar. Esse milho cozido desta forma, em Umbundu é designado por **ombulungu**. À medida que vão dando voltas à casa com os gémeos e arrastando a mãe, vão comendo ombulungu, ao longo de toda a manhã.

Esta cerimónia conhece o seu término com o enterrar dos umbigos das crianças junto ao cruzamento e as roupas da parturiente, no momento do parto, são atiradas ao rio, pelo curandeiro que acompanhou o parto e os primeiros dias desses bebés. Chegada a hora da atribuição dos nomes, esses bebés, recebem os nomes dos animais mais temidos na fauna angolana. Segundo os pares nascidos, eles serão:

- 1- Se forem dois meninos, o primeiro a nascer recebe o nome de Ndjamba (elefante) e o segundo a nascer, recebe o nome de Hosi (leão).

FIGURA Nº 02



Ndjamba (1º gémeo)



Hosi (2º gémeo)

- 2- Se forem duas meninas, a primeira a nascer vai chamar-se de Ndjamba e a segunda, Ngueve (hipopótamo);

FIGURA Nº 03



Ngueve (2ª gémea)

- 3- Se for um casal (menino e menina), estes recebem o nome de Ndjamba (elefante) e Ngueve (hipopótamo), simultaneamente.

Segundo os costumes, ao longo do seu crescimento esses bebês devem ser tratados de igual forma; devem usar roupas idênticas e serem alvos dos mesmos direitos, evitando assim possíveis ciúmes e aborrecimentos entre eles.

Se por infelicidade um dos gêmeos morre, a mãe não deve chorar, nem entristecer-se diante do outro sobrevivente, evitando assim que o outro irmão se aperceba do óbito.

Após o funeral do gêmeo, segundo a tradição, deve criar-se um boneco de madeira, em pequenas dimensões, vesti-lo com as mesmas cores do gêmeo vivo. Esse deve acompanhar sempre o irmão vivo até que ele cresça.

Para além destes, existem outros costumes, como é o caso dos **akokoto** e da **chuva**.

O povo ovimbundu venera muito os seus antepassados. Para isso, constrói pequenas casotas, que designam por akokoto ou atambo (segundo o caso), onde depositam os seus venerandos. Considera-se o akokoto um lugar sagrado, onde encontramos sepulturas dos antepassados.

Na cultura dos ovimbundu, embora hoje já com tendência a desaparecer, existe a crença de que, quando uma pessoa morre, o seu espírito permanece entre os seus, como uma manifestação efectiva do poder, da personalidade e conhecimento dessa mesma pessoa na sociedade.

Por isso, crê-se que os espíritos têm uma influência poderosa sobre os vivos. Daí o cuidar bem dos seus túmulos para que não haja uma “revolta” desses espíritos.

É permitido visitar esses akokoto. Porém há uma série de rituais à volta dessa permissão. Para se ter acesso a essa visita é necessário que os visitantes unjam os pulsos e os tornozelos com óleo de palma e de elimbui (um produto cujo nome vem de **elimbo** que significa purificação). Depois de ser ungido e purificado, então o visitante tem acesso ao akokoto.

Essa visita é acompanhada por um guia, uma pessoa indicada pela corte da embala, que geralmente é um soba e cabe a ele tomar a dianteira (ir sempre à frente).

Quando o local a visitar é o **etambo**, lugar onde se encontram as caveiras dos antepassados, o ritual de purificação é bastante mais rigoroso. Usa-se o primeiro passo

do processo anterior; em seguida, o visitante deposita uma quantia monetária no balaio; em seguida, entrega-se à autoridade uma garrafa de walende (aguardente) e um galo. Depois de se realizar o ritual com todos os elementos entregues, então pode-se entrar no etambo.

Não menos importante e interessante é o ritual à volta da **chuva**. Quando há uma estiagem prolongada, crê-se que os “deuses” estão tristes e revoltados. Logo, há que oferecer sacrifícios para que eles permitam que chova.

Nessa altura, os **ovasekulu** (os mais velhos) da aldeia reúnem-se à entrada dos akokoto, lugar apropriado para esse rito, pois pede-se aos antepassados para que façam cair a chuva.

Este ritual segue os seguintes passos: primeiro, limpa-se o local; em seguida, a mulher do soma (soba) prepara a comida, que é à base de canjica de milho e feijão e sacrificam alguns animais (cabras, galinhas, etc); posteriormente, preparam-se as bebidas tradicionais (kacipembe= aguardente e a cisângua = gasosa tradicional).

FIGURA Nº 04

Cisângua



A cisângua é uma bebida feita à base de água e farinha de milho (branco ou amarelo); pode ser gaseificada ou não, dependendo dos dias em que permanece no recipiente. Na cultura dos ovimbundu, à cisângua acrescenta-se o **ombundi** (raízes silvestres, doces), que é descascado, bem lavado e pisado no pilão e colocado na cisângua, no segundo dia de ser confeccionada; o ombundi substitui o açúcar. Depois de tudo preparado, come-se, bebe-se e dança-se ao som do batuque, oferecendo tudo aos espíritos.

Terminado o ritual, se não chover, é sinal de que os antepassados não gostaram da cerimónia. Será necessário repetir a cerimónia. Caso chova, é sinal de que os antepassados gostaram muito do ritual feito.

Os ovimbundu existem há muitos séculos, ao longo dos quais foram acumulando experiências e vivências que, hoje, resultam numa cultura complexa.

Assim, as crenças e os costumes são o resultado das vivências desta sociedade.

1.1.2.2. Origem do termo ovimbundu e a sua língua

O termo ovimbundu, como já fizemos referência, deriva da evolução semântica do termo *mntu* que, em diversas expressões linguísticas africanas, assume o significado de pessoa.

No que concerne às origens da Língua Umbundu, sabe-se que existem vários símbolos de escrita primitiva que se têm encontrado em cavernas rupestres, destacando-se as mais conhecidas que são as de Kaniñili, na confluência entre Bailundo e Mungo, na região de Huambo, datando de há milhares de anos A.C.

Alguns objectos arqueológicos, como vasos de argila e cabaças, são testemunhos desse povo; ainda, hoje, esses símbolos exprimem, em artes plásticas, os elementos fundamentais da cultura dos ovimbundu e da sua língua.

No entanto, quer os proto-ovimbundu, (os primeiros ovimbundu), quer os pesquisadores da Língua Umbundu, não foram sistemáticos no desenvolvimento desses símbolos, de forma a constituírem uma tradição, através da qual se pudesse fundamentar uma escrita e que passasse facilmente de geração em geração.

Na actualidade, a escrita em Umbundu utiliza os símbolos da língua latina (o Português), ao mesmo tempo que para a sua leitura recorre à fonética das línguas bantu, das quais o Umbundu faz parte.

Na época moderna, é frequente os escritores e os pesquisadores da Língua Umbundu servirem-se de símbolos fonéticos e gráficos de outras línguas africanas e

européias (caso do inglês). Essa realidade, por um lado mostra a carência de autonomia gráfica da Língua Umbundu e, por outro lado, constitui uma oportunidade para tornar fácil a leitura e a escrita, nessa língua, para os seus principiantes que possuam alguns conhecimentos dos sistemas gráficos das línguas bantu e das línguas neolatinas.

Daí a vantagem da vizinhança do sistema de escrita em Umbundu com a língua neolatina (o Português), pois, na actualidade, ela absorveu a maior parte dos caracteres do Português para a sua representação gráfica, tornando-a assim numa língua mais fácil de aprender para quem possua conhecimentos básicos das línguas latinas e africanas de origem bantu.

Quanto à língua, propriamente dita, pertence ao Planalto Central e a uma parte do Sul do país. Tem o maior número de falantes e a sua área de difusão engloba as províncias de Bié, Huambo e Benguela. Para além dessas províncias, segundo Zavoni Ntongo e João Fernandes (cf. 2002: 55), a influência dessa língua é notória noutras províncias, como é o caso de Namibe, Kwando- Kubango e Huíla.

É de salientar que a Língua Umbundu apresenta algumas variantes que têm as seguintes designações: *ambwi, cikuma, kacisandje, kakonda, lumbu, mbalundu, muhanya, ndombe, nganda, sambu, viye e wambu*.

Malcom Guthrie (cf. 1948: 50), pesquisador das línguas africanas, classificou as línguas bantu em grupos denominados de “zonas” e, por conseguinte, atribuiu uma letra a cada uma dessas zonas e um número à cada língua de cada zona diferente.

Nesse contexto, a Língua Umbundu ficou enquadrada na **zona R**, sob o **nº 10**, onde se enquadram outras línguas angolanas, em particular, como é o caso de **oxikuanhama, oxitherero, olunyaneka, nkhumbi** e, em geral, outras línguas africanas com as mesmas características, como por exemplo: a presença da vogal de “*aumento*” que precede sempre o prefixo nominal em todas as classes, exceptuando a classe 5, onde a vogal e desempenha dupla função (de prefixo e de aumento).

Como exemplo, temos a unidade lexical elimba (marimba).

1.2- Estatuto da Língua Portuguesa no Período Colonial

É sabido que a Língua Portuguesa foi um legado trazido pelos portugueses para o nosso país; desde a sua chegada, conviveu e continua a conviver com outras línguas encontradas, que são as línguas de origem bantu.

António Costa, citado por Muamba Neto (cf. 2012: 26), afirma que a existência da Língua Portuguesa, em Angola, ocorre numa sociedade caracterizada por uma forte estratificação linguística, partilhando o mesmo espaço sociológico com os outros idiomas geneticamente distintos. É esse facto que faz com que Angola seja um país plurilingue, tal como a maioria dos países africanos, possuindo uma composição sociolinguística muito complexa e heterogénea.

É de recordar que, no início do séc. XX, o governador da então cidade Nova Lisboa, hoje Huambo, Norton de Matos, publicou um decreto-lei que estabelecia a obrigatoriedade do ensino da Língua Portuguesa nas escolas e na catequese.

Segundo o governador da época, através dessa exigência, os autóctones seriam obrigados a falar Português, fazendo assim desaparecer as línguas indígenas. Com isso, o ensino das línguas bantu, nas escolas, era totalmente proibido com a finalidade de não pôr em perigo a Unidade Nacional de Portugal Ultramarino.

Baseadas nesse decreto, a actividade das missões religiosas era controlada pelas autoridades civis para que estas não corressem o risco de ensinarem, nas suas escolas, línguas africanas.

A aposta na eliminação das línguas dos autóctones era tão grande que o famoso decreto nº 77 de 9 de Dezembro de 1921 comportava os seguintes artigos:

Art.1º - “É vedado na catequese das missões, nas suas escolas e em quaisquer relações com os indígenas, o emprego das línguas indígenas por escrito.”

Art.2º- “Não é permitido ensinar, nas escolas das missões, línguas indígenas;”

Art.3º- “O uso da língua indígena só é permitido, em linguagem falada, na catequese;”

Art. 4º- “As disposições dos dois artigos antecedentes não impedem os trabalhos linguísticos ou quaisquer outros de investigação científica, reservando-se, porém, o Governo o direito de proibir a sua circulação quando, mediante inquérito administrativo, se reconhecer que ela pode prejudicar a ordem pública e a sua liberdade ou a segurança dos cidadãos e das populações indígenas. Outras disposições do Decreto têm por fim proibir por completo o uso e o emprego das línguas indígenas escritas, quer no ensino, quer com qualquer outro fim”.

A proibição da escrita nas línguas dos autóctones dificultou, sobremaneira, o desenvolvimento da grafia das línguas bantu, pois o pouco trabalho que se fazia, nesse âmbito, a sua escrita dependia dos seus autores. Daí a ausência de um sistema ortográfico definido.

Hoje, na Angola independente, depois de várias décadas, o governo angolano, com a apresentação das sete línguas nativas mais representativas, apresentou também um sistema básico do alfabeto para guiar a escrita dessas línguas.

Como pudemos observar, o Português ganhou supremacia em Angola, pois foi sempre a língua da administração, da comunicação social, de trabalho e de ensino, em todas as áreas, ganhando assim o estatuto de língua oficial.

A questão verificada em Angola, em relação à Língua Portuguesa, não foi um caso isolado, pois é o que podemos entender a partir da reflexão de Gregório Firmino (2006: 69), quando afirma o seguinte:

“O Português tornou-se a língua oficial, através da qual as políticas coloniais eram implementadas. O Português foi imposto como o símbolo da identidade cultural portuguesa e tornou-se um dos mais importantes instrumentos da política assimilacionista promovida pelas autoridades portuguesas. No contexto da

ideologia colonial, os nativos só podiam tornar-se «civilizados» depois de demonstrarem o domínio da língua portuguesa. Como consequência desta ideologia colonial, as autoridades coloniais baniram as línguas autóctones dos domínios institucionais, o que condicionava a mobilidade social ao conhecimento do português. Por exemplo, a partir dos princípios do séc. XX, tornou-se política obrigatória que todas as escolas usassem o português como meio de ensino”.

Na Angola independente, continuou-se com a mesma política, a de conceder ao Português um estatuto de língua oficial.

Por consequência, algo semelhante surge com a 3ª República angolana, na sua Constituição, aprovada em 5 de Fevereiro de 2010: no artigo 19º, também consagra o mesmo estatuto ao Português, continuando a ser a língua oficial de Angola.

No mesmo artigo 19º, em que se consagra esse estatuto ao Português, também se valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como as principais línguas de comunicação internacional, que são as línguas ocidentais.

Porém essa chamada de atenção para tal valorização, não lhes concede, de imediato, o estatuto de línguas oficiais a par do Português. Esse é apenas o privilégio do Português.

De salientar que, em Angola, ainda hoje, podemos encontrar pessoas que não falam o Português, mas sim, a sua língua autóctone, como língua materna, principalmente nas zonas rurais. Para essas pessoas, o Português, se o souber falar, será uma língua segunda.

Hoje, em Angola, é uma ilusão política o convencimento de que todo o angolano fala Português. O que se passa é que muitas pessoas conhecem e reconhecem algumas palavras da Língua Portuguesa, mas sem apresentar uma performance nessa língua. Na realidade, hoje em dia, o número de angolanos que se expressa e se entende perfeitamente na sua língua materna, como língua de

comunicação, ainda é bastante grande, sobretudo nas zonas rurais.

Nesse contexto, pode produzir-se o contacto de línguas (Português/ Umbundu e vice-versa) resultante da interacção dessas duas línguas, influenciando assim as duas estruturas linguísticas, sobretudo ao nível do léxico.

Nesses casos, as condições sociais do contacto acontecem sempre da necessidade de comunicação entre os falantes de grupos linguísticos diferentes, neste caso, o Português e o Umbundu. A comunicação passa a ser vista como um dos factores de desenvolvimento linguístico.

1.2.1. Contributo das missões evangélicas no ensino do Português e do Umbundu

Historicamente, a Língua Portuguesa chega a Angola com os colonos portugueses. Na sua “*bagagem*” traziam a língua e a religião cristã; esta ficou sob a responsabilidade dos missionários que, por sua vez, fundaram várias missões.

As missões cristãs desempenharam um grande papel na promoção da qualidade de vida das populações, em todos os sentidos. Um dos domínios em que mais se fez sentir o envolvimento dos missionários foi a educação, prevalecendo um sistema constituído por vários tipos de escolas: as denominadas escolas do «mato», destinadas às crianças das aldeias.

A forma de ensino e o sistema curricular, nessas escolas, eram diferentes das demais, pois segundo David Gallagher (cf. 1952: 50), eram escolas de curta duração, direccionadas apenas para aqueles que nunca aprenderam a ler e a escrever e com curricula que incluíam textos do método Laubache.

Havia ainda uma outra novidade; é que esse ensino era feito, exclusivamente, na língua materna das crianças, em Umbundu, no caso. Foi um esforço muito grande feito pelos missionários, pois tinham eles, primeiro, de aprender a língua dos autóctones para depois ensinar nessa língua. Tal esforço resultou numa publicação, em 1914, na Missão de Kamundongo, no Bié, de uma obra em Umbundu, intitulada: “*elivulu lyoku lilongisa okutanga*”, com a seguinte tradução em português «*O livro para*

aprender a ler».

É de salientar que, esse contributo, virado para as línguas nacionais, era apenas autorizado para as Missões cristãs evangélicas. As missões católicas não podiam ensinar numa língua nativa, tal como podemos ler no decreto-lei de Norton de Matos (1921: 40):

Art.2º "...nas escolas católicas, é proibido ensinar as línguas indígenas:"

Art. 3º "...a utilização das línguas indígenas no catecismo não é permitida a não ser como auxiliar durante o período de ensino elementar da língua portuguesa."

Art. 4º "... é proibido o emprego das línguas indígenas ou qualquer outra língua, à excepção do português, por escrito ou por panfleto, jornal [...] na catequese das missões, nas escolas e em todos os contactos com as populações locais."

Paralelamente a essas escolas existiam as chamadas escolas regionais, localizadas em áreas estratégicas que eram constituídas como internatos de jovens de ambos os sexos, vindos das aldeias circunvizinhas dos centros pastorais. Nessas escolas, as aulas eram ministradas em Português, conforme as orientações do Governo colonial da época. Mas, nos grandes centros urbanos, foram erguidas escolas públicas regidas com o curriculum semelhante ao das escolas oficiais portuguesas.

Segundo David Gallagher (cf. 1952: 50), os professores dessas escolas tinham de ser cidadãos portugueses e com uma formação pedagógica numa escola normal ou então ter a frequência de três anos no Liceu.

A preocupação do governo colonial, face às escolas e ao ensino, tinham apenas um único fim: impor o Português como língua oficial.

Porém, em contrapartida, a liberalização do ensino da Bíblia e da catequese, nas missões, em Umbundu, facilitou o desenvolvimento dessa língua que, desde muito cedo, despertou um grande interesse nos investigadores que realizaram os primeiros trabalhos sobre a referida língua.

1.3- Características da Língua Umbundu

Cada língua de Angola é estruturalmente diferente e carrega consigo uma cultura. Uma língua viva existe no seio de uma comunidade de falantes; é pertença da sua identidade que depende de factores sociais e culturais.

Estas são algumas das características das línguas que, no entanto, podem apresentar aspectos específicos. Assim, as línguas bantu são diferentes foneticamente, mas também a nível morfológico, embora conservando as etimologias das unidades lexicais.

Como em todas as outras línguas bantu, em Umbundu, não há oposição entre masculino e feminino (género), pois em relação aos substantivos, apresenta o género neutro.

Sendo uma língua de origem africana, pertencendo ao grupo das línguas bantu, ela tem um sistema linguístico com características próprias que a distingue das outras línguas bantu.

Uma outra característica, não menos importante, da Língua Umbundu é o uso do sistema de classes que determinam o número do substantivo, utilizando sempre a prefixação.

A Língua Umbundu, tal como a Língua Portuguesa, dispõe das seguintes letras do alfabeto: /A/, /B/, /C/, /D/, /E/, /F/, /G/, /H/, /I/, /J/, /K/, /L/, /M/, /N/, /O/, /P/, /S/, /T/, /U/, /V/, /Y/, /W/.

Como vemos, o alfabeto adoptado é o mesmo da Língua Portuguesa que nós conhecemos. Todavia, como é insuficiente para a representação de certos sons, acrescentaram-se mais três grafemas: /K/, /Y/, /W/. Destas, o /Y/ e o /W/ funcionam como semi-vogais na Língua Umbundu.

As letras /Q/, /R/, /X/, /Z/, não existem na Língua Umbundu. Estes sons são substituídos ou puramente eliminados.

Por exemplo, o som [r], em Umbundu é quase sempre substituído por [l]; salvo nos casos em que o locutor tem um bom domínio do Português ou faz algum esforço por dominá-lo: laranja > lalanja.

Na língua em estudo, para além das letras descritas, ainda encontramos o som [Ñ], nasalizado, que é uma variante do [N].

Para além dessa descrição sobre os grafemas, existem outras particularidades que em seguida, vamos descrever.

Em Umbundu, os sons [f], [h], [k], [l], [m], [n], [p], [s], [t], [v] têm um valor único, representando, cada um deles, um único som. Já a letra /b/, na escrita e na pronúncia, nunca aparece de forma isolada, mas sim, sempre antecederda da letra /m/, atribuindo-lhe um carácter mais áspero, no início e no meio de vários vocábulos. Esse é o caso de **mbimbi**, **ombelela**, **mbwale**, etc.

Por sua vez, a letra /c/ tem sempre o valor [j], como por exemplo: *ocipala*, *ocipito*.

No caso da /d/ nunca aparece sozinha; é sempre antecederda e/ou intermediada por /n/.

Exemplos: **ndombe**, **kandjala**.

A /n/ quer seja nasalizada, quer não seja, também intermedeia ou/ e introduz as letras /g/ e /j/.

Existe ainda uma outra particularidade: a /j/ pode formar o grupo de letras /dj/, reforçado pela /n/, passando assim para o grupo /ndj/.

Exemplos: **ondjila** (dependendo da tonalidade que se dê na pronúncia desta unidade lexical, pode significar caminho ou pássaro), **sangeve** (pai da Ngueve), **Ñgala** (senhor, Deus), **ondjanga** (pressa).

A /s/, em Umbundu, quer esteja no início da palavra ou no meio, tem sempre o mesmo valor [S]. O seu valor não altera em função do grupo a formar-se, ou do lugar onde ocorra, como acontece na Língua Portuguesa.

Exemplos: **Nasapalo** (mãe do/a Sapalo = sábado), **sondjamba** (pai dos gémeos = olondjamba), **sekulu** (o mais velho, o idoso).

Quanto às vogais, também encontramos as mesmas da Língua Portuguesa: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/; podem ser orais e nasais.

Sabe-se que as orais, na sua pronúncia, não exigem fluxo de ar pelas fossas nasais (**elyapu** = diabo). As nasais, porém, são auxiliadas com o fluxo de ar pelas fossas nasais. Este é o caso das seguintes palavras: **omolã** (criança), **ukulũ** (maior de idade).

Referindo-nos aos falantes da Língua Umbundu, de uma forma geral, esses não conseguem realizar certos sons, concretamente o [Z], característico da Língua Portuguesa. Este som é quase sempre trocado por [S].

Relativamente a esta particularidade, Teresa Costa (2013: 19) afirma ser

“... quase normal que um falante da LM umbundu, embora com grau de escolaridade aceitável, ao realizar o referido som, tenha de trocá-lo por [S], devido à inexistência daquele no seu quadro alfabético”.

Esta não é a única característica para os falantes da Língua materna Umbundu. Existem outros casos, como por exemplo o som [R] que, em casos de alguma distração do falante, pode ser trocado por [l], assim como a nasalização frequente de algumas consoantes.

Exemplos:

- Rato == [látu]; Gozo == [ngósu]; Bomba == [mbõbA]

Segundo Agneta Barros (2002: 38), os falantes da Língua Umbundu têm uma outra característica ao realizarem o Português que é a paragoge, consistindo esta em acrescentar o (i) e, em alguns casos, o (e) no infinitivo dos verbos, como se pode verificar nos casos seguintes:

- Chorar ===chorare/ chorari; Comprar ===comprare/ comprari e outros.

Em linhas gerais, estas são as características mais marcantes, que na oralidade, podemos verificar nos falantes do Português que têm o Umbundu como língua materna.

Na escrita, podemos observar uma certa concentração, algum esforço em procurar “respeitar” as regras da escrita da Língua Portuguesa, segundo a norma europeia.

Assim, podemos afirmar que, face a essas dificuldades, próprias do falante, falar o Português de forma “correcta”, fonologicamente constitui um esforço acrescido para o nativo umbundu que tem essa língua como materna.

1.3.1. O Português na região Centro-sul

Como se sabe, em Angola, o Português é a língua oficial e, conseqüentemente, ela pode ser a língua primeira ou a língua segunda dos nativos.

Sendo o Centro-sul parte de um todo que é Angola, a situação linguística não é diferente do resto do país.

Historicamente, o Português surge em Angola como um instrumento de poder de colonização. Essa imposição resultou na desvalorização das línguas nativas, ocasionando o contacto de línguas. Desse facto surge o aportuguesamento e a umbundização de várias unidades lexicais.

O Português foi um meio de emancipação de muitos angolanos pois, fruto do decreto nº 77, do colonizador Norton de Matos (em 1921), a chamada elite de nativos da época, apropriou-se dessa língua:

- Artigo 1º “...é obrigatório, em qualquer missão, o ensino da língua portuguesa.”
- No ponto 4 do mesmo artigo, lê-se: “... é vedado o ensino de qualquer língua estrangeira.”
- Artigo 2º “...não é permitido ensinar, nas escolas de missões, línguas indígenas.”

Esse decreto mudou o curso da história dos falantes nativos, começando com o aportuguesamento de unidades lexicais das línguas dos indígenas que foram perdendo a sua originalidade, marcando assim a aculturação dos nativos.

Referindo-nos ao aportuguesamento, sabe-se que com ele, o colono tinha como intenção anular a cultura e a língua dos indígenas.

Sem sombra de dúvida, podemos afirmar que, tal procedimento facilitou o surgimento do bilinguismo em Angola, em geral, e no Centro-sul, em particular.

Em todo o território, a Língua Portuguesa, depois da independência, foi adoptada como língua oficial; por outro lado, foi o único elo de ligação entre os povos de outras etnias angolanas. É ainda, hoje, uma língua de mediação linguística, no país.

Apesar de ser uma língua do colono, ela ganhou a capacidade de unir os angolanos, superando as tendências divisórias inerentes à diversidade linguística.

Na actualidade, esta língua já não é vista como impositora, mas como unificadora. Ela é a língua de escolarização e de serviços administrativos. É também a língua de relações com o exterior.

CAPÍTULO II

PRINCÍPIOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

2.1- Lexicologia e Lexicografia

A Lexicologia, como ciência, é o estudo científico do léxico que engloba diferentes teorias linguísticas e métodos que têm como consequência várias designações, como: descritiva, aplicada, histórica, estrutural, social, baseando-se na unidade lexical.

A Lexicologia é um dos domínios da linguística que, pela sua especificidade constitui uma disciplina autónoma com um quadro conceptual próprio e uma terminologia própria. A Lexicologia possui teorias e metodologias de análise e descrição das unidades lexicais.

O objecto de estudo da Lexicologia é o léxico nas suas diferentes estruturas. Estuda também todos os aspectos relacionados com as unidades de primeira articulação (significante e significado).

Nesta perspectiva, podemos afirmar que a Lexicologia constitui uma disciplina autónoma que abrange domínios como: os fenómenos de criação lexical (lexicogénese), a importação e formação de unidades lexicais, a etimologia, a estatística lexical, relacionando-se necessariamente com a fonologia, morfologia, sintaxe e a semântica, descrevendo os campos lexicais e semânticos e determinando as relações entre as unidades lexicais.

Foi a partir dos trabalhos realizados nos domínios da dialectologia e da linguística histórica ou comparativa que a Lexicologia descritiva se desenvolveu como uma nova disciplina; esta fase foi indispensável para a delimitação de um quadro conceptual e o surgimento de uma teoria lexicológica.

O léxico de uma língua é organizável a partir de leis estruturais, pois o léxico não é um simples aglomerado de vocábulos isolados, mas um sistema formado de unidades significativas.

As investigações sobre a estruturação lexical contribuíram para a importância da Lexicologia que ganhou um lugar dentro da Linguística e começou a definir o seu espaço conceptual enquanto disciplina.

Segundo Teresa Lino (1979: 12), *“...com o desenvolvimento das teorias da sintaxe, procura-se uma definição da especificidade do léxico e a sua articulação com as suas componentes/subcomponentes do modelo linguístico. Aqui o léxico é entendido como “...partie d’une grammaire...” [...]. As primeiras regras de organização formal e semântica do léxico são propostas pela lexicologia estrutural, (...) principalmente em «campos lexicais» e «campos semânticos»”*.

Segundo Mário Vilela (cf. 1994: 9), a Lexicologia é a ciência que estuda as unidades lexicais de uma língua. O léxico é como que um “dicionário ideal” dessa mesma língua, pois estuda as unidades lexicais, em todos os seus aspectos, podendo incluir a etimologia, a formação de palavras, a morfologia, fonologia, a sintaxe, e a semântica.

Existem várias teorias que estudam do léxico; podemos destacar as seguintes: generativista, funcionalista e cognitivista.

Na teoria generativista, segundo Brito (1998), a relação entre a sintaxe e o léxico é explicitamente assumida, a partir dos anos 70.

Segundo Chomsky (1957: 33), o modelo de gramática *“...tem já alguns mecanismos capazes de dar conta de restrições de selecção entre palavras que compõem as construções linguísticas”*. Nesse modelo, considera-se o significado de uma palavra como sendo o resultado de um conjunto de traços e que esse conjunto é diferente para cada palavra. Logo, a gramaticalidade ou não de uma frase decorre de um item lexical.

Citando Manuel Quivuna (2014: 53), *“O léxico de uma língua, no âmbito da teoria generativa, é uma componente do modelo gramatical na qual estão descritas todas as informações de ordem fonético-fonológico, morfossintáctica e semântica acerca dos itens lexicais”*.

Segundo Leiria (2006), a teoria funcionalista separa o léxico da gramática, apoiando-se no pressuposto de que, a partir da informação contida no léxico, é possível predizer o comportamento sintáctico dos predicados.

A autora defende que na descrição das entradas lexicais não se especificam informações morfosintáticas redundantes. Tal informação pode predizer-se a partir da informação armazenada no léxico.

A teoria cognitivista, tal como a generativista, consideram que a sintaxe não é arbitrária, mas motivada pela semântica. A metáfora e a metonímia, estudadas por esta teoria, constituem dois importantes processos cognitivos que estão na base da extensão da semântica dos itens lexicais.

Esta última perspectiva leva-nos a considerar a teoria relacionada com a aquisição do léxico.

Segundo alguns autores, aprender uma palavra é muito mais do que aprender os seus significados, pois é necessário reconhecer, primeiramente, a palavra e só depois interiorizá-la. A interiorização da palavra pelo falante requer as suas colocações em diversos signos fonológicos, semânticos, conceptuais e sintáticos, pois as palavras com poucas ligações significativas são pouco conhecidas pelos falantes, enquanto as que possuem muitas ligações significativas são também bastante conhecidas.

No seguimento desta teoria, Biderman (2001) afirma que no processo de aquisição da linguagem, o léxico é o domínio cuja aprendizagem jamais cessa, durante a vida toda do falante. A incorporação paulatina do léxico processa-se através de actos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, por meio dos signos linguísticos que são os lexemas.

Em estudos mais recentes, a lexicologia desenvolve-se na aproximação com a Análise do Discurso, uma vez que toda a unidade lexical é sensível a factores discursivos. Isto significa dizer que a Lexicologia tem em conta a proficiência de cada falante, no uso das unidades lexicais, aliadas a situações culturais.

A Lexicologia, hoje, é uma disciplina transdisciplinar que integra investigações em várias perspectivas, muito em especial da semântica lexical.

A tarefa da Lexicologia é o estudo do léxico, das suas unidades (unidades lexicais), das suas estruturas e variantes e dos vários tipos de relações semânticas. A unidade lexical pode pertencer à língua corrente ou às línguas de especialidade.

A língua corrente é constituída por um conjunto de meios de expressão à disposição dos membros de uma comunidade linguística. Tal conjunto, teoricamente definido, segundo Louis Guilbert (cf. 1971), é constituído por elementos com características sintáticas e lexicais, utilizados por vários grupos socioculturais.

Quanto à língua de especialidade, Kocourek (1991: 20) afirma que, “...a *língua de especialidade será uma sublíngua dita natural...*”, enriquecida de elementos branquigráficos, como as abreviaturas e idiográficos que se integram nela, conformando-se às suas dependências gramaticais.

Para Chicuna, (cf. 2003: 58), uma língua de especialidade é aquela que é utilizada e entendida num grupo restrito de especialistas que a utilizam para atingir os objectivos da sua comunicação especializada, sem ambiguidades e com precisão.

Segundo Teresa Lino, (cf. 1991: 201), a língua de especialidade é um subsistema linguístico que compreende o conjunto dos meios linguísticos próprios de um domínio particular do saber, como é o caso de disciplina, ciência, técnica, profissão e outras, visando sempre a não ambiguidade na comunicação.

Quanto ao léxico, Guilbert, (cf. 1971), entende que ele é o inventário de todas as lexias de um dado estado da língua. Podemos então entender o léxico de uma língua, genericamente, como o conjunto de todas as unidades lexicais que dela fazem parte. Neste contexto, a definição de unidade lexical pode ser difícil, pois cada falante, de qualquer idade e de qualquer estatuto, não conhece a totalidade das unidades lexicais que constituem a sua língua.

Segundo Lehmann, (1998 : 4), o léxico pode ser definido do seguinte modo:

“L’ensemble des mots d’une langue constitue son lexique. Cet ensemble se sépare en sous-ensembles, selon un certain nombre des variables; il n’est pas clos, et ses contours ne sont pas fixés de manière absolue”.

Mário Vilela (1994: 14) afirma que o léxico é *“o subsistema da língua mais dinâmico, ...”* por ser o elemento chamado, mais directamente, a configurar, a nível linguístico, a novidade. Por isso, nele se reflectem todas as mudanças, inovações políticas, económicas, sociais, culturais, científicas, etc.

Assim, ainda segundo o autor supracitado, o léxico possui três possibilidades na adaptação de novas situações que são: as mudanças semânticas, a formação de palavras e os empréstimos.

A urgência em serem satisfeitas as necessidades de comunicação e expressão dos falantes, a exigência em configurar o que de novo surge na comunidade e a necessidade de manter a sistematicidade da língua manifesta-se no léxico.

Uma língua quando não se renova está sujeita ou condenada à *morte*. Para que tal não aconteça, é necessária a sua inovação ao longo do tempo, inovação que contribui para a mudança e evolução da língua.

Nesta óptica, Manuel Quivuna (2014: 50) afirma:

“...uma língua que não se desenvolve no plano lexical, isto é, que não actualiza o seu léxico, acabará por ser uma língua de pouco interesse nacional e internacional, podendo ser considerada quase uma língua morta.”

As sociedades renovam-se e evoluem e com elas a língua em que cada homem se expressa, dando assim a oportunidade a que essa língua se renove e evolua.

Podemos afirmar que o léxico renova-se, dando conta da evolução das sociedades e das mentalidades, respondendo, simultaneamente, às necessidades de comunicação do mundo de hoje.

2.2. Léxico e Vocabulário

O léxico de uma língua pode ser definido como o conjunto de todas as unidades lexicais que dela fazem parte e, segundo Lehmann (1998: 5) *“o léxico é pertença de todos os locutores”*.

Para melhor nos situarmos na Lexicologia, ciência do léxico, há que distinguir dois conceitos fundamentais e essenciais: o léxico e o vocabulário.

Para Margarita Correia (2005: 9), o léxico é

“...o conjunto virtual de todas as palavras de uma língua [...], as neologias e as que caíram em desuso, as atestadas [...] tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua; o vocabulário é o conjunto factual de todos os vocábulos atestados num determinado registo linguístico, isto é, o conjunto fechado de todas as palavras que ocorrem de facto nesse discurso”.

Tendo em conta os princípios teóricos enunciados por Saussure e Guillaume, a oposição léxico/ vocabulário é paralela à oposição «langue/ parole» (dicotomia de Saussure) ou à oposição «langue/ discours» (dicotomia, segundo a terminologia de G. Guillaume).

O léxico pertence ao nível do sistema (“langue”), enquanto o vocabulário diz respeito ao nível do discurso, isto é, ao plano das actualizações.

É sabido que o léxico é constituído por lexemas que são um conjunto de unidades. Esses lexemas, actualizados em discurso, recebem o nome de vocábulos que, constituindo-se em unidades do discurso, passam a constituir o chamado vocabulário.

Leiria (2006: 29) afirma que *“O léxico deixou de ser um apêndice da gramática para se converter numa das componentes preferenciais da descrição linguística.”*

Saussure define a língua como um conjunto de elementos interdependentes, formando um todo organizado num sistema de signos. O signo, por sua vez, retira o seu “valor” do sistema que é a língua: *“L’unité porteuse de sens n’est pas le signe isolé,*

mais le signe à l'intérieur du système. Tout signe appartient à un ensemble (ou à plusieurs) par rapport auquel se détermine sa valeur exacte" (Teresa Lino, 1979: 14).

Assim, podemos afirmar que o léxico é um sistema de virtualidades de que cada indivíduo domina apenas um subconjunto, constituindo-se no vocabulário individual.

Daqui, podemos concluir que, a competência lexical é específica, pois, ao contrário das estruturas sintáticas que são adquiridas nos primeiros anos de vida, a aprendizagem do léxico é feita ao longo de toda a vida.

A par do léxico geral ou da língua corrente, existem os léxicos de especialidade ligados a *"...un domaine: science [...], science et technique..."* (Lehmann, 1998: 5).

Léxico da língua corrente e léxicos de especialidade podem incorporar as novidades lexicais, isto é, os neologismos ou neónimos (neologismos terminológicos).

Segundo Éda Pilla, (2002: 14), o léxico de uma língua é

"o produto acumulado dos fatores sociais, bem como o meio receptor e criador dos sistemas de denominação e das terminologias".

Em relação à criação de unidades lexicais, Margarita Correia (2005: 9) afirma que

"...todos os falantes do português criam palavras no seu discurso que, provavelmente, nunca tinham sido emitidas nem ouvidas, mas que o interlocutor é capaz de entender, porque recorre à sua competência linguística e ao contexto de uso para descobrir o seu significado".

Portanto, a inovação lexical parte do indivíduo e pode restringir-se a ele ou vir a ser aceite pela comunidade, generalizando-se de uma forma mais ou menos rápida.

Seguindo esta característica das línguas, todos os dias vão surgindo unidades lexicais novas nas línguas, fruto de uma necessidade de designar novas realidades e conceitos que, no dia-a-dia, vão surgindo.

Beatriz Mendes (1985: 196) afirma:

“Cada palavra nova passa pois por duas fases: criação e colectivização. O indivíduo cria a palavra mas como age como membro da colectividade, produz-se, entre ele e outros falantes uma intercomunicação e haverá uma difusão que se dá em geral lentamente e que está sujeita a diversos factores que a retardam ou apressam dependendo de contactos e interacções que a vida social proporciona”.

Tendo em conta estas afirmações é difícil e quase impossível fazer-se a actualização constante dos Dicionários de Língua em relação à quantidade de unidades lexicais novas que surgem numa língua, todos os dias. Por isso, os dicionários contêm apenas uma parte do léxico de uma língua e não a totalidade do léxico, que é “quase” impossível descrever numa obra lexicográfica, mesmo que ela tenha as características de um “dicionário tesouro”.

Dando sequência ao conceito de criação de unidades lexicais, Chicuna (2009: 3) afirma que *“Durante a época colonial, não foram realizados estudos científicos das línguas nativas de Cabinda. Em consequência, não foram feitos trabalhos sobre a presença do léxico português nas línguas locais”.*

A constatação feita pelo autor e investigador das línguas de Cabinda pode ser aplicada à Língua Umbundu uma vez que esta, tal como o Kiyombe, fazem parte do mosaico linguístico de Angola.

Embora existam alguns trabalhos, bastante antigos, realizados na área do Umbundu, como se pode observar na bibliografia, foi essa exiguidade que nos motivou abordar o tema e enveredar por uma descrição científica da Língua Umbundu, língua africana de maior expressão linguística em Angola.

É sabido que toda a língua é constituída por um conjunto de unidades lexicais que permitem a realização da comunicação entre os membros da mesma comunidade linguística.

Uma língua não pode existir sem as unidades lexicais da língua corrente e sem os termos científicos que remetam para o mundo extralinguístico.

Sublinhamos que o léxico da língua corrente e o léxico das línguas de especialidade, segundo Teresa Lino, (2007)¹, renovam-se através dos vários processos de neologia que se manifestam em discurso:

“L'évolution des concepts scientifiques, les nouvelles propriétés conceptuelles se manifestent en discours dans des situations de communication spécialisées écrites et orales”.

Sabe-se que é a partir da língua que a experiência humana encontra uma expressão; mas por outro lado, a língua impõe aos seus falantes, um modo particular de leitura da realidade, porque nenhuma língua é separável da função cultural.

Daí que as relações entre a língua, a comunidade e a cultura estão particularmente presentes no léxico, objecto do nosso estudo.

2.3- Terminologia

A Terminologia e a Lexicologia são duas disciplinas que guardam entre si como factor de aproximação a descrição de unidades lexicais diferenciadas, embora marcadas por uma interpenetração, por transferências semânticas que ocorrem da língua de especialidade para a língua geral e vice-versa.

De acordo com Barros (2004), apud (Walter Moreira, 2007), o termo deve ser entendido como uma unidade lexical que assume um conteúdo específico relativo a um conceito dentro de uma área do conhecimento específico.

A Lexicologia é definida como o estudo científico do léxico e a Lexicografia, como a arte e a técnica da elaboração de dicionários. A Lexicologia é um ramo da

¹ - Extracto da Actes du Colloque «Mots de la Santé», Lyon, 2007; s/ pg.

Linguística que se preocupa com a significação das unidades lexicais.

Oliveira e Isquardo (cf. 2001) afirmam que enquanto a Lexicologia se ocupa dos problemas teóricos que estão na base do estudo científico do léxico, a Lexicografia ocupa-se das técnicas de elaboração dos dicionários, para o estudo da descrição da língua feita pelas obras lexicográficas.

Segundo a autora, a Terminologia tem como objecto de estudo os termos, as unidades lexicais especializadas das línguas de especialidade, relativos aos conceitos de diferentes áreas do conhecimento.

Ainda que nova, como ciência, a Terminologia possui registos muito antigos. Como exemplo, Barros (cf. 2004), refere-se à existência de dicionários temáticos monolíngues, feitos pelos sumérios em forma de tijolos de argila, desde o ano 2600 a. C. Não há aqui preocupações com a língua de representação, como irá aparecer posteriormente; trata-se apenas de compilação de termos.

Segundo esta autora, no séc. XVII, a Terminologia começa a apresentar alguns aspectos idênticos aos de hoje: "...conjunto de termos de uma área técnica ou científica e como disciplina de natureza linguística que estuda esse conjunto".

O sistema terminológico origina-se na intersecção entre os espaços de organização do conhecimento, comunicacional e informacional.

A Terminologia ocupa-se do léxico como o faz a Lexicologia. Mas centra o seu objecto no termo, na unidade lexical especializada, nos conceitos que caracterizam as áreas do conhecimento.

As bases teóricas e metodológicas da terminologia podem ser aplicadas no ensino de línguas (materna e estrangeira), na tradução, na elaboração de obras terminológicas (dicionários especializados), no ensino de disciplinas técnicas e científicas, na documentação, no jornalismo científico, nas ciências sociais, na transferência de saber técnico e científico, na produção industrial e nas políticas linguísticas.

De acordo com a mesma autora, a teoria comunicativa da Terminologia tem os seus fundamentos assentes na teoria do conhecimento, na comunicação e numa teoria da linguagem.

Segundo esta teoria, as variantes terminológicas são classificadas em:

- a) Geográficas: variantes que designam um mesmo conceito utilizado por falantes de uma mesma língua em regiões diferentes;
- b) De discurso: variantes utilizadas para um mesmo conceito nos diferentes níveis de discurso, nível científico, técnico ou de vulgarização científica;
- c) Temporal: variantes que designam um mesmo conceito, durante um determinado período de tempo, dando origem à preferência de uma, em substituição de outra que acaba por cair em desuso.

A Terminologia descreve os termos num determinado domínio científico. Hoje, esta disciplina está atenta aos contextos culturais que determinam as propriedades dos conceitos e a significação dos termos.

2.4- Inovação Lexical e Formação de Novas Unidades Lexicais

A Lexicografia da Língua Portuguesa teve os seus primórdios na Idade Média, nos glossários bilingues que puseram em confronto o latim e as línguas vulgares.

Na opinião de Bluteau, citado por GÜNTER (1994: 675), *“Todas as línguas têm singulares excellencias e cada nação lhe parece o seu idioma melhor de todos”*.

Apesar de podermos chegar a considerar que a nossa língua é sempre melhor que a dos outros, hoje em dia, sabe-se que no mundo globalizado, nenhuma língua nem cultura é melhor do que a outra. Cada uma reflecte o contexto social e cultural e é nele que o léxico se vai renovando e inovando, ao longo dos tempos.

O processo da renovação é uma consequência da inovação do léxico: este processo é feito através dos vários fenómenos de neologia, criando um vasto leque de novas unidades lexicais.

Segundo Graça Rio-Torto (cf. 1998: 110), na formação de palavras, ou seja, no aparecimento de palavras novas, inovando a língua, a própria língua recorre a certos processos como: a derivação e a composição, se bem que ainda pode recorrer a outros como o subtractivos e supressivos que são processos de alguma forma ligados aos dois primeiros.

Quanto ao processo de composição, a mesma autora afirma que

“...define-se pela concatenação de pelo menos duas bases, cada uma das quais pode ser [+/- autónoma] e a derivação consiste na adjunção de uma base e de um operador afixal.” (cf. 1998: 110).

A formação de unidades lexicais é o processo normal de enriquecimento do léxico, representando, por um lado, um factor de regularização e de motivação e, por outro, o de irregularidade nessa mesma língua. Isto porque, em cada unidade lexical formada, há algo de novo e algo de já conhecido, decomponível, apesar das alterações sofridas no percurso derivativo. O mesmo significa que, nesse processo, cada unidade lexical nova assenta sempre numa base, em algo já existente na língua.

Rosa Virgínia Matos e Silva, citada por Rio-Torto (1998: 110- 111) afirma:

*“nas línguas nada ou quase nada se perde;
tudo é passível de transformação”.*

Assim, no estudo do aparecimento de novas unidades lexicais na língua, é fundamental e insubstituível a história dessa mesma língua.

Em relação a isso, Vilela (1994: 55) dá-nos uma série de exemplos dos quais, destacamos dois:

(1) a - Verão → **Ver**aneante

(2) b - Ótimo → **Optim**izar

Não podemos esquecer o facto de que, na formação de unidades lexicais, actuam morfemas básicos, derivativos, flexionais e ainda morfemas bloqueados e uma série de morfemas como: os livres e os presos/ travados.

Sabemos que o morfema básico é aquele elemento recorrente numa família de palavras, que transporta o significado lexical, constituindo a forma de partida na formação.

Portanto, as bases constituem o elemento fundamental na formação de unidades lexicais. Os derivativos são tidos como marcadores sintácticos, por transportarem para a palavra formada, os traços existentes na formação sintáctica que lhe origina. Além disso, transportam um significado objectivo porque acrescentam algo ao significado do tema. Também são relacionais, por mostrarem a relação entre os elementos intervenientes no processo formativo.

Ainda segundo Mário Vilela (cf. 1994: 57), os morfemas flexionais são aqueles que não modificam o significado lexical da base e constituem as diferentes formas de uma palavra. São os mesmos aos que o autor chama de morfemas gramaticais (os transportadores da marca do género, número, tempo, pessoa e aspecto).

Morfemas bloqueados ou únicos, segundo o autor supracitado, são os que ocorrem num único contexto e que se podem identificar por comutarem com os morfemas não únicos. O autor apresenta-nos as seguintes exemplos, destacando os respectivos morfemas bloqueados: pecuni- em pecuniário, em oposição a mostr-uário.

Falando de morfemas livres e presos, automaticamente pensamos na possibilidade destes poderem ocorrer ou não como palavra isolada. Porém, nem todos os morfemas-bases são livres, como é o caso de sagit-ário e nem todos os derivativos são presos como sobre-tudo.

Neste contexto, todas as situações contextuais são previstas e podem ocorrer perfeitamente. Tal formação vai do mais simples ao mais complexo, fazendo com que, segundo Mounier, 1977, op cit por Mário VILELA, (cf. 1994: 56), as bases sejam os elementos fundamentais.

Em todas as classes de palavras que formam o léxico da língua, os substantivos constituem o ponto de partida para a nomeação de tudo o que a tecnologia e o progresso trazem de novo para a comunidade, por serem a via por onde passa a designação das coisas inventadas ou importadas.

Mário Vilela (1994: 54) diz que a “*sufixação é o processo que, no léxico português, se apresenta mais enriquecedor por possuir maior fecundidade ou produtividade lexical*”.

Na obra anteriormente citada, aparece uma grande lista de sufixos, indicando os mais produtivos.

Segundo Mário Vilela, “...*De entre estes, os mais produtivos são: ada (balada, abalada...), agem, para a formação do feminino (embalagem, terraplanagem...).*

Também Graça Rio-Torto (cf. 1998) apresenta alguns sufixos que intervêm na formação de novas unidades lexicais. Afirma que os sufixos mento (ferimento), ção (precaução), gem (passagem), ão (tropeção) e nça (vingança) constituem os operadores da formação de palavras na Língua Portuguesa mais eficazes.

No entanto, Margarita Correia (2005: 23) aponta três mecanismos diferentes responsáveis pelo aparecimento de unidades lexicais novas, como:

- “- *A construção de palavras, apoiando-se nas regras da própria língua;*
- *O processo da reutilização de palavras existentes, onde se lhes atribui novos significados;*
- *A importação e incorporação de palavras de outras línguas, e ainda a criação “ex nihilo”, que é a criação de novas formas lexicais a partir do nada”.*

Na construção de unidades lexicais, dentro do sistema da mesma língua, a autora partilha, indirectamente, da opinião de Vilela ao afirmar que a derivação é o processo mais disponível, sobretudo nas línguas românicas, onde incluímos o Português.

Existem vários processos de derivação como: afixal (com afixos derivacionais), imprópria ou conversão (sem afixos derivacionais) e a regressiva.

Uma outra opinião é a de Celso Cunha (2000: 85) que define a formação de palavras como sendo

“...o conjunto de processos morfo-sintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais. Utilizam-se assim, para formar as palavras, os afixos de derivação ou os procedimentos de composição”.

Prosseguindo, afirma que os processos de derivação não são os únicos na formação de palavras, embora reconheça serem os mais comuns, pois além desses existem outros como por exemplo os acrónimos, as amálgamas e outros.

Sabe-se que um acrónimo é uma unidade lexical formada por letras ou grupos de letras, que se pronuncia como uma palavra, tendo uma estrutura silábica própria da língua onde se forma. Ex: UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), TAAG (Transportadora aérea de Angola).

Por outro lado, uma amálgama é uma unidade lexical constituída com uma parte de uma outra palavra (ou mais palavras), formando uma nova unidade lexical.

Exemplos: *telemóvel*, onde destacamos duas numa só: telefone + móvel e *credifone*: crédito + telefone.

Alina Villalva, in Mira MATEUS (2003: 973), é da mesma opinião dos autores anteriores sobre a composição morfológica das unidades lexicais, ao afirmar que este é um processo disponível:

“Note-se, no entanto, que este processo também está disponível para a formação de neologismos no português, quer a partir de empréstimos de outras línguas [...], quer com base em formas que integram o léxico do português, tendo origem latina...”.

Mediante estes e outros processos, o léxico se vai renovando, no decorrer do tempo, tornando a comunicação possível, entre os falantes de uma mesma língua.

A língua é um bem constituído património comum. Daí a necessidade de conservá-la, tornando-a viva e dinâmica.

Confrontadas as diferentes perspectivas, somos de opinião de que, realmente, formamos unidades lexicais novas na língua, partindo quase sempre das que já existem, quer seja por composição, quer por derivação, ou por outros processos já focados, não esquecendo, porém, aquelas situações totalmente novas “*ex nihilo*”.

No processo de derivação, interagem sempre os afixos mais ou menos produtivos na Língua Portuguesa. É este processo, existente também na Língua Umbundu, que dá origem a novas unidades lexicais, apesar dos prefixos terem outras funções.

2.4.1. Neologia

O fenómeno da neologia pode ter duas abordagens:

- a)- a neologia enquanto fenómeno linguístico é entendida como a capacidade natural de renovação do léxico da uma língua pela criação e incorporação de unidades novas que são os neologismos;
- b)- a neologia enquanto fenómeno investigativo compreende a observação, o registo e a datação, a descrição e a análise dos neologismos que vão aparecendo na língua.

O conceito de neologia mais importante para a nossa investigação é o que diz respeito à capacidade de renovação do léxico de uma língua, de modo a dar conta dos fenómenos de renovação da Língua Portuguesa em Angola, no contacto com as línguas nacionais, fazendo com que, de alguma forma, estas e aquelas *acolham* no seu seio novas unidades lexicais que ao longo do tempo se adaptam nas referidas línguas, funcionando como unidades lexicais próprias.

Falando do léxico das línguas em contacto, o empréstimo de novas unidades é inevitável, em consequência da situação e da necessidade da comunicação entre o locutor **A** com os interlocutores **B** de línguas diferentes.

Às unidades lexicais que resultam do *choque* entre as línguas em contacto, podemos atribuir o nome de neologismos, isto é, empréstimos que resultam de necessidades comunicativas.

Porém apesar disso, os neologismos que resultam da denominação estável têm alguma garantia de se fixarem no acervo lexical de uma ou de outra língua.

É através da inovação lexical que podemos fazer um estudo da língua, de forma clara, na perspectiva da sua evolução diacrónica.

A importação ou empréstimo de unidades lexicais é inevitável num mundo globalizado, como o nosso, em que o contacto directo com outras línguas é frequente.

O movimento de unidades lexicais de umas línguas para outras é um fenómeno tão natural como a existência de línguas diferentes.

Segundo M. Correia (2005: 17), o neologismo é uma

“unidade lexical cuja forma significativa ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efectivo num determinado modelo de comunicação, não se tenha realizado no estágio imediatamente anterior do sistema da língua”.

Podemos concluir que, hoje em Angola, assiste-se ao fenómeno do surgimento de neologismos, pois as unidades lexicais novas que aparecem na Língua Portuguesa surgem num contexto totalmente novo, na medida em que nunca foram utilizadas anteriormente, no sistema do Português Europeu (PE), língua padrão do Português em Angola (PA).

2.4.1.1. Tipos de neologismos

A neologia, enquanto produto da criação lexical, pode ser de dois tipos: a denominativa e a estilística.

A neologia denominativa resulta da necessidade de nomear novos conceitos, novas realidades; a estilística corresponde à procura de uma maior expressividade do discurso, para exprimir ideias de uma maneira inovadora ou para exprimir de modo inédito uma visão do mundo.

Como exemplos, no nosso contexto angolano, tomemos o caso de ***kalulú*** (cozido de peixe fresco e algum peixe seco, com gimboa, quiabos, tomate, cebola e óleo de palma), ***ginginga*** (preparado de miodezas de cabrito com sangue), ***olosuva*** (é uma verdura com aparência de agrião, que pode ser fervida e depois estufada), ***machanana*** (gisado de gimboa com quiabos), ***miengueleka*** (gisado de folhas de abóbora com quiabos) e outros.

A neologia estilística, por sua vez, consiste na procura de uma maior expressividade do discurso, na tradução de novas ideias, exprimindo de modo inédito uma certa visão do mundo.

Os neologismos estilísticos são efémeros e tendem a desaparecer de uma forma muito rápida, porque são unidades que existem apenas ao nível do discurso e não ao nível da língua. São diferentes dos denominativos, pois esses não são registados nos dicionários representativos da língua em questão, existindo apenas ao nível do discurso.

A criação neológica estilística apresenta características inesperadas, por vezes até violadoras do sistema linguístico, pois que pode indicar mudanças no sistema e os seus produtos são interessantes objectos de estudo para muitos morfólogos.

O neologismo pode ser: formal, semântico e pragmático. E, qualquer um desses três tipos de neologismos, em termos de características, não tem fronteiras estanques.

Segundo Teresa Cabré, in Ieda Alves, (2010: 15), a neologia é um campo de conhecimento que se ocupa do tratamento dos fenómenos lexicais novos que surgem nas línguas, indicando assim as estratégias utilizadas pelos falantes dessas línguas, na actualização do seu léxico. Continuando, a autora afirma:

“...el análisis de la neología desde el punto de vista descriptivo nos lleva a detectar cuáles son las vías y recursos más productivos para la actualización del léxico de la lengua, así cómo medir el nivel de vitalidade de una lengua en contraste com outra a partir de la frecuencia de utilización de determinados mecanismos de creación de léxico nuevo”.

Ainda sobre o neologismo, Malumbu (2007: 47- 48) afirma:

“...a maior parte das línguas modernas não tiveram, na sua origem, termos como: computador, algoritmos, raiz quadrada, estatística, equação, etc”.

Ao longo da evolução de uma língua, há necessidade de inventar termos ou buscar novas palavras de outras línguas, em convivência, para as integrar no seu sistema linguístico.

Malumbu ainda é de opinião de que tal como em qualquer língua viva, a Língua Umbundu também regista neologismos. Esses neologismos, nessa Língua, são designados de *atumbundaka*, nome dado a unidades lexicais novas que surgem da própria língua ou que são introduzidas na língua em referência a partir de unidades lexicais estrangeiras, com base nas leis de aglutinação, do princípio do menor esforço, da fuga da cacofonia, da onomatopeia e da autonomasia. Esse é um processo que está ligado à evolução semântica e até mesmo morfológica, permitindo dar origem a novos termos, associando também um novo significado a objectos que anteriormente não existiam na Língua e cultura Umbundu. É de salientar que a maior parte de neologismos que aparecem recentemente, no Umbundu, são associados à ciência.

No nosso trabalho, num capítulo específico, debruçámo-nos sobre neologismos-Umbundismos, reflectindo aspectos sociais e culturais. Muitos deles são

neologismos estáveis e já enraizados que devem ser rapidamente dicionarizados para o seu perpetuamento. No entanto, alguns ainda são sentidos como verdadeiros neologismos, unidades lexicais novas, recentemente chegados ao Português, em contexto angolano.

2.4.1.1.1. Empréstimo interlinguístico

O termo empréstimo é polissémico pois pode apresentar várias significações:

- 1- Empréstimo interno ou intralinguístico: designa o processo de passagem de uma unidade lexical de um subsistema para outro subsistema lexical ou de um registo linguístico para outro dentro da mesma língua.
- 2- Empréstimo externo ou interlinguístico: designa o processo de passagem de uma unidade lexical de uma língua para outra. Muitas vezes este tipo de empréstimo é designado de estrangeirismo.

Os empréstimos interlinguísticos são, de alguma forma, importação de unidades lexicais que reflectem conceitos inexistentes na língua-alvo.

De entre os vários processos disponíveis para a inovação de palavras, os empréstimos ou estrangeirismos são unidades que têm origem em sistemas linguísticos diferentes da língua-alvo, apresentando muitas vezes características violadoras do sistema linguístico importador.

Por conseguinte, tornam o seu uso difícil para o falante nativo que não tenha contacto com a língua-fonte, colocando-o, com frequência, numa situação difícil, por não saber pronunciá-las, escrevê-las ou ainda por não as entender; a importação, em massa, de unidades lexicais que muitas vezes substituem as vernáculas, pode descaracterizar o idioma receptor.

O impacto que essas unidades lexicais importadas provocam é limitado no tempo. Hoje, por exemplo, ninguém questiona a origem e o estatuto das unidades

lexicais como: futebol, clube, bife, desporto e outras, em Português. Uma coisa, porém é certa. Não podemos evitar a importação de unidades lexicais, sobretudo neste mundo globalizado como é o nosso, onde os meios de comunicação que possuímos nos aproximam directamente de comunidades falantes de outras línguas.

É necessário referir que, quando se fala de empréstimos, fazemos alusão às unidades lexicais vindas de um sistema linguístico diferente do da língua receptora, isto é, à importação de unidades lexicais, como sendo um factor de inovação lexical. No capítulo seguinte, apresentámos o caso dos Umbundismos, alguns deles ainda sentidos como neologismos no Português, em contexto angolano.

O movimento de unidades lexicais de uma língua para outra é um fenómeno tão natural como a própria existência de línguas diferentes.

2.4.2. Critérios de identificação de neologismos

Na verdade, para vários investigadores, em matéria da neologia, existem vários critérios para a identificação de um neologismo.

Entre esses vários critérios, o mais representativo é o lexicográfico: os *corpora* lexicográficos constituem os *corpora* de exclusão que permitem decidir se uma unidade lexical é ou não neologismo.

Relativamente aos neologismos-Umbundismos existentes no Português em Angola, os *corpora* lexicográficos são insuficientes, porque não existem Dicionários desta variante do Português.

Por outro lado, os Dicionários existentes do Português Europeu não são actualizados com a rapidez idêntica à dinâmica da língua.

Por isso, o critério da instabilidade pode ajudar nesta tarefa de selecção: uma unidade é considerada neológica quando apresenta sinais de instabilidade de natureza semântica, morfológica, fonética ou ortográfica.

Assim, a instabilidade morfológica pode traduzir-se, por exemplo, pela hesitação, em relação ao género de uma nova palavra. Um exemplo disso é o caso do termo *sida*, em que existe uma certa hesitação: *a sida/ o sida*.

O critério ortográfico identifica uma unidade lexical que apresenta grafias distintas, como é o caso do termo: *online*, *on line* ou ainda *on-line*. Em Português, tais unidades lexicais são grafadas em itálico ou ainda colocadas entre aspas para assinalar a novidade do termo.

Segundo Malumbu (2007: 47), relativamente à inovação lexical, afirma:

“...a construção de novos termos e a introdução de neologismos no vocabulário de uma língua são fenómenos que seguem rigorosas regras da evolução semântica e da gramática”.

O surgimento de empréstimos-Umbundismos é o resultado da inexistência de unidades lexicais que traduzam as realidades próprias da cultura umbundu, na Língua Portuguesa.

2.5. Língua e Cultura

É a partir da língua que a experiência humana encontra uma expressão e por outro lado, a língua impõe aos seus falantes, um modo particular de leitura da realidade. Isso porque, nenhuma língua é separável da função cultural. Por isso, as relações entre a língua, comunidade e cultura são particularmente manifestadas no léxico, objecto do nosso estudo.

Segundo Isabel Faria (cf. 2009), a noção de cultura está ligada a várias vertentes. Uma delas é a concepção antropológica da cultura que é relativamente nova, pois surge em finais do séc. XIX, princípios do séc. XX, visando o estudo do “outro não ocidental”.

De entre estas vertentes, a que mais nos interessa é a vertente sociológica, suportada pelos dois expoentes máximos que são: Durkheim e Max Weber.

Para Émile Durkheim, op cit. Isabel Faria, no campo da cultura, a sociologia elege como principal preocupação o estudo do «facto social», pois esta procura compreender a sociedade como um conjunto coeso de unidades sociais possuidoras de leis próprias, onde a cultura assume, de preferência, uma função integradora.

Esta função integradora manifesta-se por meio de um sistema de representações colectivas, que se denomina de consciência colectiva, que é independente dos fenómenos psicológicos individuais e que podem ser estudados através de expressões permanentes dessas representações, como é o caso do sistema jurídico, educacional, literário, religioso e artístico.

Segundo Max Weber, op cit Isabel Faria, (2009), o objecto da sociologia deve ser fundamentalmente a captação da relação de sentido da acção humana, levando a compreendê-lo. Aqui, Max Weber propõe que seja aplicado o método mais profundo contido nas acções de um indivíduo e não apenas o aspecto exterior dessas acções.

Ainda sobre a cultura, Altuna (2006: 158) afirma:

“As comunidades bantu agrupam-se em povoações que se convertem na expressão mais realista do sentimento comunitário. São uma perfeita concretização da vida comunitária, essencial para o bantu, e da necessidade de viver em companhia, sentindo à sua volta o calor humano da parentela.”

Assim, a cultura é um acto vivido em sociedade e não de forma isolada.

Podemos também entender a cultura de um grupo ou sociedade como o estudo do conjunto de crenças, costumes, ideias e valores, assim como dos artefactos, objectos e instrumentos materiais, que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade.

É precisamente nesta definição, que podemos enquadrar a noção de língua como um veículo da cultura de um determinado povo, neste caso, a cultura do povo ovimbundu; a Língua Umbundu reflecte e “transporta” costumes, comportamentos e até mesmo uma determinada filosofia de vida do povo ovimbundu.

2.6. Contribuição Lexicográfica em Angola

Embora não seja tradição a produção de obras lexicográficas relativamente à Língua Umbundu, no entanto em Angola, nos últimos 10 anos da pós-independência, vão surgindo algumas, bilingues, embora muito timidamente.

As obras bilingues são importantes para quem trabalha ou venha trabalhar em regiões, onde a Língua Umbundu seja a única língua para comunicar. Essas obras, bilingues, como sabemos, cumprem com certos objectivos.

Assim, passaremos a citar algumas poucas obras, nesta área, disponíveis:

- 1- O precursor de todas elas é a dos padres Grégoire le Guennec e José Francisco Valente, *Dicionário Português- Umbundu*, publicada em 1972, em Luanda pelo Instituto de Investigação Científica de Angola;
- 2- Em 2000, pela NAHO, Europress, “nasce” o Dicionário Umbundu-Português, da autoria de Henriques Etaungo Daniel, um falante nativo da Língua Umbundu;
- 3- Em 2003, pela Editorial Nzila, surge o “Pequeno Dicionário Antroponímico Umbundu”, da autoria de Francisco Xavier Yambo, um antropólogo e estudioso das Línguas Nacionais de Angola;
- 4- Graças à tenacidade do Reverendo Henriques Daniel, em 2010, pela Mayamba editora “nasce” um outro dicionário, desta vez, Português-Umbundu.

Com esta iniciativa, esperamos que, num futuro bastante próximo, haja mais obras lexicográficas nesta língua, conferindo-lhe um carácter científico.

CAPÍTULO III

CONTACTO DE LÍNGUAS: UMBUNDU - PORTUGUÊS

3.1. Contacto do Português com as Línguas Bantu de Angola

Em Angola, em muitas regiões e muitos contextos existem casos de multilinguismo, em consequência da distribuição linguística das várias línguas nacionais, do contacto entre estas línguas e do contacto destas línguas com o Português.

Depois de vários séculos de convivência linguística, entre o Português e as línguas nacionais, hoje, o Português em Angola transformou-se numa “*língua nova*”, com sotaque próprio, diferente do de Portugal e do Brasil; recorre constantemente a unidades lexicais e a expressões do Kimbundu e de outras Línguas angolanas, sobretudo quando quer expressar factos ou realidades socioculturais que o Português não possui e, às vezes, em determinados tipos de discursos, quando quer produzir efeitos estilísticos, dando ênfase a determinada expressão.

Fazendo uma curta estada em Luanda, por exemplo, e falando com os seus habitantes, pode observar-se a “nova língua”, repleta de unidades lexicais que talvez ocasionariam mal entendidos em outros sítios, sobretudo em Portugal.

Segundo Júlia Talaia, uma cronista do *Jornal de Angola*,

“Pelas ruas da nossa cidade e noutros meios restritos, ouvem-se palavras que, de um modo ou de outro, para quem não estiver atento às circunstâncias em que ocorre o processo de comunicação, dificultam a descodificação da mensagem...”.

Por exemplo, o termo “*velho*”, em Portugal, não seria o mais indicado para designar alguém com mais idade do que nós. Nesse contexto, “ser velho” teria uma carga pejorativa; é sinónimo de desvalido, ultrapassado e caduco.

Em Angola porém, a velhice é motivo de respeito. Um “*mais velho*”= “*kota*”, “*seculo*”, é alvo de grande respeito por parte dos mais jovens. O “*kota*”, o “*seculo*”, é uma pessoa cuja experiência de vida tem muito para ensinar; no contexto social, “o

velho” ou “o mais velho” constitui uma biblioteca viva. Por isso, ele deve ser respeitado pela camada mais jovem.

O mesmo ocorre com certas unidades lexicais como: avô, tio(a), pai, mãe, que, no Português Europeu, não têm a mesma significação que no Português em Angola. Estas unidades levariam a dificuldades de compreensão ou mesmo, a sentimentos de ofensa, por parte de locutor que desconhecem a sua significação em contexto angolano.

Salientámos o facto de que, no Português em Angola (PA), toda a pessoa adulta, mesmo desconhecida, é avô, tio(a), pai, mãe, julgando-a sempre pela idade que aparenta. É assim designada pelo respeito que se tem por essa pessoa. Por outro lado, constitui a forma mais carinhosa com que nos dirigimos a essa pessoa. São formas de tratamento que fazem parte da nossa cultura social como angolanos.

Referindo-nos a estas unidades, queremos sublinhar, indirectamente, outras que comportam características idênticas no PA, sobretudo as provenientes das línguas nacionais.

Vivendo no meio angolano, podemos constatar que o uso de unidades lexicais dessas línguas, no PA, não se limita ao Kimbundu, mas estende-se a outras LNs, principalmente, ao Umbundu, Kikongo e Cokwe, embora estas últimas, numa escala mais reduzida.

A inclusão de algumas dessas unidades lexicais no Português, de uma forma espontânea, torna esta variante mais suave e, quiçá, mais carinhosa, podendo fazer-se a sua identificação, sem dificuldade, em qualquer parte que o falante angolano se encontre. Pensamos tratar-se de uma interpenetração linguístico-cultural.

Em relação à questão, Manuel Martins (1958: 120) diz:

“Nas quatro partes do mundo, onde exercemos influência cultural, ficou indelevelmente marcada nos falares nativos a presença da língua portuguesa...”.

A influência das línguas nacionais no Português de Angola, e vice-versa, faz-se sentir a vários níveis da vida social angolana, desde a antroponímia, à toponímia, passando pela gastronomia e muitos outros aspectos socioculturais.

Referindo-se à influência do Português nas línguas nativas, o mesmo autor afirma:

“Muitas dezenas, se não centenas de vocábulos, sem dúvida alguma derivados do português, foram aceites e adaptados à fonética e a morfologia do quicongo e passaram a fazer parte integrante da língua, mormente nos domínios da vida material, da antroponímia e da vida religiosa” (1958: 120).

Como dissemos, os angolanismos, isto é, os empréstimos lexicais provenientes das LNs, no PA, são variados e provêm de diversas línguas faladas em Angola, com predominância do Kimbundu e “afectam” os mais variados níveis sociais.

No nosso estudo, fixámo-nos na Língua Umbundu. Quanto aos antropónimos angolanos, estes sofreram uma grande influência portuguesa, desde os primeiros momentos da colonização. Muitos deles foram introduzidos com a evangelização, realidade desconhecida antes da chegada dos portugueses a essas paragens.

A presença missionária levou à introdução e adopção de certos nomes cristãos, cujo conteúdo, em termos de significação, era e é ignorado pelos nativos.

Como sempre acontece nas línguas em contacto, esses nomes acabaram por ser adaptados à fonética das LNs, sobretudo os termos ligados a aspectos religiosos. A primeira missão cristã realiza-se na zona linguística kikongo e aí, desde muito cedo, os nativos começaram a usar nomes portugueses com a conversão daqueles ao cristianismo, religião do colonizador.

O costume lançado com a adesão à fé cristã, pouco a pouco, foi-se estendendo aos não cristãos.

Tal como acontece com os vocábulos religiosos, a adopção de antropónimos portugueses sofreu também alterações, adaptando-se, em algumas circunstâncias, à fonética kikongo, de tal forma que, em alguns casos, chega a confundir-se com os nomes tradicionais dessa língua.

Num contacto de línguas e culturas, embora a influência seja feita a nível de zona, tal fenómeno não é limitado. Existe sempre a possibilidade de propagação por vários meios. Aliás, Manuel Martins (1958: 124), referindo-se a este facto, diz:

“Pelo contacto directo nos centros principais, quer missionário quer comercial, e sobretudo pela propagação feita à distância pelas caravanas dos fumantes, pumbeiros e aviados que penetravam pelos sertões dentro, foi-se alargando cada vez mais a influência do português nas línguas locais”.

Em Angola, quase todos os nomes tradicionais têm um significado e estes são postos em harmonia com certas circunstâncias ocorridas antes, durante ou depois do nascimento da criança. Tais circunstâncias têm a ver com a família ou até com a sociedade em que a criança nasce e vive.

Um exemplo muito curioso é o que aconteceu depois da independência e com a implantação do Comunismo. Nessa altura, muitos pais atribuíram aos seus filhos nomes ligados a essa ideologia ou a figuras de relevo, no país, como por exemplo: Marx, Lenin, Fidel Castro, Agostinho Neto, Ngangula e outros nomes míticos da Angola independente.

Voltando ao assunto anterior, muitos dos antropónimos utilizados pelos autóctones, no dizer do autor supracitado, são nomes de luxo, que se usam por ostentação, concomitantemente com os nomes indígenas, porém outros perderam esse carácter e passaram a ser considerados como nomes tipicamente nativos. Por exemplo, entre os kikongos, encontramos o antropónimo **Ndomanuelo**, que claramente é uma aglutinação de **Dom Manuel**. Portanto, trata-se de uma “africanização”/ “bantuização” do título **Dom** mais o nome **Manuel**.

Como vemos, e segundo o autor citado,

“...esses nomes sofreram alterações impostas pela adaptação às circunstâncias fonéticas da língua e estão absolutamente integrados na cultura local”.

Na cultura africana, em geral, e em Angola, em particular, o nome tradicional que se atribui à criança, vai moldá-la ao longo da sua educação.

É de referir que, a título de exemplo, na idade média e clássica, se usou muito o título de **Dom**. Segundo a grafia portuguesa, este título era, normalmente, separado do nome próprio, o que não acontece na adaptação à Língua Kikongo.

Tal como em Portugal, na sociedade kikongo, esses nomes aglutinados eram, inicialmente, reservados às famílias ligadas à soberania, hoje denominadas “autoridades tradicionais” (sobas). O cidadão comum podia utilizar um outro nome de origem portuguesa, também africanizado, muitas vezes, na oralidade.

Neste contexto, encontramos, entre muitos, alguns antropónimos que incluem os masculinos e femininos:

QUADRO Nº 01 – Alguns Nomes Próprios em Português e LN (s)

Antropónimo	Língua Nativa	Português
Bafe/ Mbaxi	Kikongo/ Kimbundu	Sebastião
Lumingu Ndjepele	Umbundu	Domingos Isabel
Madiya/ Madya	Kikongo/ Kimbundu	Maria
Matesu	Kikongo/ Kimbundu	Mateus
Mbele	Kikongo	Abel

Este assunto será retomado no capítulo sobre a contribuição dos antropónimos das línguas nacionais, no Português em Angola.

3.1.1. Os falantes do Português

Segundo Amélia Mingas (cf. 2000: 52), já nos anos 30 era possível encontrar em Angola crianças cuja língua primeira era o Português.

Já antes da independência, num estudo feito na época, verificou-se que, em Luanda, o número de falantes monolingues Kimbundu tinha diminuído, favorecendo assim a súbita da percentagem de falantes bilingues Kimbundu/ Português.

Apresentamos um estudo efectuado por Pepetela sobre os falantes que têm o Português como língua materna, em Luanda (cf. Miguel, Maria Helena, 1997: 32-33):

Percentagens da População que só fala a Língua Portuguesa

Grupo Etário	05-14	15-19	20-24	25-29	75 e...+	TOTAL
Municípios	Percentagens por Municípios					
Rangel	81%	53%	36%	21%	0%	47,7%
Ingombotas	74%	42%	33%	31%	23%	41%
Maianga	67%	32%	19%	14%	0%	33%
Kilamba Kiayi	67%	33%	15%	6%	0%	30,2%

Apresentamos também outro estudo realizado por Pepetela sobre os falantes que para além do Português, dominam uma LN (cf. Miguel, Maria Helena, 1997: 32-33):

Percentagens da População que também fala Línguas Nacionais

Municípios	Falantes de Uma LN
Rangel	51,3%
Ingombotas	50,5%
Maianga	62,2%
Kilamba Kiayi	64,4%

Estudos, relativamente recentes, são favoráveis à atribuição do Português, como língua materna, a um número significativo de crianças e jovens angolanos, sobretudo das grandes cidades de Angola.

Agnela Barros (2002: 54) afirma que as crianças em Angola

“Aprendem o português como língua segunda, exceptuando nas cidades de Benguela e Lobito...” [...] “... na cidade de Luanda... o português... é a língua primeira da maior parte dos jovens da capital”.

As zonas referidas pela autora são privilegiadas por estarem situadas no litoral; são zonas da primeira colonização, facilitando o contacto com a Língua Portuguesa, desde os primeiros momentos da colonização. Daí a Língua Portuguesa ter penetrado com bastante facilidade, pois, segundo Amélia Mingas (cf. 2000: 50), desde muito cedo existiram os *“pretos assimilados”* que adoptaram os costumes e a Língua Portuguesa, a então chamada *“pretoquês”*.

Ora, se desde os primeiros contactos era possível encontrarmos falantes da Língua Portuguesa como L1 (materna), hoje, com toda a certeza, é muito mais, visto ter havido o alargamento da rede escolar, numa procura constante de erradicar o analfabetismo.

Em Angola, o facto de essa língua funcionar como língua oficial, língua da administração e língua do sistema de ensino, facilita a sua aprendizagem mesmo até em meios informais.

Além disso, o *“afastamento”* das Línguas Nacionais do contexto político-administrativo faz com que a Língua Portuguesa protagonize as funções linguísticas mais importantes com quase exclusividade.

Amélia Mingas (2002: 46) é da seguinte opinião:

“... a independência... consolidou a veicularidade da LP no país, pois a língua confinada às capitais do país e províncias, ela chegou às populações rurais devido ao fenómeno guerra”.

Neste contexto, o êxodo das populações do interior do país para o litoral aumentou não só o número de falantes dessa língua, como também de crianças angolanas com o português como L1 e/ou L2, apesar de as metodologias de ensino da Língua Portuguesa não sofrerem alterações. Ela continua a ser ensinada como L1.

Apesar de a LP beneficiar-se de uma plurifuncionalidade, segundo Agneta Barros (2002: 40), essa mesma língua, em alguns casos, é *“contaminada”* por interferências das línguas nacionais. Por isso a autora afirma que *“...a interferência bantu, nas camadas mais jovens, tem estado a irromper com alguma vitalidade...”*.

Em consequência destas interferências ou contaminações, hoje, são notórios os empréstimos lexicais às línguas nacionais no Português contemporâneo em Angola.

3.1.2. Falantes da Língua Umbundu: sua origem

A origem dos ovimbundu (falantes da Língua Umbundu) tem sido motivo de grandes estudos por parte de vários pesquisadores, por várias razões. Uma das razões tem a ver com o facto de se tratar de um grupo étnico que marcou e ainda hoje marca, profundamente, a história económica, social, política e cultural da posição do território angolano.

Segundo Aleixo (2011: 46- 47), geograficamente, os ovimbundu ocupam o Planalto Central de Angola e a faixa costeira adjacente, numa região que compreende as províncias do Huambo, Bié e Benguela. Ainda segundo o mesmo autor, entre os

anos 1500 e 1700 esse povo emigrou do Norte e do Este de Angola para a área de Benguela. Assim, inicialmente os ovimbundu não habitavam Benguela. Essa é fruto do processo de emigração.

Falámos do destaque dos ovimbundu em várias facetas. Na verdade, temos que referir bastantes factos tais como: em primeiro lugar, a forte resistência contra o invasor colonialista; em segundo lugar, a soberania dos seus reis, permitindo-lhes a extensão das suas relações comerciais até Zanzibar, no Oceano Índico; em terceiro lugar, a exploração desenfreada de que foi vítima, durante o regime colonial, nas roças, pescarias, fazendas e outras explorações, levando muitos ovimbundu a emigrarem para países vizinhos; em quarto lugar, temos que referir o caso das guerras.

Os ovimbundu foram muito afectados tanto pela guerra anti-colonial, como pela guerra civil angolana. Essa última provocou êxodo das populações rurais para as zonas consideradas mais seguras, como é o caso do Huambo, Benguela, Lobito e Luanda e também para outras capitais de Províncias, originando assim o êxodo linguístico.

Alcançada a paz, uma parte dos ovimbundu, que se tinha refugiado nas cidades citadas anteriormente, regressou às suas zonas de origem, enquanto uma outra parte considerável permaneceu nas zonas urbanas.

Como dissemos, este facto vai também influenciar o desenvolvimento linguístico dos ovimbundu em relação à Língua Portuguesa, pois, como afirmámos anteriormente, e apoiados em dados estatísticos actualizados da UNICEF (Relatório de 2009), eles constituem 37% da população angolana.

3.1.2.1. Variantes da Língua Umbundu

Os locutores da Língua Umbundu mediante as diferentes variantes que utilizam caracterizam assim cada região.

Segundo Zavoni Ntongo e João Fernandes (cf. 2002: 57) existem catorze variantes desta língua que são: Ambwi, Kacisanje, Kakonda, Lumbu, Mbalundu, Mwanya, Ndombe, Nganda, Sambu, Sele, Viye, Sumbe, Cikuma e Wambu.

Por sua vez, Vatomene Kukanda, op cit por Filipe Zau², fazendo referência a essas variantes, distribui-as por regiões.

O quadro seguinte apresenta essa distribuição:

QUADRO Nº 02 – Variantes da Língua Umbundu

REGIÕES	VARIANTES
Benguela	<ul style="list-style-type: none"> - Akwambe ou Ndombe - Cisanje - Hanya ou Mwanha - Lumbu - Nganda
Kwanza- Sul	<ul style="list-style-type: none"> - Mbwi ou Ambwi - Sele - Sumbe ou Pinda
Viye/ Bié	<ul style="list-style-type: none"> - Viyenu
Wambu/ Huambo	<ul style="list-style-type: none"> - Mbalundu - Sambu - Wambu
Wila/ Huíla	<ul style="list-style-type: none"> - Kakonda

² - Artigo do Jornal de Angola, de 12 de Janeiro de 2010: 44

Portanto, cada uma dessas variantes, embora seja uma parte do todo, que é a Língua Umbundu, ela apresenta características que a faz diferente das outras, quer seja por aspectos fonológicos, quer por particularidades semânticas ligadas ao léxico partilhado pelas diversas variantes que compõem a mesma língua.

3.2. Sistema Linguístico do Português

Segundo Chicuna (2009: 91), o sistema linguístico da Língua Portuguesa é totalmente diferente do das línguas africanas, sobretudo das línguas bantu. As suas diferenças são essencialmente ao nível fonológico e morfológico.

Para demonstrar essas diferenças, limitámo-nos apenas ao alfabeto da Língua Portuguesa que, de alguma forma, podemos fazer uma pequena referência à pronúncia dessas letras do alfabeto, pois é ela que tem um papel importante no momento de descrevermos as interferências “sofridas” pelos dois sistemas linguísticos diferentes (Português e Umbundu).

No seu todo, a Língua Portuguesa é constituída por vogais e por consoantes.

Falando de pronúncia das letras, estaremos aqui a tocar, ainda que de leve, às questões ligadas à fonologia é o ramo da linguística que estuda o sistema sonoro das línguas.

Segundo Arruda (2004: 8), “...da variedade de sons que o aparelho vocal pode produzir, e que é estudado pela fonética, só um número relativamente pequeno é usado distintivamente em cada língua” [...] “Quando falamos ou escrevemos, usamos palavras.”

Por exemplo: **banco, cadeira, amor** são palavras da Língua Portuguesa. Se articularmos cada uma delas (**ban- co; ca- dei- ra; a- mor**), verificamos que cada uma se decompõe em vários elementos que têm em comum o serem pronunciados numa só emissão de voz (sílabas).

Os sons são representados, na escrita, por letras e, essas podem ser vogais ou consoantes.

Na palavra *amor*, por exemplo, há duas vogais e seu respectivo som, /a/ = [a] e /o/ = [o] e duas consoantes /m/ e /r/. As duas consoantes, em Português, não têm som, pois para o terem apoiam-se em outras letras que, normalmente, são as vogais.

O quadro seguinte vai mostrar as diferentes letras do alfabeto da Língua Portuguesa:

QUADRO Nº 03 – Alfabeto do Português

Letra	Pronúncia	Exemplo
a A	(a)	A mor
b B	(bê)	B erro
c C	(cê)	C írculo
d D	(dê)	D edo
e E	(é)	E rro
f F	(efe)	F arra
g G	(gé) ou (guê)	G orro
h H	(agá)	H ora
i I	(i)	I dade
j J	(jota)	J arra
k K	(capa)	C adeira
l L	(ele)	L ata
m M	(eme)	M ala
n N	(ene)	N elo

o O	(ó)	Ó bito
p P	(pê)	P orta
q Q	(quê)	Q uadro
r R	(erre)	R ato
s S	(esse)	S apato
t T	(tê)	T ecto
u U	(u)	U va
v V	(vê)	V erde
w W	(dáblio) ou (duplo v)	W ilson
x X	(xis)	X avier
y Y	(ipsislon) ou (i grego)	Y olanda
z Z	(zê)	Z eferino

O quadro acima representa todos os grafemas utilizados no Português, incluindo o /K/, /W/ e /Y/, importados de outras línguas para se escreverem nomes de origem estrangeira. Neste caso, o alfabeto português é composto por 26 letras.

Sabe-se que é a partir dessas letras que se efectuam as combinações necessárias para a ortografia e a pronúncia dos grupos que se quiserem realizar na língua.

3.3. Sistema Linguístico do Umbundu

A Língua Umbundu, segundo a classificação de Malcom (1948), está disposta em sistema de classes linguísticas, possuindo dezoito classes de concordância, caracterizada cada uma pela presença do prefixo substantival e prefixo dependente.

Para Grégoire le Guennec et alli (2010), em Umbundu,

“Cada classe tem, pois, o seu significado específico, exprime um conceito e sintetiza uma ideia, ideia esta que pode ser genérica (no modo como o ser é encarado) no singular, e esmiuçada no plural, ou vice-versa.”

Acrescentando, os autores afirmam que, nas línguas bantu, as classes possuem noções próprias que lhes são características, podendo apresentar-se como um nome completo, subentendendo-o do radical.

Exemplos: **u- wetu** (*este é nosso*); **ava- vetu** (*Estes são nossos*).

Quando o falante do Umbundu diz: **u-wetu** e **ava-vetu**, nestas duas expressões estão implícitas as seguintes noções: *“Este homem é nosso = u- wetu/ Estes homens são nossos = ava- vetu.”*

Voltando à formação das classes, passaremos a apresentar o quadro que reflecte as dezoito classes de que já falámos:

QUADRO Nº 04 – Classes da Língua Umbundu

Classes	Prefixo Substantival	Prefixo Dependente		
		Série I	Série II	Série III
1ª	Omu -, u-	Omu-, u-		
2ª	Oma- , a-, va-	Va-	o-	Va-
3ª	u-	u-	u-	u-
4ª	Ovi-	vi-	vi-; o-	vi-
5ª	e-, i-	li-	e-	li-
6ª	a-, ova-	Va-	Va-	Va
7ª	Oci-	ci-, co-	ci-; co-	Ca
8ª	Ovi-	o-	o-	Vi
9ª	O-	e-, o-	e-; o-	i-
10ª	Olo-	e-, o-	e-; o-	vi-
11ª	Olu-	Olu-	Olu-	Lu-
12ª	Oka-	Ka-	Ka-	Ka-
13ª	Otu-	Tu-	Tu-	Tu-
14ª	u-	u-	u-	u-
15ª	Oku-	Ku-	Ku-	Ku-
16ª	Ko-, ki-	Ko-, ki-	Ko-; ki-	Ko-; ki-
17ª	Ko-, po-	Ko-, po-	Ko-; po-	Ko-; po-

18ª	Vo-	Vo-	Vo-	Vo-
-----	-----	-----	-----	-----

É com base nestas dezoito classes que são formados os substantivos, os verbos, os adjectivos e os advérbios em Umbundu.

Segundo Mário Vilela (1994: 57), no conjunto do léxico de uma língua, os substantivos constituem o ponto de partida para a nomeação de tudo o que a tecnologia e o progresso trazem de novo para a comunidade, por serem a via por onde passa a designação das coisas inventadas ou importadas.

Quanto a esta questão, Zavoni Ntongo (2006: 50) afirma que os substantivos simples, na língua bantu, são formados, de uma maneira geral, por um lexema ao qual se junta um prefixo, tornando-se apto a assumir uma função sintáctica num enunciado.

Numa língua viva, como é o caso da Língua Umbundu, o dinamismo linguístico leva a produzir cada vez mais novas unidades lexicais que correspondem à necessidade da comunicação inter-social.

Fizemos aqui referência a classes e, segundo a nossa pesquisa e “olhando” para os emparelhamentos, chama-se **classe** a todo o sistema que permite aos substantivos participar na expressão da distinção de número (singular e plural).

A transferência de uma classe para outra é feita por meio de dois processos que são a substituição de prefixos e / ou a adição de prefixos.

No processo de substituição de prefixos, um determinado prefixo que pertença a uma outra classe pode ser trocado ao entrar em contacto com a classe em que se insere.

Como exemplo, temos: **ekalu** (carro), classe 5; o seu plural insere-se numa outra classe, 6, **akalu** (carros). Formando o mesmo substantivo no grau aumentativo, temos que trocar o prefixo **e** para o prefixo **oci** e aí, teremos o substantivo **ocikalu**

(carrão), inserindo- se assim na classe 7. O seu plural passará para a classe 8, com o prefixo **ovi**; teremos então o substantivo **ovikalu** (carrões).

Como vimos, na formação dos substantivos, o mesmo substantivo passa de uma classe para outra, segundo o grau a adoptar.

Na adição, o processo a adoptar segue rumos diferentes da substituição. Esse processo, segundo Zavoni Ntongo (cf. 2006: 59), permite obter substantivos através de junção de prefixos de classes diferentes, adicionados à base.

Como exemplos, temos: **ondjo** = casa, (singular), classe 9 e **olondjo** = casas, (plural), classe 10. Neste último substantivo dá-se o processo de adição de prefixo.

Ainda segundo Zavoni Ntongo (cf. 2002: 75), entre todas as classes que constituem o sistema das línguas africanas, neste caso da Língua Umbundu, a classe 15 é de verbo-nominal, pois para algumas línguas ela engloba verbos e substantivos.

Como exemplo, temos: **okuwala** = vestir- se.

Apresentamos, em seguida, o quadro com o processo de emparelhamento regular por substituição, comparado com o Português, para uma melhor percepção do processamento dos prefixos, em Umbundu:

QUADRO Nº 05 – Processo de Emparelhamento em Umbundu

Língua Umbundu		Língua Portuguesa	
Cl. 1; pref. u - sing.	Cl. 2; pref. a-ova -pl.	Singular	Plural
Ukombe	Akombe	Hóspede	Hóspedes
Cl. 3; pref. u – sing.	Cl. 4; pref. ovi – pl.		
Uti	Oviti	Árvore	Árvores
Cl. 5; pref. e – sing.	Cl. 6; pref. a – pl.		

Etimba	Atimba	Corpo	Corpos
Cl. 7; pref. oci – sing.	Cl. 8; pref. ovi – pl.		
Ocimunu	Ovimunu	Ladrão	Ladrões
Cl. 9; pref. oØ – sing.	Cl. 10; pref. olo – pl.		
Ongende	Olongende	Peregrino	Peregrinos
Cl. 11; pref. olu – sing.	Cl. 10; pref. olo – pl.		
Olundungu	Olondungu	Piripiri/ Picante	Piripires/ picantes
Cl. 12; pref. oka – sing.	Cl. 13; pref. otu – pl.		
Okamolã	Otumolã	Criancinha	Criancinhas
Cl. 14; pref. u – sing.	Cl. 4; pref. ovi – pl.		
Uta	Ovita	Arma	Armas
Cl. 15; pref. oku – sing.	Cl. 4; pref. ovi – pl.		
Okulya	Ovilya	Comida/ comer	Comidas

Como podemos verificar, o emparelhamento pode acontecer com qualquer uma das classes, sobretudo na formação do plural.

Uma determinada classe pode participar muitas vezes na formação do plural de outras classes, dependendo sempre da semântica de cada uma delas.

Quanto à morfologia, na Língua Umbundu existem dois grandes grupos de unidades lexicais que são as variáveis e as invariáveis.

No grupo das variáveis, encontramos os substantivos, adjectivos, numerais, pronomes e verbos, pois os artigos, esses não existem nesta língua. Já no das invariáveis, encontramos: advérbios, conjunções, preposições e interjeições.

3.3.1. Alfabeto do Umbundu

Um estudo feito pela UNESCO, nos anos 1981-1982, fixou a ortografia das Línguas nacionais, onde se enquadra a Língua Umbundu, com o seguinte alfabeto:

QUADRO Nº 6 – Alfabeto da Língua Umbundu

Letra	Pronúncia	Exemplo em Umbundu	Tradução em Português
A	[a]	<u>A</u> kala	Carvão
C	[tchê]	<u>C</u> atava	Correspondeu
E	[e]	<u>E</u> vaya	Tábua
F	[fê]	O <u>f</u> ela	Vento
H	[hê]	Okunyale <u>h</u> ã	Estender
I	[i]	W <u>i</u> ya	Vem
K	[kê]	E <u>k</u> epa	Osso
L	[le]	Okuta <u>l</u> a	Observar
M	[mê]	O <u>m</u> elã	Boca
Mb	[mbê]	O <u>mb</u> embwa	Paz
N	[nê]	Ovi <u>n</u> ene	Lixo

Ny	[ny]	Ov <u>in</u> yangã	Trapos
Nd	[nde]	O <u>nd</u> ele	Espírito
Ndj	[ndje]	O <u>ndj</u> elo	Clareza
Ng	[ngue]	Ongon <u>g</u> uela	Igreja
Ñg	[ñga]	Ñgala	Senhor
P	[pe]	Oku <u>p</u> eya	Insistir
S	[se]	<u>S</u> andombwa	Noivo
T	[te]	Ka <u>t</u> eya	Parte (estrangular)
U	[u]	<u>U</u> vala	Casamento
V	[ve]	Oku <u>v</u> ola	Apodrecer
W	[we]	Ok <u>w</u> itila	Entornar
Y	[ye]	Okuvay <u>y</u> a	Refilar

O alfabeto Umbundu é composto por vinte e três letras, incluindo os grupos de combinação que caracterizam a própria língua. Tais grupos combinatórios são: /mb/, /nd/, /ndj/, /ng/, /ñg/ e /ny/.

O sistema linguístico Umbundu conta com as seguintes consoantes: /f/, /h/, /k/, /l/, /m/, /n/, /p/, /s/, /t/, /v/.

Nesta óptica, e como vimos anteriormente, é importante frisar que o grafema /b/, na Língua Umbundu, nunca aparece sozinho, mas sempre precedido do grafema /m/, atribuindo-lhe um carácter mais áspero na primeira sílaba das unidades lexicais que exprimem substantivos e/ ou verbos.

Como exemplo, temos o seguinte caso: **Mbbimbi** (nome próprio).

O grafema /c/ adquire um valor diferente daquele que é representado no Português; ele adquire, em Umbundu, o valor [ʃ].

Como exemplo, temos os seguintes unidades: capya (cozeu); capopiwa (falou-se).

Tal como nos outros grafemas, o /d/ também nunca aparece sozinho; é sempre associado também ao grafema /n/ que o precede, como vemos nos seguintes casos.

Exemplos: Ndjepele (Isabel); ndona (dona).

Os dois grafemas mais próximos, /g/ e /j/, também em Umbundu, são sempre precedidos de /n/ ou ainda com o grupo de grafemas /nd/, formando o grupo /ndj/ e /ng/, simultaneamente, para se produzir um som mais áspero.

Exemplo: ovindjangatela (montão de coisas).

O grafema /s/, estando no início ou no meio de unidades lexicais, tem sempre, em Umbundu, o valor de /ç/ ou de /s/, em qualquer posição em que esteja na palavra.

Vejamos os exemplos seguintes: Sondjamba (o pai do Ndjamba), Nasikunda (a mãe do/ a Segunda), casesama (é devido; é permitido).

De uma forma geral, a Língua Umbundu usa o alfabeto latino (aquele que é usado no Português).

É de referir que, essa língua, embora não seja língua de comunicação em todo o país, é reconhecida pela UNESCO como uma das línguas africanas (angolana) com maior expressividade, pois é utilizada por um grande número de falantes angolanos como uma das línguas de comunicação regional, sobretudo nas actividades comerciais informais, como é o caso dos mercados. Mais de cinco milhões de pessoas usam-na como língua primeira e/ ou como língua segunda.

Apesar de essa língua não estar ainda inserida no sistema de ensino, ela é usada nos meios de Comunicação Social, como é o caso da Rádio e da TV, em programas próprios, o que dá, de alguma forma o respaldo jurídico (oficial).

3. 4. Interferências entre o Português e o Umbundu

3.4.1. Fenómeno da interferência

O fenómeno de interferência acontece em indivíduos bilingues, quando se desviam da norma das línguas, por influência de uma outra e também em comunidades linguísticas que possuem línguas em contacto.

A coabitação do Português com o Umbundu afectou os dois sistemas linguísticos, em vários níveis: fonético, fonológico, morfológico e semântico.

De forma genérica, a interferência é definida como um fenómeno resultante da utilização de estruturas e elementos linguísticos da língua de partida na língua de chegada; mas para além das interferências de tipo morfossintáctico existem também interferências lexicais das quais decorrem, frequentemente, os fenómenos designados de *empréstimos*.

Para André Martinet, (1980: 171), a interferência é um fenómeno do contacto de línguas, que ocorre quando existe uma convivência entre povos, cujos sistemas de comunicação são diferentes.

William Mackey, citado por Chicuna (2003: 48), entende que interferência é a utilização de elementos de uma língua, quando falamos ou escrevemos numa outra língua.

Consequentemente, a interferência de carácter morfossintáctico é uma característica que ocorre a nível do discurso e não do sistema, variando qualitativa e quantitativamente ao longo dos tempos e de indivíduo para indivíduo.

Na mesma perspectiva, Weinreich (1953) define o fenómeno da interferência como os

“...desvios de normas de qualquer língua que ocorrem na fala de bilingues, como resultado de seu conhecimento de mais de uma língua, isto é, como resultado de línguas em contacto”.

Este autor faz referência à interferência como um “*desvio*”, por ocorrer nos enunciados constituídos por falantes bilingues. O “*desvio*” é um fenómeno de agramaticalidade na língua.

Um outro autor, Victorino Reis (2006: 45), define interferência como

“desvios à norma de cada uma das línguas que se produzem no discurso dos bilingues ou plurilingues como resultado da familiaridade com mais do que uma língua.”

A interferência do Português no Umbundu, e vice-versa, reflecte-se através dos processos que os diferentes autores descrevem nas citações que mencionamos acima.

3.4.2. Contactos entre línguas: umbundismos e portuguesismos

Mas o contacto entre as duas línguas não origina apenas interferências a nível do discurso em indivíduos bilingues e plurilingues, mas origina também:

- empréstimos (umbundismos) estabilizados (unidades lexicais do sistema linguístico),
- empréstimos (umbundismos) que são ainda sentidos como neologismos, e portuguesismos, isto é, empréstimos ao Português que sofreram processos de adaptação.

O contacto do Português com o Umbundu, durante o processo de colonização, resultou em aportuguesamento e na umbundização de algumas unidades lexicais. Por exemplo, o *aportuguesamento* de **nharea**; de *nhalehã* (do verbo okunhalehã = estender, em Umbundu) e, na *umbundização* de **omesa** (do substantivo mesa, em português).

Na palavra aportuguesada (*nharea*), encontramos o som [r], inexistente na Língua Umbundu.

Segundo Chicuna (2000: 45), aportuguesamento é o

“...processo que consiste em dar forma portuguesa às palavras estrangeiras, isto é, acomodar ao gosto ou uso português”.

Tendo em conta que os nomes em Umbundu, quer gentílicos, quer topónimos, são dados segundo as circunstâncias envolventes, dando um significado ao respectivo nome, logo, ao aportuguesá-los, o seu valor inicial perde-se, perdendo a sua semântica, muitas vezes, tanto na língua de origem, como na língua de chegada, neste caso, o Português.

Este fenómeno também se estende à Língua Umbundu, formando o fenómeno por nós denominado de *umbundização*.

Todos esses nomes, quer por *aportuguesamento*, quer por *umbundizamento*, constituem neologismos na língua de hospedagem.

3.4.2.1. Umbundização de unidades lexicais do Português

Esse é o caso de algumas unidades lexicais de origem portuguesa que, por interferência, entraram na Língua Umbundu:

- **Camisa; n. f. s.**

(ombindja); n. s. cl. 9

Com base no processo de aglutinação, à palavra camisa antepôs-se o /o/, tendo esse culminado em ocamisa.

Num segundo processo de aglutinação e, tendo em conta a algumas características dos falantes de Umbundu de que já fizemos referência, a sílaba **mi** foi transformada em **mbi**, criando assim o termo ocambisa.

Ora, insistindo no uso desse termo, segundo Malumbu, (cf. 2007: 48), cairíamos naquilo que o autor chama de *neologismos intoleráveis*, como é o caso das unidades lexicais: *oparede*, em vez de *ocimano* e *Isabele*, em vez de *Ndjepele*, etc.

Nesses casos, ainda segundo o autor, estaríamos a fazer uma adaptação forçada dos termos, o que seria inapropriado.

Voltando ao vocábulo *ocambisa*, podemos verificar que, pela necessidade própria dos falantes, em se evitar a cacofonia do som [za] que é inexistente em Umbundu, tal som foi substituído por [ndja], culminando o processo no substantivo *ombindja*, pertencente também à classe 9.

- **Chave; n. f. s.**

(*osapi*); n. s.cl. 9

Analisando a unidade lexical em causa, o som cha, em Umbundu, é inexistente. Logo, para uma adequação linguística, esse som foi substituído por sa, criando assim o substantivo *sapi*. Recorrendo ao sistema de classes, o termo sapi acabou por enquadrar-se na classe 9, originando, em definitivo, o substantivo *osapi*.

Para a criação de neologismos linguísticos, Moisés Malumbu, ainda na mesma obra, afirma que, devemos evitar a anarquia na hora de “buscarmos” unidades lexicais equivalentes, fruto de contacto de línguas:

“A anarquia, na tradução e na criação de neologismos, leva ao perigo da crioulização de uma língua. A crioulização linguística, por sua vez, desnatura toda e qualquer língua da sua essência, ao fazer desaparecer as raízes da mesma e os traços da evolução semântica das palavras, o que não significa enriquecimento de uma língua, mas sim a aglutinação e colonização destrutiva da mesma e da cultura a que pertence”.

Nesta ordem de ideias, segundo o autor, foram introduzidas, no Umbundu, unidades lexicais do Português pelos mesmos processos de interferência, respeitando sempre “...as leis gramaticais da evolução semântica das línguas bantu na sua adaptação à evolução das ciências modernas”.

Apresentamos, no quadro seguinte, algumas dessas unidades portuguesas que foram umbundizadas:

QUADRO Nº 07 – Umbundização de unidades lexicais do Português

Em Umbundu	Em Português
Ekalu	Carro
Ekolowa	Coroa
Elasola	Lençol
Elesu	Lenço
Elola	Roda
Elivulu	Livro
Elyapu	Diabo
Etambo	Templo
Etapwa/ Evaya	Tábua
Etelusu	Terço
Kalolo	Carlos
Kapatasi	Capataz
Kapitamolo	Capitão - Mor
Kapitango	Capitão
Kaluvayu	Carvalho

Katapila	Caterpillar
Mesene	Mestre
Ocalumingu	Domingo
Ocasapalo	Sábado
Ocikalasaw	Calção/ Calça
Ocikonde	Condenado
Ocindalatu	Contratado
Ocipato	Biscato
Ocitanda	Exposição; Mercado; Stand
Ofesita	Festa
Ofumbelo	Fumbeiro
Ofwofwo	Fósforo
Ohalupa	Harpa
Ohama	Cama
Okalyavoso	Calabouço
Okasaku	Casaco
Okatisimu	Catecismo
Okupulukāla	Purgar
Okutalavaya	Trabalhar

Olalyu	Rádio
Olupale	Cidade
Olusendu	Centavo
Olwoso	Arroz
Omakalãu	Macarrão
Omassa	Massa = Sparguet
Omaletelo	Martelo
Omangu	Banco
Ombalãu	Avião
Ombaile	Baile
Ombatata	Batata rena
Ombindja	Camisa
Ombolu	Bolo
Omesa	Mesa
Omisola	Camisola
Ondjapãw	Sabão
Ondjipela	Algibeira
Ondona	Dona = Senhora
Ongayeta	Gaita
Opekalo	Pecado

Osapato	Sapato
Osapi	Chave
Osemana	Semana
Osikaleta	Bicicleta
Osikata	Escada
Osikola	Escola
Osindiyu	Gentio
Osipayu	Cipaio
Osola	Zorra
Osuka	Açúcar
Otelefwone	Telefone
Ovela	Vela
Ovenda	Venda = Loja
Owalende	Aguardente
Manu	Mano
Naseketa	Secretária
Noha	Noé
Satana	Satanás
Ukonde	Condenação

3.4.2.2. Bantuização de portuguesesismos em Umbundu, Kimbundu e Kikongo

Sublinhamos que a interinfluência verificada entre a Língua Portuguesa e as Línguas nacionais processa-se sobretudo nos nomes comuns, mas também em nomes próprios “*importados*”, isto é, trazidos pelos colonizadores.

Os quadros seguintes apresentam alguns exemplos de bantuização das unidades lexicais do Português para as línguas Umbundu, Kimbundu e Kikongo, organizados em campos lexicossemânticos: antroponímia e factos sociais:

QUADRO Nº 08 – Bantuização de portuguesesismos por campos lexicais

Factos Sociais e Antropónimos	
Português	Línguas nacionais
Afonso	Fusu (Kik.)
Anel	Nela (Kim.) Onelã (Lu)
Caneca	Neka (Kim.e Kik.) Oneka (Lu)
Carro	Dikalú (Kim.) Ekalú (Lu) Kalu (Kik.)

3.4.2.3. Umbundização e aportuguesamento de topónimos

Em todo este processo, quer do aportuguesamento, quanto o da umbundização, os elementos mais afectados foram os topónimos.

Os topónimos que foram aportuguesados, de alguma forma acabaram por perder o seu valor, ficando sem o seu sentido próprio original, tanto na língua de partida quanto na de chegada (Umbundu – Português).

Antes da independência, a divisão administrativa era semelhante à de Portugal (em Concelhos e Distritos), pois ela era chamada Província Portuguesa Ultramarina de Angola. Isso significa que os habitantes de Angola podiam ser considerados portugueses, porém, com uma estratificação: os portugueses de 1ª classe (os nascidos em Portugal), os de 2ª classe (portugueses nascidos em Angola) e os de 3ª classe (os autóctones assimilados). Esses últimos, segundo Neves (1974: 80), *“...já não dominavam bem a língua materna e ainda não são senhores da língua portuguesa. [...] Falam e compreendem as duas línguas, mas nem uma nem outra lhes serve perfeitamente como meio de expressão”*.

Presume-se que esses nunca foram considerados portugueses de facto, embora, politicamente, fizessem parte de Portugal.

Com a referida estratificação, podemos imaginar que os demais angolanos, não assimilados, os chamados indígenas, não eram reconhecidos administrativamente.

Segundo Amélia Mingas (cf. 2000: 47), a ascendência ao estatuto de assimilado dependia de vários factores, como por exemplo, o exame feito pelo administrador do bairro. Esse exame consistia na verificação do domínio ou não da língua, a forma de sentar-se à mesa, o aspecto geral da pessoa em si, entre outros.

A toponímia angolana sofreu grande influência portuguesa, na época colonial. Aliás, partindo mesmo da configuração geográfica, Angola pré-colonial não é a mesma do período colonial e muito menos no período pós-colonial.

Antes da chegada dos portugueses, Angola era constituído por vários reinos famosos e a designação desses reinos; estava ligada a grupos étnicos que habitavam uma certa região.

A presença portuguesa vem, de certo modo, desestabilizar esses reinos com as sucessivas ofensivas de ocupação. A partir daí, cada região ocupada acabava por ser “rebaptizada” pelo nome, em geral, do dirigente da ofensiva de ocupação ou pelo nome do seu descobridor.

Assim, apresentamos um quadro com as designações portuguesas de Topónimos do período coloniale o restabelecimento dessas designações autóctones depois de 1975:

QUADRO Nº 09 – Topónimos antes e depois da Independência

Antes	Província	Depois
- Cidade		- Cidade
	Bengo	
- Vila General Freire		- Kibaxe
	Benguela	
- Vila Norton de Matos - Vila Sousa Lara - Vila Mariano Machado		- Balombo - Bocoio - Ganda
	Cabinda	
- Vila Amélia - Vila Guilherme Capelo		- Cabinda - Lândana

	Cunene	
<ul style="list-style-type: none"> - Santa Clara - Vila Pereira d'Eça - Roçadas 		<ul style="list-style-type: none"> - Namakunde - Ondjiva - Xangongo
	Huambo	
<ul style="list-style-type: none"> - Bela Vista - Nova Lisboa - Robert Williams - Teixeira da Silva - Vila Nova - Vila Flor 		<ul style="list-style-type: none"> - Katchiyungo - Huambo - Kaála - Bailundo - Tchikala Tcholohanga - Ekunha
	Huíla	
<ul style="list-style-type: none"> - Vila Arriaga - Vila João de Almeida - Vila Artur de Paiva - Sá da Bandeira - Vila Paiva Couceiro - Olivença a Nova - Folgares 		<ul style="list-style-type: none"> - Bibala - Tchivia >Chibia - Kuvangu - Luvango >Lubango - Cipungu >Kipungu - Kapunda Kavilongo - Kapelongo

Zavoni Ntongo, na sua aula, para a Promoção de Categoria, sobre “A contribuição para uma normalização ortográfica da toponímia angolana” (2011), afirmou o seguinte: “...as línguas em presença formaram dois grupos geneticamente

diferentes (línguas africanas) e (língua portuguesa), com sistema lexical, fonológico e sintático nitidamente diferenciados”.

3.4.2.4- Processos morfológicos utilizados nos processos de umbundização

Analizados os nomes comuns (portuguesismos) que sofreram processos de umbundização, podemos observar que, quase todos eles foram prefixados (processo mais comum nas Línguas bantu), cada um tendo em conta a sua classe.

Como podemos observar são neologismos, oriundos do Português que entraram no Umbundu; sofreram o fenómeno de umbundização. Logo, esses não se enquadram em nenhuma classe de formação de nomes, no Umbundu.

Para sermos mais explícitos, tomaremos alguns termos:

- **Etambo; n. s. cl. 5**

(templo); n. m.s.

O umbundizamento do substantivo **templo** resulta da supressão de alguns morfemas (o caso do grupo consonântico **/pl/**), que foi substituído pelo morfema **/b/**, criando assim o substantivo **tambo**. Neste caso, criou-se um neologismo pelo processo de redução, semelhante ao processo de truncação, no Português Europeu.

Ora, sabe-se que o Umbundu é uma língua desprovida de artigos/determinantes, mas apesar de não utilizá-los, alguns prefixos funcionam como determinantes nessa língua em estudo.

Assim, a colocação do morfema **/e/**, prefixado ao substantivo, vai funcionar como artigo e como determinante, formando assim o termo **etambo**.

- Etelusu; n. s. cl. 5

(terço); n. m. s.

A unidade lexical acima descrita resulta da inexistência do fonema [r] no Umbundu. Este fonema, em Umbundu é sempre substituído pelo [l] e acrescentando mais alguns morfemas para apoio fonológico na pronúncia, resultando assim no neologismo **telusu**.

Tal como acontece na palavra anterior, o morfema **/e/**, prefixado ao nome, tem a função de determinante.

Quanto ao processo de formação desta unidade lexical, por se tratar de “recepção” vêm de uma outra língua para a língua de hospedagem, estamos diante de um decalque: a unidade lexical aparece tal como na língua de origem, sofrendo apenas algumas adequações ao nível da pronúncia.

- Naseketa; n. s. cl.9

(secretária); n. f. s.

Esta unidade lexical é um substantivo comum. Na sua formação, encontramos uma base aportuguesada (**oseketa**) à qual se acrescenta um prefixo (**Na**), formando assim o substantivo **Naseketa**.

- Ocalumingu; n. s. cl. 9

(domingo); n. m. s.

Lumingu resulta da umbundização de domingo prefixado com o afixo **oca**.

- **Ocasapalo**; *n. s. cl. 9*

(sábado); *n. m. s.*

A unidade lexical **ocasapalo** tem o mesmo processo de formação que o vocábulo **ocalumingu**.

- **Ocikonde**; *n. s. cl. 7*

(condenado); *n. m. s.*

Esta unidade lexical, tal como a outra descrita anteriormente, resulta da redução do substantivo condenado = **konde**. A esta base foi acrescentada o afixo **oci** que funciona como um prefixo.

O processo utilizado na formação desta unidade foi primeiro uma redução, em simultâneo com a prefixação, criando assim o neologismo **ocikonde**.

- **Ocindalatu**; *n. s. cl. 7*

(contratado); *n. m. s.*

A unidade lexical **ocindalatu** passa pelo mesmo processo de formação do anterior. Tal como afirmamos com o caso do **terço**, acontece o mesmo com esta unidade.

Como já o afirmamos, no Umbundu, todos os [r] são suprimidos ou velarizados, transformando assim o som [r] em [l].

Com esse processo, a unidade **contratado** uma vez umbundizada, resulta em **ndalatu**, isso porque, em Umbundu não existe o som [da], mas sim [nda].

Sendo assim, o processo usado na formação deste vocábulo é o de decalque, acrescentando apenas o afixo **oci** como prefixo.

- **Ocipato; n. s. cl. 7**

(biscato); n. m. s.

A unidade **ocipato**, como é óbvio, resulta da adequação do **biscato** em **cipato**, eliminando alguns grafemas **/s/** que, em Umbundu, poderiam dificultar a pronúncia adequada do falante do Umbundu. Neste caso, o morfema **/o/** desempenha a função de prefixo. Assim, o termo **ocipato** é um decalque prefixado.

- **Ocitanda; n. s. cl. 9**

(stand = venda/ exposição/ mercado); n. m. s.

Ocitanda é um neologismo que vem do vocábulo inglês **stand** = **tanda**.

Tal como os demais vocábulos em Umbundu, ele também incorpora, na sua formação, um afixo com a função de prefixo **oci**, passando a ser uma palavra prefixada.

- **Owalende; n. s. cl. 9**

(aguardente); n. f. s.

A unidade *owalende*, em Umbundu, tal como em Português, é aglutinada, pois no processo de umbundização, acabou por “aproveitar” uma sílaba do substantivo água (wa), eliminando o morfema **/r/**, inexistente em Umbundu.

Como já o afirmamos, neste trabalho, o Umbundu é uma língua nasalizada.

Tendo em conta este pressuposto e analisando a formação da unidade em estudo, damo-nos conta que, eliminado o fonema **[r]**, o umbundu estaria ao lado de um “fenómeno” inexistente nessa língua (**wadente**). A sílaba sublinhada, em Umbundu, é transformada numa sílaba nasal **ndente/ndende**.

Daí a unidade lexical resultante ser **walende**, apoiada num prefixo **o**, (owalende).

O Umbundu é uma língua que “adapta” os empréstimos. Aliás, essa é a característica de todas as línguas que, ao longo do tempo, enquadram unidades lexicais que vêm de outras línguas, adaptando-as fono-morfologicamente e semanticamente.

Como acabámos de verificar, em Umbundu, a adaptação dos portuguesesismos, isto é, empréstimos-neologismos resultam sobretudo de processos de prefixação.

O aportuguesamento de algumas unidades lexicais da Língua Umbundu teve e tem as suas consequências no Português angolano.

CAPÍTULO IV

***CORPUS* DE UMBUNDISMOS :**

DESCRIÇÃO E ORGANIZAÇÃO PRÉ-LEXICOGRÁFICA

4.1. Linguística de *Corpus*

Segundo Irene Mendes (cf. 2009: 45)³, a investigação sobre as línguas baseada em *corpus* tem já uma tradição. Um exemplo muito claro é o dos estruturalistas americanos (Bloomfield, Sapir e Pike) que, na sua investigação utilizaram vários textos narrativos orais, para a realização do seu trabalho, relativamente a essas línguas que se realizavam oralmente.

Linguisticamente, o conceito de *corpus* evolui nos anos 50, concretamente entre os anos 1950 e 1960. Segundo Kennedy (cf. 1998: 13- 19), este período é considerado pelos linguistas como um marco para o desenvolvimento dos *corpora* linguísticos, por ser a partir dessa época que se começaram a constituir teorias e metodologias de explanação e descrição das línguas com base em *corpora* electrónicos (orais e escritos).

Antes dos anos 60, para a constituição de *corpora*, existiam vários princípios (metodologias), dependentes do investigador que tinha o privilégio de observar dados que ocorriam naturalmente.

Ao conjunto desses dados, Kennedy (cf. 1998: 13- 19) designou de *corpus pré-electrónico*. Segundo Shlesinger (cf. 1998: 448) o referido *corpus* servia para a interpretação e descrição. Assim, os investigadores observavam, interpretavam e descreviam tais dados, sem recorrerem ao *corpus* electrónico. Nesse tipo de tratamento de dados, abundava muito empirismo.

Tendo em conta as afirmações de Shlesinger (cf. 1998: 487) e LEECH (cf. 1997: 1 com a modernização dos meios informáticos e das metodologias, nos anos 60, introduziram-se os *corpora* informatizados; assim, os linguistas passaram a ter melhores condições de trabalho e melhores resultados, pois passaram a analisar grandes quantidades de *corpora*.

Poderíamos continuar a descrever os trabalhos sobre *corpora* efectuados por linguistas estrangeiros. Porém, neste momento, também interessa-nos falar um pouco sobre o assunto relativo a investigadores portugueses, pois essa matéria também é do

³ - Tese de Doutoramento em Linguística

interesse da linguística portuguesa; muitos investigadores começaram a apoiar as suas investigações em *corpora* digitalizados.

A partir de 1990, na Unidade de Investigação de Lexicologia, Lexicografia e de Terminologia do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, foram criados *corpora* de Línguas de Especialidade (monolíngues, bilingues, comparados e comparáveis) que apoiaram várias investigações em Terminologia e, muito em especial, em neologia terminológica; foram criados também alguns *corpora* de língua corrente para extracção de neologismos de língua corrente.

Segundo Irene Mendes (cf. 2009: 48-50), em 1998 a Associação de Linguística realizou o seu XIV Encontro Nacional, na Universidade de Aveiro. Nesse encontro destacaram-se dois trabalhos relacionados com o *corpus* (a comunicação sobre «A negação polémica num corpus de diálogo» de Henriqueta Campos e Clara Correia e um poster de M. Rodrigues e E. d'Andrade, intitulado «*Corpus* de português- variação CPE VAR»).

No dizer da mesma autora, a partir desse Encontro, muitos outros trabalhos de investigação foram surgindo, com um carácter muito relevante. Tanto é assim que, em 2001, na Universidade de Aveiro, surge o Projecto de Investigação Científica e de Desenvolvimento Tecnológico, conhecido como “Corpus Lexicográfico do Português, Lexicographical Corpus of Portuguese” (CLP). Esta investigação tem como objectivo disponibilizar informação filosófica e lexical para os estudos portugueses, contribuindo assim para a elaboração do Tesouro da Língua Portuguesa.

4.1.1. Conceito de *Corpus*

Segundo Galisson (1976: 131- 132) *corpus* é um “conjunto finito de enunciados tomados como objecto de análise”. Continuando, afirma que, *corpus* também é definido como um “conjunto finito de enunciados considerados característicos do tipo de língua a estudar, reunidos para servir de base à descrição e, eventualmente, à elaboração de um modelo explicativo dessa língua”.

O *corpus* deve ser representativo, pertinente e constituído, tendo em conta os objectivos da investigação; assim o afirma Madalena Contente (2008: 149): “O *corpus* deve ser representativo relativamente ao objectivo da investigação...”

Rute Costa e Raquel Silva, (2008: 5), falando da organização de *corpus* para Textos de especialidade escritos, dizem o seguinte: “*Le texte de spécialité peut, simultanément, être compris comme la production et le produit d’une communauté de communication restreinte. Dans le texte se concentrent tous les éléments linguistiques et extralinguistiques qui résultent de l’interaction du langage avec la vie sociale, ...*”

Quer com isso dizer que, os *corpora* a serem analisados numa pesquisa devem ser o produto da convivência comunitária; devem ser algo concreto, que deve ser testado junto dessa mesma comunidade linguística. Queremos com isso dizer que, os *corpora* constituídos para esta investigação são de facto o resultado da vida e da cultura dos ovimbundu, que constitui o nosso público de pesquisa.

4.1.1.1. Tipos de *corpus*

Existem vários tipos de *corpora* que dependem dos objectivos a serem alcançados numa investigação. Esse *corpus* vai desde o exaustivo e selectivo, até ao *corpus* anotado, segundo Leech (1997).

Para Galisson e Coste (1976: 131- 132) um *corpusé* exaustivo “...quando compreende todos os enunciados característicos” e, considera-se selectivo “...quando compreende apenas uma parte desses enunciados.”

Consequentemente, um *corpus* exaustivo deve ser o mais completo possível, uma vez que não é possível descrever na íntegra uma determinada língua natural não. Daí ser necessário delimitar o objecto de estudo de uma investigação. É precisamente isso que nós fizemos: procurámos delimitar com rigor a nossa área de pesquisa.

Ainda Borba (2003: 79) afirma que “...o léxico é realmente um setor privilegiado. No **corpus** organizado, percebe-se, por amostragem, que há áreas

preferenciais de ocorrências...” Portanto, esta forma de organização é perceptível em todos os *corpora* preparados para o estudo e análise.

Quanto à nossa investigação, em concreto, procurámos não fugir a estes princípios metodológicos sobre *corpora*; por se tratar de um léxico comparativo de Umbundu-Português, os *corpora* que recolhemos e organizámos são diversificados e pretendem ser transversais.

Assim, analisaremos os *corpora*, provenientes de várias fontes, de modo a seleccionar umbundismos existentes no Português em Angola, língua de contacto e de interferência.

4.2. Constituição do *Corpus* de Umbundismos

Nesta investigação, utilizámos dois tipos de *corpora*:

1) um *corpus* oral constituído por uma colecção de documentos orais (registos e gravações resultantes de diálogos e da observação de falantes). Este *corpus* é constituído por Umbundismos de temas diversificados:

- topónimos (58 vocábulos),
- antropónimos (105 vocábulos),
- factos sociais (225 vocábulos),
- plantas (8 vocábulos),
- animais (29 vocábulos)
- instrumentos musicais(11 vocábulos),

Totalizam 436 umbundismos recolhidos que foram analisados em cada secção desta investigação.

De referir que, o *corpus* oral que nós utilizámos provem das gravações feitas aos falantes da Língua Materna Umbundu, das observações dos falantes em diversas situações de uso da língua. Depois de gravadas e observadas, esses Umbundismos foram transcritos por nós e informatizados, para assim constituir-se no corpus de Umbundismos de que dispomos para a análise.

Esse método foi por nós adoptado por causa da escassez da bibliografia relativa à Umbundismos.

2) um *corpus* escrito, extraído da imprensa escrita, de obras literárias de escritores angolanos e de textos científicos (cf. anexos, onde apresentamos uma parte do corpus de umbundismos recolhidos) :

- textos jornalísticos: jornais e semanários angolanos,
- textos literários: Pepetela e Óscar Ribas,
- textos científicos (linguística): Amélia Mingas.

Tendo em conta a especificidade do nosso trabalho, extraímos destes documentos um total de vinte e cinco Umbundismos, distribuídos da seguinte maneira: Imprensa escrita (3), Pepetela (12), Óscar Ribas (1), Amélia Mingas (9).

Trabalhámos com estes autores por entendermos que, eles são os potenciais criadores de neologismos em qualquer língua.

Assim, por serem poucas obras a serem analisadas e por inexistência de corpora textuais, em Angola, não nos foi possível utilizarmos o Hiperbase.

Logo, usámos as referidas obras e fizemos a selecção dos Umbundismos de forma manual.

Todos esses Umbundismos recolhidos dos textos escritos pertencem à língua corrente.

Os *corpora* de umbundismos foram organizados em campos lexicossemânticos que compreendem várias áreas conceptuais e algumas particularidades semânticas

como é o caso dos topónimos e de alguns antropónimos; tivemos ainda em conta alguns aspectos socioculturais próprios da cultura umbundu relativos a aspectos sociais, nomes de plantas, alimentos, instrumentos musicais, trazendo assim à reflexão os vários processos de formação dos Umbundismos e alguns aspectos semânticos e lexiculturais que cada um deles pode carregar, na Língua Umbundu, influenciando, de alguma forma, a Língua Portuguesa.

Tais *corpora* foram analisados numa perspectiva *quase bilingue* para uma melhor compreensão, sem no entanto ser um estudo propriamente bilingue, pois o nosso objectivo não é a proposta de um dicionário bilingue, porque este prossegue objectivos diferentes daqueles que pretendemos com este estudo. Logo, a nossa proposta, num futuro próximo, é a criação de um Dicionário monolíngue de Umbundismos que entraram e se instalaram na Língua Portuguesa.

Os nossos *corpora* (orais e escritos) constituem um instrumento de onde extraímos dados relativos à cultura dos ovimbundu, materializados em unidades lexicais que entram, no Português em Angola, como empréstimos lexicais, umbundismos absolutamente necessários, uma vez que eles dizem respeito a vários aspectos sociais e culturais do povo ovimbundu, em particular, e angolano, em geral.

Este fenómeno do empréstimo resulta do contacto linguístico (e cultural) entre as duas línguas e as duas culturas: Portuguesa e Umbundu.

Daí resultam os fenómenos da umbundização e do aportuguesamento de muitas unidades lexicais da língua corrente relativas a aspectos sociais e culturais e também de topónimos e de antropónimos.

4.2.1-Umbundismos no Português

Os Umbundismos no Português constituem um *corpus* de unidades provenientes de várias áreas conceptuais: topónimos, antropónimos e/ou gentílicos,

factos gerais da vida social e cultural, nomes de plantas, de animais e instrumentos musicais que entraram no Português que, hoje, se fala em Angola.

A respeito disso, Amélia Mingas (2000: 32) afirma que os empréstimos verificam-se sobretudo ao nível lexical, pois esse nível constitui a parte menos rígida de uma língua.

O resultado do contacto de línguas, numa Angola multilingue, em que a tendência em adaptar as estruturas das Línguas nacionais ao Português e vice-versa é muito forte, cria assim fenómenos de interferência e sobretudo de empréstimos interlinguísticos; estes últimos dão origem aos Umbundismos e aos Portuguesismos.

Apresentamos, um pequeno quadro, com alguns Umbundismos adaptados ao Português:

QUADRO Nº 10 – Alguns Umbundismos no Português

Umbundu	Umbundismo na Língua Portuguesa	Breve explicação em Português
Ekamba	Camba	Amigo
Kalunga	Calunga	Mar, morte
Kambuta	Cambuta	Anão, alguém de pequena estatura
Kota	Cota	Alguém que é mais velho
Okambuenha	Cabuenha	Peixe miúdo
Olambula	Lambula	Sardinha média e grossa
Ombulututu	Brotuto	Uma raiz medicinal para o

		tratamento da b́ilis
Ondende	Dendém	Fruto da palmeira para extracção do ́leo de palma
Osoma	Soba	Regedor de uma aldeia
Ovimbamba	Imbamba	Bagagens, coisas

4.2.1.1. Aportuguesamento de umbundismos

Na Língua Portuguesa em Angola, encontramos bastantes nomes de origem umbundu adaptados ao Português, processo que resulta do contacto de duas línguas e duas culturas diferentes.

Neste caso, os portugueses adoptaram unidades lexicais do Umbundu para, mais ou menos, poderem, de alguma forma, perpetuarem, por um lado, o contacto com os indígenas e, por outro, efectuarem uma adequação à pronúncia portuguesa.

Dada a imposição unilingue do português e da situação em que a antroponímia da Língua Umbundu esteve sujeita, durante a época colonial, esta originou maiores modificações, adaptadas às características fonológicas do Português, provocando assim a deformação gráfica da antroponímia e dos nomes em geral. Tal processo de deformação gráfica na antroponímia, durante esse período, foi sistematizado e organizado e, como consequência, os antropónimos aportuguesados funcionam no vazio, pois já não são reconhecidos, nem na cultura umbundu, nem na portuguesa, apesar da sua adaptação à LP.

Como dissemos anteriormente, os antropónimos do Umbundu estão quase sempre associados a certas situações das famílias ou da sociedade.

Neste contexto, podemos encontrar as mais variadas situações, de tal forma que, conhecendo um pouco da cultura do povo, podemos, através do antropónimo, chegar a interpretar toda uma situação que envolveu um certo indivíduo, naquela longínqua data da sua concepção e nascimento.

Segundo Manuel Martins, citado por Teresa Costa (2013: 44), hoje, em Angola, “...raros são os jovens...que, além do seu nome tradicional, não possuem também um nome português e até mesmo um, dois ou mais apelidos...”, embora algumas famílias, em nome da modernidade e talvez por influência da cultura alheia, rejeitem os sobrenomes africanos. Hoje, muitos angolanos, pelos nomes, são confundidos com os portugueses.

Em todos os contactos culturais, não é apenas a cultura *encontrada* que sofre influência da cultura que *chega*; a que chega também absorve elementos culturais daquela, desencadeando uma interpenetração cultural. Porém, na questão antroponímica, não houve uma interpenetração, pois a cultura angolana ficou com marcas muito mais profundas ao invés da portuguesa; é quase uma raridade, hoje, encontrarmos um português com um nome típico angolano.

Chicuna (2000: 45) afirma que o aportuguesamento é o “*processo que consiste em dar forma portuguesa às palavras estrangeiras, isto é, acomodar ao gosto ou uso português.*”

O contacto de dois povos de culturas diferentes e o uso simultâneo de duas línguas (bilinguismo) foram e são potenciais factores do aportuguesamento.

No quadro seguinte, como exemplo, apresentámos algumas deformações gráficas, resultantes do aportuguesamento de antropónimos umbundu:

QUADRO Nº 11 – Deformação gráfica de antropónimos umbundu

NOMES ORIGINAIS	NOMES APORTUGUESADOS
Kafeka	Cafeca
Kaholi	Caole
Kalitangi	Calitange
Kandjengo	Canjengo
Kange	Cange
Katihě	Catihe
Kasesa	Cassessa
Kasova	Cassova
Kulembi	Culembe
Mbandje	Banje
Ndacala	Dacala
Ndjinga	Jinga
Ndovala	Dovala
Nduva	Duva
Ndiyelo	Dielo
Vasovava	Vassovava
Visese	Vissesse

Como podemos reparar em alguns nomes, no quadro anterior, a adequação ortográfica utilizou várias regras para grafar nomes bantu. Essas regras partem desde a duplicação da consoante /s/, como é o caso do nome Kasova = Cassova, mantendo o som [S], passando pela eliminação da nasal inicial, no caso de Nduva = ØDuva e tantos outros processos que, passámos a descrever.

4.2.1.1.1. Adaptações fonológicas

Podemos afirmar que do contacto entre o Português e o Umbundu, surgiram novas unidades lexicais, em consequência dos empréstimos para conceitos

portugueses inexistentes no Umbundu ou para conceitos umbundu inexistentes em Português.

Como podemos verificar, no contacto entre o Português e o Umbundu, surgiram também nas novas unidades lexicais (nos empréstimos interlinguísticos) fonemas, oriundos do Português e vice-versa, inexistentes nessas línguas.

Assim, o aportuguesamento provocou mudanças no sistema linguístico umbundu, por ter passado por vários processos, incidindo, sobretudo no sistema vocálico e consonântico, provocando assim a perda de sentido e do valor genuíno de muitos antropónimos.

De forma detalhada, apresentamos alguns fenómenos linguísticos a nível do sistema vocálico do Umbundu originados pelo aportuguesamento.

4.2.1.1.1.1. Sistema vocálico

A língua Umbundu é potencialmente nasalizada, sobretudo no seu sistema vocálico. Mas algumas unidades lexicais sofrem o aportuguesamento, perdendo essa nasalação e outros fenómenos, como a seguir demonstramos:

a) A Perda da Nasalidade (ã, ě, ĩ, õ, ũ)

QUADRO Nº 12 – Aspectos da Perda da Nasalidade

<i>Nomes em Umbundu</i>	<i>Nomes Aportuguesados</i>
Kalingulĩ	Calinguli
Kamelã	Camela
Ngulĩ	Guli
Nyalehã	Nhareia

b) Mudança da Vogal Final

Alguns nomes, no Umbundu, por natureza própria dessa língua, têm a vogal final /u/. Com o aportuguesamento, passaram a terminar em /o/:

QUADRO Nº 13 – Aspectos da Mudança da Vogal Final

<i>Nomes em Umbundu</i>	<i>Nomes Aportuguesados</i>
Ndumbu	Dumbo
Ndul <u>u</u>	Andul <u>o</u>
Nekilu	Nequilo
Ngulungu	Golungo

c) Ditongação

Nas línguas africanas, em geral e no Umbundu, em particular, não existem ditongos. Esta é uma das características próprias do Português. Neste caso, temos os seguintes exemplos:

QUADRO Nº 14 – Aspectos da Ditongação

<i>Nomes em Umbundu</i>	<i>Nomes Aportuguesados</i>
Kamalaya	Camala <u>ia</u>
Kamawiye	Camau <u>ie</u>
Kandyenge	Candi <u>enge</u>
Kayombo	Cai <u>ombo</u>

4.2.1.1.1.2. Sistema consonântico

Quanto ao sistema consonântico do Umbundu, o aportuguesamento originou os seguintes fenómenos:

a) A Perda da Pré-nazalização

QUADRO Nº 15 – Aspectos da Perda da Pré- nasal

<i>Nomes em Umbundu</i>	<i>Nomes Aportuguesados</i>
Mbandwa	Bandua
Ndjamba	Jamba
Ndongwa	Dongua
Ndulu	Andulo
Ngandavila	Gandavira

b) Substituição da Fricativa /v/ pela bilabial /b/

QUADRO Nº 16 – Aspectos da Substituição da Fricativa pela bilabial

<i>Nomes em Umbundu</i>	<i>Nomes Aportuguesados</i>
Kata <u>v</u> ola	Cata <u>b</u> ola
Lú <u>v</u> ia	Lú <u>b</u> ia
<u>V</u> iye	<u>B</u> ié

c) Substituição da lateral /l/ pela vibrante /r/

Como dissemos, na Língua Umbundu não existe a consoante /r/. Assim, nenhuma palavra em Umbundu é grafada com essa consoante:

QUADRO Nº 17 – Aspectos da Substituição da Lateral pela Vibrante

<i>Nomes em Umbundu</i>	<i>Nomes Aportuguesados</i>
Canho <u>l</u> ã	Chanho <u>r</u> a
Gandavi <u>l</u> a	Gandavi <u>r</u> a
Nha <u>l</u> ehã	Nha <u>r</u> eia

d) Substituição da consoante /s/ pelo dígrafo /ss/

Em Umbundu o som [S] em nenhum momento é grafado com o dígrafo /ss/; apenas com o /s/:

QUADRO Nº 18 – Aspectos da Substituição da Consoante /s/ pela Dupla /ss/

<i>Nomes em Umbundu</i>	<i>Nomes Aportuguesados</i>
Ci <u>s</u> amba	Chi <u>ss</u> amba
Ho <u>s</u> i	Ho <u>ss</u> i
Sa <u>s</u> enhe	Sa <u>ss</u> enhe

e) **Substituição da consoante /c/ pelo dígrafo /ch/**

No Umbundu, o fonema [tʃ] é representado pela consoante /c/. Com o aportuguesamento, o mesmo fonema passa a ser representado pelo dígrafo /ch/ ou /tch/:

QUADRO Nº 19 – Aspectos da Substituição da Consoante /c/ pelo Dígrafo /ch/

<i>Nomes em Umbundu</i>	<i>Nomes Aportuguesados</i>
<u>C</u> anholã	<u>Ch</u> anhora
<u>C</u> ingwali	<u>Ch</u> inguari
<u>C</u> itembo	<u>Ch</u> itembo

f) **Substituição do fonema [ndʒ] pelo [ʒ]**

QUADRO Nº 20 – Aspectos da Substituição de Vários Fonemas

<i>Nomes em Umbundu</i>	<i>Nomes Aportuguesados</i>
Kan <u>dj</u> ala	Can <u>j</u> ala
Kan <u>dj</u> imba	Can <u>j</u> imba
Sakwan <u>dj</u> a	Sacuan <u>j</u> a

g) **Substituição da consoante /k/ pela /c/ e pelos grafemas (qui e que)**

QUADRO Nº 21 – Aspectos da Substituição de Consoantes

<i>Nomes em Umbundu</i>	<i>Nomes Aportuguesados</i>
<u>C</u> ikala	<u>Ch</u> icala
Ka <u>ç</u> ekile	Cache <u>gu</u> ile
Ka <u>ç</u> ipa	<u>C</u> achipa
<u>K</u> witu	<u>C</u> uito
Ne <u>k</u> ilu	Ne <u>gu</u> ilo

A imposição unilingue do Português, no contexto angolano influenciou a ortografia dos nomes oriundos das línguas africanas, provocando mudanças profundas.

Ao longo do período colonial, o processo de deformação da ortografia dos nomes, através do aportuguesamento, foi institucionalmente sistematizado e organizado, de tal forma que retirou tais nomes do seu contexto histórico e cultural.

4.3. Umbundismos: Organização em Campos Lexicossemânticos

Apresentamos os campos lexicossemânticos, numa perspectiva quase-bilingue, para uma melhor compreensão da significação do léxico e dos elementos de lexicultura que lhe estão associados. Por campo lexicossemântico entendemos uma organização de unidades lexicais em torno de um domínio conceptual, apresentando simultaneamente as polissemias que caracterizam cada uma das unidades lexicais; estas polissemias compreendem as polissemias estáveis, as polissemias não-estáveis de discurso muitas vezes com um carácter neológico, idênticas a neologismos semânticos.

4.3.1. Topónimos e seu valor semântico

Os topónimos, em Umbundu, carregam marcas profundas da história e da cultura do povo, cujo valor será apresentado no estudo semântico que faremos ao longo do nosso trabalho.

Ao longo da história da humanidade, na convivência dos povos, factores sociais, culturais e históricos fizeram com que o homem, desde muito cedo, usasse a sua capacidade linguística, levando-o a utilizar a sua faculdade de conceptualização e de denominação, atribuindo nomes às coisas e à realidade circundante.

Assim, a Onomástica é uma parte da Lexicologia que tem por objecto os topónimos, (nomes próprios de lugares, cidades, ruas, países), a sua origem e a sua evolução; tem também por objecto de estudo os antropónimos.

Tal como acontece em quase toda a África, sendo os ovimbundu um povo africano, também este nomeia os lugares, tendo em conta acontecimentos que ocorreram num determinado lugar. Guardar a memória do primeiro habitante deste ou daquele lugar é um dos elementos muito importante para os ovimbundu; daí a forte relação entre a toponímia, a geografia e a história.

A relação entre a toponímia e a história é importante, porque esta é uma disciplina que estuda a vida dos povos através dos tempos, estabelecendo uma relação com os acontecimentos culturais desse mesmo povo.

Assim, a ligação entre a toponímia e a geografia consiste no estudo sobre as divisões territoriais, estabelecendo uma relação entre a acção de nomear tais lugares, uma vez que, os homens ao habitarem num determinado espaço, tendem sempre em dar nome a esse lugar.

A análise semântica dos topónimos implica a sua análise linguística, contribuindo para o conhecimento dos aspectos históricos e culturais que cada nome encerra.

Gaston Miron, op cit. Zavoni Ntongo (2006: 12), afirma que “*quando um povo pode escolher ser outro, nega-se enquanto povo e é um outro povo que está no seu lugar*”.

Como afirmamos, anteriormente, a mudança ortográfica de muitos nomes acabou por “retirar” algum sentido a esses nomes, por causa da alteração gráfica e não só.

Durante a ocupação colonial, em Angola, alguns topónimos não mudaram, mas houve um aportuguesamento, eliminando uma possível influência fonética das Línguas nacionais em determinados topónimos. Este é o caso do topónimo **Bié**.

- **BIÉ** - a referida cidade situa-se no planalto central, a norte do Huambo. Pertence à região em que, antes da ocupação colonial, reinou o *Rei Katyavala*. Toda a zona da sua jurisdição era conhecida por **Viyé** que em Umbundu significa: “*Que venham*”. Nesta frase está expressa toda a prontidão com que o Rei recebia os invasores do seu reino, expressando toda a vontade de defender o que era seu perante os estranhos.

Em relação a este topónimo, há uma história ligada a este Rei. *Viye* funcionou, primeiramente, como uma alcunha que foi dada a um caçador que se instalou, na época, na região de *Ekovongo*, dedicando-se à caça, utilizando bois. Para exercer a sua “profissão”, pedia bois emprestados aos donos da terra. Sempre que fosse ao encontro de alguém da terra, para fazer esse pedido, dirigia-se em Umbundu, dizendo: “*Olongombe viye*”, o que significa: “*Que venham os bois*.”

O facto de o caçador repetir a mesma frase, sempre que fosse pedir esse “serviço”, foi alcunhado pelos donos da terra: “*Sekulu viye weya*.”; a frase significa: “*O velho, o século viye veio*.”

O *seculo viye* familiarizou-se tanto com os donos da terra que esses deixaram-se organizar por ele, levando essa região à independência que culminou com a proclamação do *reino Viye*, hoje Bié.

Com a implantação colonial, no **Viyé**, facto consumado pelo general Silva Porto, a cidade passou a chamar-se **Silva Porto- Bié**, em honra do seu conquistador e 1º Governador.

Como vemos, no topónimo **Bié** há uma permutação, ao nível fonológico, das consoantes /b/ e /v/, uma das características da Língua Umbundu, pois nenhuma palavra é iniciada por /b/, sem lhe anteceder um /m/, passando assim para /mb/.

Depois da independência, a **cidade de Silva Porto-Bié** passou a chamar-se simplesmente cidade do Kwito e a Província do Bié para não ser confundida com a região do Kwitu-Kwanavale, mais a sudoeste desta, na Província do Kwando-Kubango.

LOBITO - Antes da colonização, o nativo chamava aquela cidade de **Lupito** (de *epito* = porta) que em Umbundu significa “passagem”.

Era assim designado porque o **Lupito**, sendo uma cidade costeira, ligava o interior do país com o Oceano Atlântico, sinal de ligação com o mundo exterior, pois o angolano tinha a noção e consciência de que o mundo não acabava na sua terra; para além da sua, existiam outras terras e outros povos, embora não conseguisse imaginar que para além da imensidão das águas do mar (*kalunga* - o infinito) existissem povos. Com a presença dos colonos, o topónimo passou a designar-se **Lobito**.

Houve, portanto, um aporuguesamento do topónimo, usando o processo da sonorização do fonema [p] por [b], embora ainda hoje a cidade, em Umbundu, se chame de **Lupito**.

Tendo em conta as características da Língua Umbundu, o falante nativo, tem sempre dificuldade em pronunciar este topónimo, por inexistência do som [b] na sua estrutura. Quando o falante é apanhado desprevenidamente, tende a pronunciar o som [mb] no lugar de [b]. Assim, o topónimo passa a [Lūbitu] em vez de [Lubitu].

Ainda, temos o caso do topónimo **Kamunda** (Camunda). Este resulta da unidade lexical **omunda** (montanha), em Umbundu. No topónimo **Kamunda**, encontramos o prefixo **ka** que, no Umbundu, tem o valor de diminutivo; é um elemento que desempenha a função de grau nos substantivos.

Logo, **Kamunda**, em Umbundu, significa montanha pequena.

Na cidade de Benguela, encontramos o bairro com essa designação, precisamente porque tal bairro encontra-se localizado numa zona montanhosa em relação à configuração da cidade toda de Benguela. Daí a designação para diferenciá-lo do resto da região em causa.

Um outro topónimo é o **Andulo** que é o aportuguesamento do termo **Ndulu**. Na Língua Umbundu, *ndulu* significa fel ou bÍlis.

Em seguida, temos o **Bembua** que deriva do **ombembwa** que, em Umbundu, significa paz.

Apresentamos outros Topónimos e a respectiva descrição:

CACHINGES (Kacinge) – é um topónimo que deriva do antropónimo **Cinge** que é o nome do primeiro homem indígena, que habitou naquela região, oriundo da região do Moxico.

Morfologicamente, o topónimo deriva do verbo *okucinga*, que, em algumas regiões da província do Bié, significa **pedir**.

CAIVERA - é um topónimo que deriva do verbo *okuvela* (adoecer). Logo, no topónimo *caivera*, temos o aportuguesamento a partir do **kayvela** (o verbo em causa, conjugado na negativa) = “*Não adoecer*.”

Lembramos que, em Umbundu, não existe o som [R].

CALUSINGA (Kalusinga) – o topónimo deriva do nome **Olusinga** que, em Português, tem o significado de veia. *Kalusinga* tem um prefixo **ka** pertencente à classe 12 que é dos diminutivos. Assim, o topónimo **Kalusinga** significa veia pequena.

CAMACUPA (Kamakupa) – o nome deriva de **ohamayakupa**, que apesar de parecer uma unidade lexical, é na verdade uma frase com a seguinte tradução em português: “*Cama de fardos*”. O topónimo atribuído à localidade tem fundamentos históricos, por ser em memória ao lugar de encontro das caravanas comerciais, vindas de todas as regiões do interior e como ponto de partida para as regiões do litoral. Sendo um lugar de altos negócios, os ladrões concentravam-se nas proximidades para atacarem as caravanas. Com a finalidade de se defenderem desses ataques e salvaguardarem as suas cargas, os comerciantes dormiam por cima dos seus atados ou fardos (*akupa*) de negócios. Daí o topónimo **Kamacupa**.

CAMBANDUA (Kambândua) – é um topónimo que deriva de **Ombândua/Ombande** que significa uma parte/ metade da pele. O topónimo é atribuído a essa região, por ser um local onde se cortava a pele de animais em pedaços para o fabrico de bancos, batuques e outros artigos em pele.

CAMBINGA (Kambinga) – topónimo que deriva de **Ombinga** que tem o significado de chifre.

A presença do prefixo **ka** em **Kambinga** significa chifre pequeno. O nome é atribuído à região, por ser o local onde se comercializava chifres de boi que tem muita utilidade em Angola, sobretudo na região do Bié e na sociedade antiga.

CAPAMBA (Kapamba) – o topónimo deriva de **okupambela** que, em Português, significa aspergir. *Okupambela* é o verbo aspergir.

Na cultura dos ovimbundu, quando um bebé tem o hábito de chorar durante a noite, a mãe dessa criança, enquanto esta estiver a chorar, enche a boca de água e asperge na cara dessa criança (*okupambela*). Ela assusta-se, chora forte e acaba por acalmar-se. Segundo a crença, essa criança não mais voltará a chorar nesse período.

CICALA – o topónimo deriva do verbo **okukala** que significa estar, ficar ou permanecer.

CITEMBO – o topónimo resulta da umbundização do substantivo *tempo*. O termo umbundizado é **otembo**.

Hoje o topónimo, para além de designar uma localidade, acabou por ser também atribuído ao rio que banha a região do mesmo nome. Sendo um rio navegável, os portugueses, na altura, construíram aí uma capitania que servia de ponto de ligação com o Reino dos Ngangelas. Hoje é uma região fronteiriça com a província do Kwandu- Kubango.

CIVAULO – o topónimo deriva de *okuvahula* que significa defumar, queimar as penas ou a pele. A região com esse nome era um local, onde os caçadores acampavam e defumavam a carne de caça que servia para o comércio.

CIVAVA – o topónimo deriva do nome ovava que significa água. Civava foi o nome de um dos reis que não resistiu da luta contra os brancos no *reino de ondulu*. Expulso da região pelos brancos, foi instalar-se nos arredores do *Kunhinga*, onde fundou a sua aldeia denominando-a de **Tunda Civava** = “*Sai água.*” Com o andar do tempo, a aldeia passou a chamar-se apenas de Civava.

CUEMBA (Kuhemba) – o topónimo deriva de **Okupemba** que significa assoar. Historicamente, o nome foi atribuído pelos portugueses.

Reza a história que, enquanto se construíam os Caminhos de Ferro de Benguela (CFB), os construtores chegaram a uma determinada região e encontraram um homem a assoar. Não conhecendo o nome da região, perguntaram ao homem como se chamava aquela região. Por sua vez, o homem, percebendo que estivessem a perguntar-lhe o que estava a fazer, respondeu; “*Ngasi okupemba*” = “*Estou a assoar.*”

Não entendendo o Umbundu, os portugueses acharam que o homem lhes dissera que a região se chamava *kupemba*. Com o processo de aportuguesamento, a região passou a chamar-se de Cuemba.

DANDO – o topónimo deriva de **ndando** e que tem o significado de negócio, comércio. A localidade é assim denominada por ser o lugar, onde se faziam as transações comerciais entre brancos e negros. O topónimo foi atribuído pelos frequentadores que iam lá para vender e comprar. Era uma espécie de feira dos nossos tempos.

ECOVONGO (Ekovongo) – o topónimo deriva do verbo **okukovonga** que, em Português, significa chamar.

Ekovongo foi a primeira *embala* do *Reino do Viye* e considerada a capital do Reino, na altura. A região recebeu este nome por causa do soba dessa *embala* que tinha o costume de pedir aos habitantes que tragam os bois. Dizendo-o em Umbundu, fazia o chamamento: **Ekovongo lyolongombe** = “*Chamamento dos bois.*”

Como tantos outros nomes ligados a histórias, hoje, *ekovongo* acabou por perpetuar-se.

Segundo o que acabámos de verificar, podemos afirmar que, o que aconteceu com os topónimos descritos, não é caso único, pois muitas outras regiões, durante a época colonial tiveram uma designação e depois dela, passaram a chamar-se outra coisa, recuperando, em muitos casos, os seus anteriores nomes, sobretudo na época pós-independência. A grande diferença encontramos-na na grafia desses nomes, uma vez que muitos acabaram por ser aportuguesados.

No quadro que se segue, apresentámos alguns topónimos aportuguesados:

QUADRO Nº 22 – Aportuguesamento de Topónimos

Topónimos em Umbundu	Aportuguesamento desses topónimos
Ayamba	Aiamba
Cavaya	Chavaia
Cikuma	Chicuma
Etata	Tata
Kahoko	Cahoco
Kalusele	Calussele
Kalusinga	Calussinga
Kapelongo	Capilongo
Katavola	Catabola
Kambueyo	Cabueio
Kavaya	Cabaia
Mbambi	Bambi
Mbandwa	Bandua
Mbembwa	Bembua
Ndulu	Andulo
Onamano	Namano
Ovihopyo	Biópio

Vingondo	Bingondo
Viye	Bié

4.3.2. Antropónimose seu valor semântico

Na cultura umbundu, os nomes são dados, segundo as circunstâncias que envolvem o indivíduo no momento da concepção ou do nascimento da criança.

A origem étnica e a identidade cultural de uma pessoa, em África, são caracterizadas com a atribuição do nome, permitindo assim a sua inserção na comunidade.

Geralmente, no continente africano e nas culturas bantu, em particular, o sentido do antropónimo atribuído ou a ser atribuído está sempre relacionado com um facto social ocorrido. Através dele fornecem-se informações sobre as actividades humanas, a natureza do meio ambiente, aspectos sobre a visão que se tem do mundo, a história do grupo étnico, acontecimentos ligados ao momento do parto e tantas outras situações.

Assim, Zavoni Ntongo, na aula Magna para o Concurso Público de Promoção, em 2011, afirmou: *“Os nomes das línguas bantu são nomes que falam, são mensagens que podem ser entendidas dentro da comunidade.”*

Com efeito, nas sociedades tradicionais, africanas em particular, o antropónimo passou a ser uma mensagem e não uma simples conotação. Assim, o afirma Francisco Xavier (2003: 27), quando diz:

“Dar nome a uma criança não só diz respeito ao portador do nome ou aos seus parentes mas também à toda a comunidade que deve presenciar quando se lhe dá o nome ou quando o seu nome é evocado”.

Em seguida, apresentamos alguns antropónimos, com a sua significação e semas culturais, no âmbito da cultura umbundu.

4.3.2.1. Antropónimos relativos ao nascimento, à situação familiar e social

- **CAKUMA; v. cj. cl. 15**

Tal como os outros nomes, ligados a momentos tristes da família, este também retrata a mesma situação. *Cakuma* significa algo saturado, situação já um tanto quanto aborrecida, factos que não merecem ser repetidos.

O termo enquadra-se na classe 15, porque vem do verbo **okukuma (saturar)**.

Logo, este antropónimo também é atribuído a alguém que tenha nascido no “tempo” de tristeza passado pelos seus pais.

- **CIMBOTO; n. s. cl. 7**

O antropónimo vem do **ocimboto**, nome da classe 7, que em Português significa **sapo**, animal feio e nojento, refere-se à situação, só e somente, familiar.

Normalmente este nome é atribuído a uma criança que nasce depois do falecimento de um dos seus irmãos ou o pai. Segundo a sabedoria contida no nome, a desgraça que se abateu na família pode vir a repetir-se; quem sabe, não seja mesmo neste menino que acaba de nascer? Na incerteza da sobrevivência do menino(a), atribui-se esse nome.

- **CINAWAMUILE; n. s. cl. 7**

O antropónimo resulta da composição do substantivo **ocina** (coisa) e o verbo **wamuile** (viste), formando assim uma frase.

Literalmente, significa: *aquilo que você viu, aquilo por que passaste.*

Este antropónimo pode ser dado à criança que nasça em situações difíceis dos pais, lembrando-lhes que, o facto de a criança ter nascido, esse é semelhante àquele por que passou. Logo, a situação pode vir a repetir-se. Poderão ficar, de novo, sem ela como “foram” os seus irmãos.

Estes antropónimos são atribuídos para, de alguma forma, pedirem aos “deuses” a protecção dessas crianças, pois acredita-se que, dando nomes como estes a essas crianças, como são nomes um tanto quanto feios, essas poderão ser poupadas da morte por esses deuses a quem os pais acreditam.

- CIVOLE; v. cj. cl. 15

Civole, literalmente, traduzido, significa: *que apodreça*. Trata-se do verbo **okuvola (apodrecer)**, conjugado no imperativo.

O antropónimo **Civole** significa apodrecer, mas não num sentido do esquecimento de algum problema da família, de algumas circunstâncias que envolveram o nascimento da criança em causa ou ainda, o de “redimir-se” de situações maléficas que ocorreram antes ou durante o nascimento dessa criança.

São várias e facetadas situações que podem ser associadas ao nome **Civole**.

- CIYULE; v. cj. cl. 15

O antropónimo acima vem do verbo **okuyula** (vencer). Neste caso, *ciyule* é o mesmo verbo conjugado no imperativo = vença.

Ao atribuir este nome a uma criança, tem por objectivo fazer “repousar” nela o sentimento de vencer todos os obstáculos da vida, quer dos pais da criança, da família mais alargada ou até mesmo da própria comunidade em que ela se insere.

Esses nomes, de alguma forma também estão relacionados a alguma “sátira”. É como que querer falar de alguém, criticar alguém ou alguma situação sem que o (a) próprio (a) se apercebesse do assunto.

- KACAPILE; v. cj. cl. 15

Mais uma vez, por se tratar de um verbo, o prefixo **ka** tem valor de advérbio de negação. O antropónimo deriva do verbo **okupya** que significa **cozer**. O antropónimo é dado à criança que tenha nascido precocemente.

- KALEMBE; v. cj. cl. 15

Kalembe deriva do verbo **okulemba** que significa consolar. O antropónimo é dado a alguém com o objectivo de consolar a família de algum desalento por que tenham passado. Literalmente, o nome significa “*Vai consolar*”. Quanto ao valor aspectual de *Kalembe* está no imperativo.

- KALITANGI; v. cj. cl. 15

Kalitangi, morfologicamente, trata-se de um verbo conjugado no presente do indicativo e na forma negativa. Esta é uma forma do verbo **okulitanga**, que, traduzida para o português, significa “*atrapalhar-se*”.

Se em alguns casos dos nomes, o prefixo **ka** tem o valor diminutivo, no caso de verbos, em Umbundu, o mesmo prefixo tem o valor de advérbio de negação. Assim, traduzida, então a forma verbal proposta, esta significa: “*Não se atrapalha*”.

O antropónimo é dado a uma criança que se crê ser superdotada e sábia; num “exercício” do futuro, prevê-se e torce-se para que ela seja tudo o que se augurou.

- KALOVELA; n. s. cl. 9

Tal como nas grandes monarquias europeias, em África, também existe a política das sucessões. Nos reinados e sobados a ideia da sucessão é uma constante. Por isso, o nome **Kalovela** é um daqueles nomes que se dão a uma criança que nasça numa família “real”, quando se prevê que essa criança irá substituir a coroa. É uma criança herdeira de tudo o que existe na família: poder político, de cura e até a substituição na feitiçaria presente na família.

- KALUEYO; n. s. cl. 11

O antropónimo tem origem em **olueyo** (vassoura), instrumento necessário e preferido pelas mulheres asseadas na cultura umbundu. **Kalueyo** pode significar

limpeza da tristeza da família, ou seja, com nascimento dessa criança, toda a tristeza é banida, surgindo assim os momentos de alegria.

- KAMATI; n. s. cl. 9

Antropónimo que se enquadra na classe 9, por causa do prefixo **o** que normalmente antecede o nome *okamati*.

Culturalmente, os ovimbundu dão o antropónimo de *Kamati* a toda a criança que, à nascença, venha enrolada no cordão umbilical.

- KAMBOLO; n. s. cl. 9

O antropónimo *kambolo* deriva de **ombolo** e tem a significação de pão. Mais uma vez, neste vocábulo, o prefixo **ka** tem o valor de diminutivo. Assim, *kambolo* significa **pão pequeno**.

A atribuição deste antropónimo a alguém envolve várias circunstâncias familiares, desde a falta de alimentos à recuperação financeira e até mesmo outras situações.

- KAMBUNDU; n. s. cl. 9

Toda a criança que nasce na época de cacimbo em que se forma nevoeiro de manhã recebe o nome de *kambundu*. O antropónimo deriva de **ombundu** que significa nevoeiro.

Dá-se o antropónimo a alguém por aquilo que nós chamamos de *chará* (decalque, sucessão) para perpetuar a linhagem e, de alguma forma, homenagear algum dos antepassados.

- KANDJALA; n. s. cl. 12

Antropónimo que significa, literalmente, alguma **fome**, pouca fome; o prefixo nominal de classe 12 (pouca = **ka**) tem um significado diferente do Português.

Em Umbundu, quando alguém se dirige a outra pessoa para dizer-lhe que tem fome: “**Okandjala** kambala, akome!” = “A fominha dói-me, arrasa-me. Ai!”. Essa é uma tradução literal da expressão. Traduzindo pelo sentido, teríamos: “Amigo, estou com fome. Acuda-me!”

O antropónimo em si tem uma carga semântica dramática: significa que a fome é persistente e que a pessoa está a passar realmente fome e já há alguns dias.

Neste quadro, o nome “Kandjala” refere-se, portanto, a uma época de penúria, por que tenha passado a família ou a sociedade em geral, antes, durante ou depois do seu nascimento.

Há que salientar ainda que, em Angola, esse termo também é um topónimo, carregando a mesma semântica do antropónimo.

- KANDUKO; n. s. cl. 9

O antropónimo **Kanduko** vem do **onduko** que quer dizer nome.

Como vimos em unidades lexicais anteriores, o prefixo **ka** tem a significação de *pequeno nome*. É um nome que se atribui a uma criança que nasça com pouco peso, mesmo que seja dentro do tempo normal de gestação. Na incerteza de que ela sobreviva, atribui-se um nome “sem nome” = *kanduko*.

- KANGE;v. cj. cl. 15

Kange é uma forma verbal conjugada que, em Português, tem o significado de: “... é meu.”

Normalmente, pode ser usado com dois sentidos diferentes: **cange** e **kange**. Como formas do verbo ser, tal como em Português, elas funcionam ligadas ao adjetivo/ substantivo.

O prefixo **ka** designa diminuição; em contrapartida, o prefixo **ca** assume uma função de aumento.

Logo, quando em Umbundu se usa o **ci** é porque se refere a algo grande e quando se usa o prefixo **ka**, se refere a algo pequeno.

Então, ao dizer “*aka kange*”, quer dizer que “*isto, pequeno/ pequenino, é meu...*” e, ao dizer “*eci cange*”, está-se a dizer “*isto, grande/ grandalhão é meu...*”

Essas formas, quando ocorrem como nomes próprios, são sempre atribuídos a crianças que vieram ao mundo em circunstâncias conflituosas das mães ou porque nasceram com pouco peso: “Mesmo pequenino, este filho é meu.”

- KANGUYA; n. s. cl. 9

Tem a sua origem em **onguya** que é a umbundização de agulha. Dependendo das circunstâncias pode ocorrer como um antropónimo.

- KANEPA; n. s. cl. 9

O antropónimo **kanepa** deriva de **onepa** e significa **parte** ou ainda, uma parte de qualquer coisa.

- KAPEMBA; n. s. cl. 9

O nome designa o quinto mês do ano, o Maio. Este é considerado pelos agricultores como sendo o mês de maior fartura, pois é nele em que se dão as colheitas do campo.

Portanto, toda a criança que nasce nesse mês tem o sinónimo de fartura, porque coincide com essa fartura em que os parentes vivem a partir desse mês.

- KASISE; n. s. cl. 16

O antropónimo *Kasise* significa canto, na parte escondida da sala, da casa, etc. O nome vem de **pokasise** que designa esconderijo, cantinho; está bem guardado, não é descoberto facilmente. Logo, à criança que se atribui o nome de **Kasise**, está e estará bem guardada pelos deuses.

- **KASUMWA**; n. s. cl. 5

Deriva do substantivo **esumwo** que significa, em Umbundu, tristeza. Este antropónimo é dado a alguém em circunstâncias de tristeza familiar.

- **KATIMBA**; n. s. cl. 5

Deriva de **etimba** que, em Umbundu, significa corpo. O prefixo **ka** pode introduzir um valor de diminutivo na classe dos verbos e noutras classes. Assim, **katimba** tem o significado de corpo pequeno ou corpinho.

- **KATITO**; n. s. cl. 12

Morfologicamente, trata-se de um adjetivo e não de um nome. Enquadrado na classe 12, é adoptado como antropónimo e é atribuído a uma criança que nasce com peso abaixo do normal (com 500gr) ou ainda a uma criança, cuja mãe tenha demonstrado problemas de infertilidade, com possibilidade dessa criança vir a ser filho(a) único(a). *Katito* nessa língua significa “**pouco**”, “**pequeno**”, alcança assim um significado muito mais forte, intenso e carinhoso.

- **KATULICI/ KATULISI**;v. cj. cl. 15

As formas verbais propostas fazem referência a um mesmo verbo, distinguindo-se apenas por ser uma variante da mesma língua. Enquanto uns usam a primeira forma, outros usam a segunda, mas com o mesmo significado.

O antropónimo deriva do verbo **okulica/ okulisia** que significa “*deixar-se*”.

Esta forma é antecedita pelo prefixo **ka**, que designa negação. Assim, a forma verbal **katulici/ katulisi** significa: “*Não nos separamos*”; “*Só a morte nos separa*”.

- **KAYKE**; v. cj. cl. 15

O antropónimo vem do verbo **okuyika** que significa fechar. Literalmente, **kayke** é um imperativo. Significa: *vai fechar, fecha!*

Este antropónimo pode ser atribuído a uma criança que, segundo os pais, tem a missão de “fechar” a maternidade dos pais; de ser o último filho. De alguma forma, vai traduzir a vontade dos seus pais de não terem mais filhos = **Kayke** = vai fechar. Mas também pode traduzir uma outra realidade: “fechar” a maldição de perder sempre outros filhos.

- KAYIVALA; v. cj. cl. 15

Esta é uma forma do verbo **okuvala** (doer), conjugado na negativa.

Nessa forma verbal, o prefixo **ka** tem a função de advérbio de negação. Logo, a forma verbal tem o significado de “...*não dói.*”, “...*não causa sofrimento.*”

Kayivala é um antropónimo que se dá a uma criança que tenha nascido numa altura em que a sua família passa por algum sofrimento.

- KOSEKE; n. s. cl. 5

O antropónimo deriva de **eseke** (areia). Literalmente, **koseke** aponta para aquilo que em Umbundu se pode referir a um advérbio de lugar (na areia; lá na areia). O prefixo **ko**, neste caso, remete para um locativo = **lá**.

Kosekere refere-se *ao que se encontra na areia ou àquilo que está na areia*.

O antropónimo **Koseke** refere-se a alguém que tem a ver com as circunstâncias do nascimento ou concepção de uma criança, circunstâncias que envolvem “mortes” na família.

- KOSENGE; n. s. cl. 17

Este antropónimo deriva de **kusenge** que é um termo composto (preposição mais o advérbio de lugar) que designa “...*nas matas.*” O antropónimo é dado a alguém que possivelmente tenha nascido nas lavras ou no mato ou a caminho das lavras ou de casa.

- KULEMBI; v. cj. cl. 15

Kulembi deriva do verbo **okulemba** que significa: pedir, orar, suplicar. Literalmente, significa: “...é no pedir/ no suplicar/ é orando.”

Este é um antropónimo que se atribui à criança cuja concepção foi difícil e que dependeu de muitos tratamentos tradicionais.

- KULEVALA; v. cj. cl. 15

Forma do verbo **okulevala** que tem o significado de endividar-se. É um antropónimo dado ao filho que tenha nascido num momento, em que os pais ou um dos progenitores se tenha endividado ou que o pai se tenha enforcado.

- KUVOLO; n. s. cl. 17

O antropónimo **Kuvolo** vem do nome **uvolo**, que em Português significa: porta, entrada, saída, dependendo do contexto em que o termo ocorre. Mas **kuvolo** indica também um advérbio de lugar: na porta, à porta.

Este antropónimo pode ser atribuído a uma criança que seja primogénita dos pais ou ainda a uma criança que nasça depois de um ou mais irmãos falecidos (fazendo assim referência à saída).

- KWAYELA; v. cj. cl. 15

O antropónimo deriva do adjetivo **okuyela** que significa pureza, purificação, limpeza. Literalmente, traduz-se por “*Está limpo.*”

- LUMBONGO; n. s. cl. 11

O antropónimo vem de **olumbongo**, que significa dinheiro e pertence à classe 11. Ninguém vive sem dinheiro; quando ele falta, falta quase tudo na vida do ser humano.

Assim, numa primeira reflexão, podemos dizer que esse nome pode ter várias significações, remetendo para situações também diversificadas: uma primeira, poderá ser o da pobreza e uma outra, o da riqueza.

Queremos com isso dizer que, a criança poderá ter nascido na época de pobreza ou de riqueza dos seus progenitores ou da sua família.

Quando uma criança nasce num período de grande carência financeira ou no auge económico da família, a essa é atribuído o nome de **Olumbongo = Lumbongo**.

- MBANDJE; v. cj. cl. 15

O antropónimo vem de verbo **okumbandja**, que conjugado pronominalmente significa: *olhar para mim*.

Normalmente, esta forma é usada para chamar a atenção de alguém, quando há “problemas” de relacionamento com essa pessoa.

Ex: “*Mbandje mwele ciwa...*”. Tradução literal: “*Olha mesmo bem p’ra mim...*”

- NDAMBUKA; v. cj. cl. 15

É uma forma do verbo **okwambuka** que significa desmaiar. Traduzindo literalmente significa: “*Desmaiei*”.

Na cultura dos ovimbundu, o desmaio não é um acontecimento que seja, à primeira vista, associado à doença, mas sim à fome. Pressupõe que um doente não desmaia, mas um “morto à fome”, esse sim, desmaia. O motivo de atribuição desse nome a alguém depende dos momentos de dificuldades da família.

- NDJALIYOWIÑGI; n. s. cl. 9

Trata-se de uma nome aglutinado, tal como os outros. Nele, encontramos: **ondjali** (*progenitor/ a*) + **yowiñgi** (da *multidão*). Como sintagma, temos: “*O/A progenitor/a da multidão*.”

Na cultura umbundu, quando uma família é muito hospedeira, trata com muito carinho qualquer pessoa que apareça em sua casa; assim, as pessoas atribuem-lhe, precisamente, essa designação “*Ondjaliyowiñgi*” = “*Pai/ mãe das multidões*”.

- NAMBUNDI; n. s. cl. 9

É um nome aglutinado, pois nele encontramos dois vocábulos: *ina* (mãe) + *ombundi* (lupro) e que tem o significado literal de “*Mãe do lupro*”.

O antropónimo é dado a alguém quando a mãe dessa criança se dedica à venda de lupro, como negócio para a sobrevivência da família.

- SAMWENHO: n. s. cl. 9

O nome é resultado da aglutinação de *ise* (pai) + *omwenho* (vida). Semanticamente, significa “*pai da vida*”.

Como antropónimo, pode ter várias interpretações, dependendo sempre das circunstâncias envolventes do nascimento da criança.

- SANDJIYOMEKE; n. s. cl. 9

É um nome aglutinado, constituído por *osandji* (galinha) + *omeke* (cega). Como antropónimo é dado a alguém como forma de “*ridicularizar*”, tirando dela uma lição para a vida. Traduzindo literalmente designa: “*A cegueira da galinha/ Galinha cega.*”

É galinha cega, porque é sabido que ela tem o hábito de esgravatar, procurando assim alimentos. Nesse seu acto de esgravatar, encontra muitos alimentos e nem sempre ela própria chega a beneficiar-se do que ela procurou; são outros que se alimentam deles, os pintainhos.

Transportando esta lição aos humanos, é aplicada quando alguém trabalha muito, mas não se beneficia do seu próprio esforço.

- SOMA; n. s. cl. 9

(Soba); n. m. s.

O antropónimo tem origem em *osoma* que, posteriormente, foi aportuguesado para **soba**.

Soma, em Umbundu, também é designado por *século*, o mais velho da aldeia. É ele o responsável pelos habitantes da aldeia; em termos morais, é o representante da autoridade dos antepassados daquela região, digno de todo o respeito.

Assim, ao atribuir esse antropónimo a alguém, muitas vezes em alusão a algum antepassado da família, quer-se com isso perpetuar a sua memória. Esse novo membro que carrega o nome é merecedor do mesmo respeito que se tinha para com aquele. Desrespeitá-lo será o mesmo que fazê-lo ao antepassado.

- SUELELÃ; n. s. cl. 5

O antropónimo, literalmente, significa lágrima. Tem origem no nome **esuelelã** = *uma lágrima*, enquadrado na classe 5.

Na cultura dos ovimbundu, este antropónimo é atribuído a uma criança que pode estar “envolvida” numa situação de óbito de um dos seus progenitores, aquando do seu nascimento, ou então que tenha nascido na sequência de vários irmãos ou um irmão falecido antes de ela nascer. O referido nome é atribuído a essa criança como um consolo de “quem se foi”, do/a falecido/a.

- TWAYUNGE; v. cj. cl. 15

O antropónimo vem do verbo **okuyunga** (colher). Literalmente, significa, *colhemos*. Neste caso, o antropónimo está relacionado com alguma riqueza em termos materiais: o facto de uma criança nascer numa altura de boa colheita no campo ou, simplesmente, o facto de a criança ser considerada uma grande “riqueza” para a família.

- UHWASI; n. s. cl. 3

Ao contrário de Olumbongo, que pode assumir duas significações, *Uhwasi* apenas faz referência a uma única situação: a de riqueza material ou moral. É um nome da classe 3.

Literalmente, *uhwasi* significa riqueza, riquezaaessa que pode ser o nascimento da própria criança: o facto de ter nascido, transforma-se numa grande riqueza para os seus progenitores.

- VASOLE; v. cj. cl. 15

Vasole é um adjetivo: *aquele que é amado por todos; que é querido por todos*.

Tem origem no verbo **okusola** (gostar/ amar). O antropónimo **Vasole** é atribuído a uma criança que tenha sido desejada durante muito tempo.

Juntando-se a este antropónimo existem outros: **Vinosole**, **Cinosole** e **Nyinalaso**. Este último, **Nyinalaso**, significa: amor do pai, amor com o pai, sintonia com o pai, mimos do pai, caprichos do pai. Isto significa que o amor é exclusivo do pai; carinho exclusivo do pai. Apenas o nosso pai pode entender-nos e dar-nos o amor de que “reclamamos”. Logo, não é extensivo aos demais membros da família.

- VATUMILE; v. cj. cl. 15

O antropónimo **Vatumile** tem origem no verbo **okutuma** (mandar). **Vatumile** significa: *aquele que foi mandado*.

Este nome pode ser uma réplica, em termos de significado, àquilo que pode ter acontecido antes do nascimento da criança em causa.

- YOVA; v. cj. cl. 15

O antropónimo tem origem no verbo **okuyova** que significa crescer, despontar; é um verbo no imperativo. É atribuído a uma criança que nasceu depois de mortes sucessivas dos seus irmãos.

O antropónimo tem como “missão” expulsar os maus espíritos dessa nova criatura que, nasceu no seio da família, de tal forma que, a sua permanência seja a garantia da felicidade dos seus pais e familiares.

4.3.2.2-Antropónimos relativos a sentimentos e valores morais

Na cultura dos ovimbundu existem antropónimos que são muito mais ousados e que, só por si, constituem autênticas frases, com lições morais muito profundas.

Passamos a enunciar alguns deles, analisando cada caso:

- **CAKUSOLA**; v. cj. cl. 15

O verbo *okusola*, em Umbundu tem o significado de *amar e gostar*. Portanto, o significado do nome tem a ver com o contexto, tal como os outros nomes já analisados. O antropónimo **Cakusola** tem a seguinte tradução: “*Aquilo de que gostas.*”

- **CAMBASUKU**; v. cj. cl. 15

Este antropónimo significa “*O que Deus rejeitou/ atirou/ lançou.*” Se Deus rejeita alguém ou alguma coisa, o que farão os homens? Muito mais rejeitarão.

- **CALYONGOMBE**; v. cj. cl. 15

Este antropónimo é composto pelos seguintes elementos: **calya** = *comeu/ dizimou/ vitimou*, e por **ongombe** = *o boi*. A tradução literal desta expressão é a seguinte: “*O que vitimou o boi.*”

- **CAYEVALA**; v. cj. cl. 15

Cayevala é um antropónimo que tem origem num verbo conjugado pronominalmente. Este significa: “*Ouviu-se/ Foi ouvido.*”

- **CINAVASUKA; v. cj. cl. 15**

O antropónimo tem o seguinte significado: *“Aquilo de que precisas/ O que está em falta”*.

- **CINOFILA; v. cj. cl. 15**

O verbo *cinofila*, em português, significa *“Aquilo por que «morres».”* Neste verbo, temos uma aglutinação do pronome demonstrativo **cina** = *aquilo* e a forma do verbo **okufa** = *morrer*, conjugado.

- **CITAWOVE; v. cj. cl. 15**

Citawove é uma expressão adoptada, como um antropónimo, e que significa *“Nasça o/ a teu/ tua.”*

Para que na velhice, tenhamos alguém que nos ampare, que nos cuide, é importante que nasçamos e criemos o nosso próprio filho, porque contar apenas com a caridade das pessoas, no futuro, não é suficiente. Só os nossos filhos sentirão o dever de cuidar dos próprios pais. Daí o antropónimo **citawove**.

- **LIVANGA; v. cj. cl. 15**

O antropónimo **Livanga** tem o significado de *“Vai adiante/ antecipa-te.”* O antropónimo tem origem num verbo no imperativo.

- **LIVALA; v. cj. cl. 15**

É uma forma do verbo *okulivala*, conjugado no imperativo. Usado como antropónimo e traduzido literalmente significa: *“Vá devagarinho/ vagarosamente”*.

Contém uma lição de moral: *A vida é para ser levada de forma sábia, sem pressas.*

- NANGOSOLE; v. cj. cl. 15

Nangosole é um nome aglutinado, onde encontramos o nome **onanga** = *o pano* mais o verbo **okusola** = *gostar/ amar*, conjugado. Traduzida a expressão, temos: “ *O pano de que gostas.*”

Semanticamente, este pano pode não significar apenas um pedaço de tecido; pode ter a ver com pessoas, sentimentos ou/ e outras realidades.

- SINDJEKUMBI; v. cj. cl. 15

Sindjekumbi é um verbo que significa “*Espere pelo raiar do sol/ Espere pelo dia...*”. Este verbo, normalmente, refere-se ao nascimento do filho, cuja concepção foi bastante difícil.

- SUKWAKWECE; v. cj. cl. 15

Nesta expressão, encontramos os seguintes lexemas: **Suku** = *Deus*, mais **akwece** = *te livre/ liberte*. Tradução literal: “*Que Deus te livre/ liberte.*”

- TUMAHELYE; v. cj. cl. 15

Quando se tem um filho, sobretudo na cultura dos ovimbundu, é costume receber alguém da família para ajudar a mãe, pelo menos durante um mês. Isto é assim, porque a família constitui o grande pilar e auxílio em todas as situações. Quando esta falha, nessa altura, quer por distâncias, quer por outros motivos e a mãe se encontra em momentos difíceis, normalmente, a criança que nasce nesse ambiente recebe o nome de **tumahelye** que, em Português, significa: “*A quem mandar/ enviar?*”

- VANDAKAVEYA; v. cj. cl. 15

Nesta expressão, usada como antropónimo, temos a composição de duas frases: “*Vanda, kaveya.*” **TRADUÇÃO:** “*Os que se foram, não regressarão.*”

Numa expressão umbundu, aparentemente simples, em Português temos uma oração complexa. Essa expressão pode ter vários significados e várias ocorrências, tendo em conta os diferentes contextos em que pode estar inserida.

- WACISANDA; v. cj. cl. 15

Wacisanda é um antropónimo que significa: “*O que ele procurou*”. O que se procurou pode ser coisa boa ou má. Dependerá do contexto e de todas as envolvências.

- WAKULYATA; v. cj. cl. 15

Em Umbundu há um ditado que diz: “*cimbiwa eci cikasi peka, polé ecikikasi kutima kacimbiwa*”. Tradução literal: “*Deita-se fora o que se tem na mão, porém o que está no coração é impossível*.” Isto quer dizer que, quando uma coisa se torna costume em nós, mal ou bem, é difícil desfazer-se dela. Daí o nome **wakulyiata** que traduzido para o Português, significa: “*Ele pisou-te*”.

Quando alguém nos pisa no pé, a dor e a acção não é permanente. Mas quando alguém espezinha o nosso coração, a mágoa e a pressão exercida é constante. Daí o antropónimo *wakulyiata*.

- WANDALINDELE; v. cj. cl. 15

Em África, em alguns casos, sobretudo nos meios rurais, o homem branco é símbolo de superioridade, de desenvolvimento e de “privilégios”. Logo, quando se atribui o antropónimo **Wandalindele** a alguém, de alguma forma é para dar lições de moral àquelas pessoas que não assumem o seu ser negro e, querendo ser diferente e assimilado, assumem uma figura ridícula: o querer ser branco e sem conseguir sê-lo.

Daí o nome **wandalindele** que significa: “*Foi com os brancos*.”

Tal como os outros antropónimos, as situações envolventes são elas que caracterizam o antropónimo a atribuir e o sentido que vai ter.

Todos estes antropónimos têm origem em nomes (alguns, como vimos, derivam de verbos); dependem sempre de variadas circunstâncias e situações em que os nascimentos ocorrem.

De sublinhar que, muitos desses nomes são atribuídos, apenas pelo simples facto de já existirem nas famílias, uma forma de perpetuar o nome.

4.3.3. Alguns umbundismos da vida social

Na vida social dos ovimbundu, como em qualquer sociedade, encontramos alguns umbundismos que acabam por instalar-se no Português em Angola.

Neste contexto, descrevemos alguns deles, apresentando também informações morfológicas, para além das semânticas:

- CIKANHA; n. s. cl. 15

O antropónimo deriva do verbo *okukanha* que, em algumas variantes do Umbundu, significa morder e/ ou mordiscar.

- CILOMBO; n. s. cl. 7

O substantivo ora proposto deriva de *ocilombo* que, em Umbundu, significa acampamento (aldeias perdidas nas matas).

- CILULU; n. s. cl. 7

O antropónimo vem de *ocilulu* que, em Umbundu, significa fantasma.

- CUMBUMBA; n. s. cl. 7

Em todas as culturas dos povos, quando o marido ou a mulher “perde” o seu companheiro/a, aquele que ficar em vida recebe a designação de viúva/ o.

Entre os ovimbundu, o/ a viúvo/a é “conhecido/ a” por *ocimbumba*. Logo, o prefixo **o** tem a função de determinante: o/ a viúvo/ a.

- **CINHANGÃ; n. s. cl. 7**

O antropónimo deriva de *ocinhangã* que significa trapo ou farrapo.

- **CISAPA; n. s. cl. 7**

O antropónimo deriva de *ocisapa* que significa ramo, galho.

- **CISINGI; n. s. cl. 7**

O antropónimo deriva de *ocisingi* que designa tronco.

- **CIVELA; n. s. cl. 7**

O antropónimo deriva de *ocivela* que designa ferro.

- **CIVINDA; n. s. cl. 7**

Este antropónimo quase nada tem a ver com o anterior (civela). Se em Português existe o ferro e o ferreiro, já em Umbundu a relação não é directa. Assim, o antropónimo **Civinda** deriva de **ocivinda** que significa exactamente o ferreiro. Portanto, *ocivela* e o *ocivinda* pertencem ao mesmo campo lexical.

- **EKISIKISI; n. s. cl. 5**

Este é um nome que se dá aos monstros. É um personagem lendário que, na verdade, não existe. É produto de uma crença no poder dos antepassados. Esses são “seres” que não podem nem devem aparecer a qualquer indivíduo, sob pena de morrer se o vir.

- **EKUMBI; n. s. cl. 5**

Conforme a ocorrência ou os contextos e tendo em conta também algumas variantes do Umbundu, o antropónimo **Ekumbi** pode significar: *o astro sol ou o dia*.

- **EPALANGA; n. s. cl. 5**

O antropónimo **Epalanga**, literalmente, significa amigo/a, ou contemporâneo/a.

- **EUÂ; interj.**

É uma interjeição e que muitas vezes tem uma função de advérbio com o valor de afirmação. Ela significa: *tudo bem, sim, concordo, com certeza*.

- **HENDA; n. s. cl. 9**

Este é um antropónimo que vem de *ohenda* com o seguinte significa: *piedade, favor e graça*. Segundo os contextos em que ocorrem, podem, morfologicamente, ser adjectivos ou nomes.

- **HEMBI; n. s. cl. 9**

Tal como o antropónimo anterior, também ele pode ocorrer como nome e/ou como adjectivo. O antropónimo *hembí* tem origem no adjectivo *ohembí*, com o significado de mentira ou mentiroso.

- **KAMAPUNHU; n. s. cl. 5**

Deriva de *epunhu* e significa desdentado/a. Literalmente, *kamapunhu* é alguém que perdeu alguns dentes, sobretudo os frontais.

- **KAMBUTA**; n. s. cl. 15

O antropónimo designa, vulgarmente, uma pessoa de baixa estatura, anã, alguém que não cresceu como devia. Tem origem no verbo *okumbuta* que significa: ser baixinho/a. Ex: “*Ñgala Suse wambuta ndanti.*” TRADUÇÃO: *O senhor José é muito baixinho.*

- **LONDAKA**; n. p. cl. 9

O antropónimo **Londaka** deriva de *ondaka* que significa palavra e/ ou conversa. Como se pode observar, *londaka* é um vocábulo que se encontra no plural, donde *olondaka* quer dizer as conversas ou as palavras.

Morfologicamente, em Umbundu, o número e a natureza gramatical das palavras são elementos que ocorrem sempre na posição prefixal e nunca sufixal.

- **LONEKE**; n. p. cl. 9

Em algumas variantes do Umbundu, **loneke** tem o significado de dias, pois se encontra no plural. O antropónimo Loneke, literalmente, designa dia.

- **LUMBUNGULULU**; n. s. cl. 11

Este antropónimo deriva de **olumbungululu** que significa estrela.

- **MOKO**; n. s. cl. 9

O antropónimo *moko* deriva de *omoko* e significa faca, um utensílio cortante.

- **NDJINDU**; n. s. cl. 9

O antropónimo Ndjindu deriva de *ondjindu* e significa martelo de ferreiro.

- **OCILYAGU**; n. s. cl. 7

(*Bruxo/a*); n. m. s./ n. f. s.

Os ovimbundu têm muita crença no poder do mal. Crêem que existem pessoas que se dedicam a fazer o mal aos outros. Essas pessoas são designadas de *ocilyagu*.

O *ocilyagu* é aquele/a que, enquanto os demais dormem, passa de casa em casa, daqueles que ele/a detesta, fazendo que aconteça o mal a essa pessoa: *doença, morte e outras desgraças*. Esse acto é designado de *okulyangula*.

- **OHANDA**; n. s. cl. 9

Para os ovimbundu, *ohanda* é o local onde se moe o milho para produzir a farinha de milho de forma artesanal. Essa é uma actividade destinada às senhoras.

Perto das aldeias existem lugares elevados, uma montanha, com um cimo plano, onde as senhoras vão produzir a chamada *fuba limpa da pedra*, muito apreciada pelas pessoas economicamente bem posicionadas, pois esse produto é comercializado a um preço bastante elevado.

FIGURA Nº 05

*As mulheres na **ohanda** a moerem o milho*



- **OLOHAKU**; n. p. cl.10

Tradicionalmente, *olohaku* são sandálias feitas com pele de boi, onde se coloca

uma parte da sola e umas tiras, também feitas com o mesmo material, para passar à volta do pé. Na época moderna, já encontramos *olohaku* feitos a partir de pneus gastos, mas preservando o mesmo modelo tradicional.

FIGURA Nº 06

Mulher calçando olohaku tradicionais



- OLOMUNDO; n. p. cl. 10

(piquenique); n. m. s.

Para os falantes de Umbundu, quando se fala de *olomundo*, que em Português designa piquenique, este processa-se de maneira bastante diferente daquele que é observado em Umbundu.

Para os portugueses, há piquenique quando um grupo de pessoas resolve ir um pouco afastado das suas residências, levando cada um o seu farnel e, chegado ao local de destino, põe-se em comum o que prepararam para aquele dia. Comem e bebem juntos, num convívio fraternal.

Para os ovimbundu *olomundo* é quase uma brincadeira de crianças, sobretudo meninas que, tirando da casa dos seus pais, alguns alimentos como: arroz, peixe, carne ou o que seja, vão para um lugar aprazível, levando algumas panelinhas (normalmente são de latas de algumas conservas), para cozinhar; cada criança faz os seus cozinhados e no final, comem em conjunto. É um dos primeiros passos para a aprendizagem da

culinária para essas crianças.

- OMBUMBI (Bumbi); n. s. cl. 9

(Hérnia testicular); n. s. f.

Em Umbundu, quando um homem tem uma hérnia testicular, denomina-se por *ombumbi*. Vulgarmente, *ombumbi* também pode designar apenas o testículo, sobretudo quando se utiliza o nome para insultar alguém, mesmo que não tenha essa anomalia. Ex: “*Ove! Bumbi yove ina!*”. Tradução literal: “*Ouve lá, tu. Olha p’ra os teus testículos...*”

- OSEKULU; n. s. cl. 9

Entre os ovimbundu, o nome designa uma pessoa de idade avançada, idosa, mais velha. *Sekulu* pode ser um idoso ou uma idosa, pois mais uma vez ressaltamos que, em Umbundu, não existe o género.

- WELEMA; n. s. cl. 9

O antropónimo Welemaderiva de *owelema* e significa escuridão.

Existem muito mais elementos que poderíamos seguir apontando. Mas propusémo-nos a apresentar apenas uma amostra representativa.

Nos anexos deste trabalho, apresentamos outros Umbundismos retirados de obras literárias angolanas e extraídos da observação de falantes da Língua Umbundu.

4.3.4. Alguns umbundismos relativos a alimentos

Uma outra área, não menos importante, é a da gastronomia na Língua

Umbundu. Cada povo tem os seus hábitos e costumes gastronómicos. A língua veicula a cultura de um povo de que fazem também parte a alimentação e a designação dos alimentos. É nesse contexto em que encontramos algumas designações que abaixo, trataremos de descrever.

- **ESUANGA; n. s. cl. 5**

Na gastronomia dos ovimbundu, **esuanga** são folhas da mandioqueira (arbusto que dá uma raiz designada de mandioca). Essas folhas, quando ainda tenrinhas, são retiradas da mandioqueira e preparadas de variadas formas para a guarnição do pirão ou funge.

Dependendo da forma como se preparar, podem resultar em citiengã (chitiengã) ou em esuanga. A diferença que existe entre esse dois pratos é a seguinte:

Para a **esuanga**, as folhas são seleccionadas a partir da mandioqueira, onde são aparados todos os tronquinhos e as folhas, colocadas num pilão, para serem esmagadas até formarem uma pasta. Essa é levada ao lume e deixa-se cozer bem com muita água. No final, depois de cozida, é refogada com azeite, cebola e tomate.

Quanto à **citiengã** (chitiengã), essa tem a mesma preparação, com uma ligeira diferença: antes de colocar no pilão, as folhas são passadas rapidamente por água quente sem deixar cozer e só depois são trituradas, no pilão, sem esmagá-las na totalidade. Levam-se a cozer muito bem e só depois, são refogadas da mesma forma que a esuanga.

Lembrar que, os ovimbundu também usam essas folhas preparadas com a pasta de ginguba (amendoim), vulgarmente conhecida de moamba de ginguba, com a particularidade de que, esses usam-na crua (ginguba não torrada), que vai a cozer com a esuanga ou a citiengã. Só no final se faz o refogado, já referido.

- **OCITINA; n. s. cl. 7**

Para os ovimbundu, *ocitina* é o tubérculo conhecido, vulgarmente, por batata doce. Ela é fervida em água e depois é-lhe retirada a pele; depois pode ser comida com

algum molho.

Em alguns casos, a *ocitina* é assada debaixo de brasas leves e depois retira-se a pele e é comida, ao pequeno-almoço, com um chá.

FIGURA Nº 07

Ocitina



- OKAMBUENHA; n. s. cl.12

É um peixe miúdo, seco com sal e, normalmente, é demolhado e assado nas brasas ou ainda, frito e acompanhado com *súmate* (tomate picado e cebola picada) para se comer com pirão ou funge.

Normalmente, essa comida faz parte do cardápio das pessoas com pouco poder económico. Apesar disso, há pessoas, mesmo tendo um poder económico aceitável, por uma questão cultural, em momentos específicos, preferem comer *kabuenha*.

FIGURA Nº 08

Peixe Kabuenha



- OLAMA: n. s. cl. 10

(rama); n. f. s.

Olama é um substantivo no singular e, como a maioria dos substantivos em Umbundu, em termos de género, é neutro; é a folha da batata doce que é usada de diversas maneiras; pode ser usada no calulú, mas sempre com um único fim: guarnição do pirão.

- OLOMBI; n. s. cl. 10

Para os falantes de Umbundu, toda a verdura ou legumes, genericamente, designa-se de *olombi*, mas com o aportuguesamento passou a designar-se de **lombi**.

A partir da unidade *lombi*, temos outras unidades mais específicas: *lombi de feijão* (folhas do feijoeiro), *lombi de makunde* (folha de feijão frade), *lombi de omutu* (folhas de abóbora), *lombi de losuva* (aparência de folhas de batata) e tantas outras folhas com a mesma designação, distinguindo-se apenas a sua proveniência.

Todas essas verduras, para os ovimbundu, depois de fervidas com água e sal e feito o refogado, servem de guarnição do pirão (uma pasta feita com farinha de milho), alimento básico para o povo Umbundu.

- **OLOMBUA** (*lombuá; jimboa*); n. s. cl. 10

Entre os ovimbundu aquilo, que noutras regiões, designam por *jimboa*, é conhecido por *lombuá* ou *olombua*. Este é um tipo de verdura (legumes) cuja aparência é aproximada a espinafres e que, normalmente pode ser preparado como outros legumes acima descritos e, na actualidade, é o legume mais preferido e utilizado, a nível nacional, para a preparação do famoso *calulú*.

FIGURA Nº 09

Prato preparado à base de olombua (calulú)



- **OMAHINI**: n. s. cl. 9

(*Leite azedo*); n. m. s.

Entre os ovimbundu, um dos costumes existentes na alimentação é o uso do leite azedo, conhecido por **omahini**. Depois de ordenharem as vacas ou as cabras, colocam uma parte do leite em cabaças e deixam-nas ao sol, durante algum tempo, para azedar o mais rapidamente possível. Esse leite é consumido com o pirão: coloca-se o pirão num prato fundo, deita-se o leite, sem açúcar, por cima do pirão e amassa-se tudo, até fazer uma papa homogénea.

Toma-se ao pequeno-almoço ou em qualquer uma das três refeições e é um

alimento com bastantes nutrientes.

- **OMUKAKU; n. s. cl. 9**

Vulgarmente, **omukaku** é um peixe, de qualquer tipo, seco com bastante sal e que é assado nas brasas, sem demolhá-lo e comido com o pirão.

De referir que este é um alimento das pessoas desfavorecidas, com rendimentos baixíssimos. Normalmente, as pessoas que trabalham nos campos de cultivo alimentam-se dessa forma, enquanto trabalham.

FIGURA Nº 10

Omukaku



- **UTIETIE: n. s. cl. 14**

(*Urzélia*); n. f. s.

Para os ovimbundu, **utietie** é a verdura bastante procurada, sobretudo para, no caso de algum familiar doente, abrir o apetite. As propriedades dessa verdura, como a acidez, estimulam o apetite do doente.

- **VIMBELELE; n. p. cl. 4**

É uma variante de *okambuenha* e designa peixe miúdo; mas pode ser também designado de **ovimbelele**. A unidade lexical é quase sempre usada no plural e,

raramente, no singular, que seria **ocimbelele** (peixe miúdo).

4.3.5. Alguns umbundismos relativos a plantas

A área da botânica ou flora é também uma área de interesse no estudo dos empréstimos do Umbundu ao Português. De recordar que alguns nomes de plantas, na cultura dos ovimbundu, também podem ocorrer como nomes próprios.

Assim, vamos apresentar alguns nomes da botânica, do Umbundu, que passaram para o Português:

- CILYONGOMBE; n. s. cl.9

Literalmente é um sintagma verbal que traduzido à letra significa: *Cilya ongombe* = *o que o boi come*.

Embora não seja uma planta medicinal, segundo Francisco Yambo (2003: 37) é uma erva que cresce nos pântanos e que serve para a alimentação do gabo bovino. Vulgarmente é conhecido por *okulya ku'ongombe* = *comida do boi*.

Esta unidade lexical pode adquirir outros significados associados, como: *o que mata ou matou o boi*.

- OCANDALA; n. s. cl. 9

(Xandala); n. f. s.

Designa uma planta do tipo cato, babosa, cujos poderes medicinais são bem conhecidos em quase todo o mundo. Entre os ovimbundu, as folhas dessa planta servem para curar, entre tantas doenças, a hepatite C e algumas doenças venéreas.

FIGURA Nº 11

A Planta Ocandala



OBS: Para curar algumas doenças venéreas, como é o caso da **candidiasis**, lava-se uma folha de **ocandala**, tira-se a parte da planta que tem picos e corteja-se a folha em pequenos pedaços e coloca-se numa bacia com água e deixa-se que o produto tinja a água. No fim disso, a doente senta-se nessa bacia, deixando que esse líquido entre pela vagina. Repete-se o acto, duas ou mais vezes, por dia, segundo a gravidade da doença.

- OLONGESO; n. p. cl. 10

É uma erva que se encontra na selva e que produz um pequeno tubérculo com poderes afrodisíacos. Para que produza os efeitos desejados, é mastigada.

Na região do Bailundo (Huambo), é comercializado pelas senhoras. Elas vão ao mato cavá-lo. Depois esse pequeno tubérculo é lavado e deixado em “repouso”, durante um dia. Só no terceiro dia é comercializado.

- OLONGUPA; n. p. cl. 9

(Amendoin); n. m. s.

Vulgarmente conhecido, em Angola, por *ginguba*, é um arbusto rasteiro que produz uma vage na sua raiz e que é rica em gordura.

Ele pode ser comido de diferentes maneiras: fervido, assado, frito. Ainda se pode comer com sal ou com o açúcar.

-OMBUNDI: n. s. cl. 9

(lupro); n. m. s.

O nome *ombundi* é um substantivo que em Português tem a designação de lupro. Trata-se de um arbusto localizado em savanas, cujas raízes possuem propriedades de fermentação e de adocicação.

Na cultura dos ovimbundu, o *ombundi* é utilizado para fazer fermentar a *ocisângua*, bebida feita à base de água e farinha de milho, para além de adoçá-la, pois possui também essa propriedade, ela é utilizada para substituir o açúcar.

- OMBULUTUTU; n. s. cl. 9

É uma planta medicinal, cujas raízes servem para a cura de problemas de fígado. Com as raízes obtem-se um líquido cor de laranja que o doente vai bebendo ao longo do dia para a limpeza do fígado, curando o próprio fígado.

FIGURA Nº 12

Ombulututu



- SENDJE; n. s. cl. 5

O nome ora proposto tem vários significados; destacamos apenas os seguintes: pedra e planta. A unidade lexical tem a sua origem em *esendje* que significa pedra.

- UYOMBE; n. s. cl. 12

Uyombe é uma planta com poderes medicinais que se encontra nos bosques.

Quando numa família existe um moribundo, procuram-se as folhas dessa planta que são colocadas em água normal, depois espremem-se e colocam-se sobre os olhos do doente, pois crê-se que tais folhas tenham poder de descerrar os olhos de quem esteja moribundo.

Na cultura dos ovimbundu, um grande número de plantas medicinais é também usado como antropónimos.

4.3.6. Alguns umbundismos relativos a animais

Evocando Francisco Yambo que afirma que, na cultura dos ovimbundu, existe o costume de nomes de plantas e de animais serem usados como antropónimos.

No seu Pequeno Dicionário (2003; 58), afirma o seguinte: *“empregam-se nomes de plantas ou de animais às crianças para evitar que elas venham a perecer como outras que as precederam. Finalmente acabam por sobreviver e ficam com os nomes.”* Tais nomes, quando ocorrem como nomes próprios, eliminam a partícula de aumento.

Vejamos os seguintes exemplos:

- CIHUNGULO; n. s. cl. 9

(Coruja); n. s. f.

O seu equivalente em Português significa coruja. Todos nós, sendo da cultura

dos ovimbundu ou portuguesa, sabemos e conhecemos o comportamento da coruja. Ela é um animal de dupla fisionomia: nem é rato, tão pouco é pássaro.

Precisamente, em termos de classes, pertence à 9, por causa da ausência da vogal de aumento. Logo, o vocábulo vem de Ø- *hungulu*. A esta base é acrescentado o prefixo ci, demonstrando a classe em que o nome se insere.

- CIMBYAMBYULU; n. s. cl.7

(*borboleta*); n. s. f.

Em Português, significa borboleta. Na constituição deste nome, encontramos um prefixo oci, mais uma base **mbyambyulu**. Daí o pertencer à classe 7, cuja marca do prefixo é a referida.

Como fizemos referência, anteriormente, este, para além de ser um nome de animal, também pode ocorrer como nome próprio, entre os ovimbundu.

-CIMUKO; n. s. cl. 7

(*ratazana*); n. f. s.

Literalmente *cimuko* significa rato grande, o que em Português é equivalente à ratazana. O substantivo vem do omuko, passando para o grau aumentativo, obtemos a unidade lexical *ocimuko*. Aqui, temos: **oci+muko** (oci = grande e muko = rato).

- EKELENGE; n. s. cl. 5

(*gato*); n. m. s.

O substantivo *ekelenge*, em Umbundu, significa gato, em Português.

-ENYENYA; n. s. cl. 5

(*escorpião*); n. m. s.

Enyanya é um animalzinho que, na maneira de “atacar”, é bastante feroz e

mortífero.

- **EPENGWE: n. s. cl. 5**

O nome *epengwe*, em português significa ratazana. Tal como os outros nomes, também este pode ocorrer como um antropónimo em Umbundu (*Pengwe*).

- **HOSI; n. s. cl. 9**

(*Leão*); *n. m. s.*

Designação de leão para os ovimbundu. Esse é um dos nomes que é atribuído aos gémeos quando são meninos: **ndjamba** e **hosi**.

A atribuição desses nomes aos gémeos é precisamente para mostrar a grande força desses animais e, segundo a crença dos ovimbundu, a força desses animais é “transferida” para essas crianças e assim são protegidas até ao seu estado adulto.

- **KACENHE; n. s. cl. 9**

(*Pequeno grilo*); *n. m. s.*

O nome designa o animal que em Português é denominado por grilo. Morfologicamente, **kacenze/ okacenze** deriva do **ocenhe** que é o mesmo que grilo.

O prefixo **ka**, neste termo, funciona como um advérbio, com semântica de diminutivo. Assim, *kacenze* significa, em Português, pequeno grilo.

- **KAHANGA: n. s. cl. 9**

Este substantivo deriva de **ohanga** que, em português, tem o significado de avestruz. Já sabemos que, em Umbundu, o prefixo **ka** tem a função de funcionar como uma partícula diminutiva. Logo, **kahanga**, quer dizer pequena avestruz.

De salientar que, em algumas variantes da Lu, o termo pode ser polissémico, pois, em alguns contextos, ele pode ocorrer como verbo, (*okuhanga* = dar corrida,

perseguir alguém...). Daí, **kahanga**, poder significar caçador de avestruzes.

- **KAPUKA; n. s. cl. 5**

O substantivo em análise deriva de **epuka** que significa bicho, verme.

Em Umbundu, quando se fala de **epuka**, refere-se, sobretudo, a um verme. Tal como em outras unidades já analisadas, em *kapuka*, temos o prefixo **ka**, com valor diminutivo. Logo, *kapuka* significa bichinho, vermezinho.

- **KAMBOVO; n. s. cl. 9**

(tipo de pássaro); n. m. s.

Kambovo é um nome de pássaro que deriva de um outro nome **ombovo**. Tal como vimos no nome anterior, o prefixo **ka** tem a função de diminutivo.

- **KAMBWA; n. s. cl. 9**

(cãozinho, cachorinho); n. m. s.

Kambwa é a designação de cãozinho ou cachorrinho, em Português.

- **KAMUKU; n. s. cl. 9**

Kamuku deriva de **omuku** e designa ratinho, em Português. É atribuído à criança, cujos pais ou parentes mais próximos se dedicam à caça e venda de ratos.

- **KANDIMBA; n. s. cl. 9**

(coelhinho); n. m. s.

O nome deriva de **ondimba** (cl. 9) que significa, em Português, coelho. Portanto, *kandimba* quer dizer pequeno coelho.

- **KANDJILA**; n. s. cl. 9

Kandjila deriva de **ondjila** que significa passarinho. É usado como antropónimo, quando o nascimento da criança coincide com o canto de pássaro ou depois do canto de um pássaro; tal facto é considerado como uma mensagem.

- **KANGUALI**; n. s. cl. 9

Kanguali é um diminutivo de **onguali** em que o prefixo **ka** (classe 12) se refere ao tamanho: pequena galinha do mato ou perdizinha.

FIGURA Nº 13

Onguali (Perdiz)



- **KASANDJI**; n. s. cl. 9

Kasandji deriva de **osandji** que significa galinha ou galo. Este é um antropónimo que é dado à criança, cujos pais sobrevivem com a venda de galinhas.

- **KASIMA**; n. s. cl. 9

(*macaquinho*); n. m. s.

Este substantivo deriva de **osima**, que, em Português significa macaco. Logo, quando se diz *kasima*, faz-se referência à palavra mãe, *okasima*, onde, a partícula **ka**, desempenha a função morfológica de diminutivo. Este nome, em alguns casos, ocorre como um antropónimo. Quando assim acontece, esse é atribuído, tendo em conta a esperteza, vivacidade e agilidade da criança ora nascida.

Assim, o nome *kasima* designa **pequeno macaco**.

- **NENDE; n. s. cl. 9**

(rola); n. f. s.

O substantivo **nende**, traduzido para o Português, tem o significado de rola. O nome vem de **onende** (classe 9).

- **NGANDO; n. s. cl. 9**

(jacaré); n. m. s.

O substantivo deriva de **ongandu**, que significa jacaré. Na cultura umbundu, este nome, quando ocorre como um antropónimo, esse atribui-se a alguém cujos parentes mais próximos tenham morrido na água.

- **NDJAMBA; n. s. cl. 9**

(elefante); n. m. s.

Como antropónimo é usado sem a vogal de aumento; porém como nome de um animal apresenta a vogal de aumento: *ondjamba*.

O nome deste animal é usado como um antropónimo no casal de gémeos, (menino e menina) para significar a grande força e imponência desse animal.

- **NGOMBE; n. s. cl.9**

(boi); n. s. m.

Ao nome *ngombe* é sempre acrescentado a vogal aumentativa **o**, funcionando como um prefixo: *ongombe* é a designação do boi.

Como antropónimo, é usado sem a vogal de aumento: simplesmente *ngombe*. Deste nome, derivam outros como: *Nangombe* (mãe do boi), *Sangombe* (pai do boi), *Cilyangombe* (já descrevemos a sua significação) e, tantos outros, dependendo sempre do contexto em que ocorre.

- NGONGA; n. s. cl. 9

(gavião); n. m. s.

Tal como o nome anterior, este também tem o mesmo processo de formação; recebe a vogal de aumento o, passando para *ongonga* que é uma ave de rapina.

Quando este nome ocorre como um antropónimo, é usado sem a vogal de aumento.

- NGUEVE; n. s. cl. 2

(hipopótamo); n. m. s.

Ngueve, em Umbundu, designa o hipopótamo. É um dos nomes que é atribuído a um dos gémeos, quando esse for uma menina.

Quando os gémeos são dois meninos, recebem no nome de *Hosi e Ndjamba*; se forem duas meninas, recebem o nome de *Ndjamba e Ngueve*, nome também atribuído ao casal de gémeos.

O nome em causa tem o morfema zero na sua formação. Apesar disso ele faz parte da classe 2 porque faz o seu plural em a e ou em va, dependendo do termo em causa; logo, temos: vangueve.

- OCINHAMA: n. s. cl. 7

Mais uma vez, o nome proposto, como antropónimo, funciona sem o prefixo o, passando para *cinhama*, que em português significa animal. Em Umbundu, usa-se como um hiperónimo (animal).

- OCISONDE; n. s. cl. 7

Ocisonde é a designação da formiga voraz, avermelhada que pode atacar o homem, com o seu ferrão. Ela aparece muito mais no tempo chuvoso, quando a terra está semi-húmida.

- **OHOMBO; n. s. cl. 9**

(*cabra*); *n. f. s.*

Em Umbundu, o nome *ohombo* significa cabra ou cabrito; o género é neutro.

- **OMBAMBI: n. s. cl. 9**

O nome proposto, em português, significa **cabra do mato**. É um animal parecido com a cabra, mas selvagem. Quando este nome ocorre como antropónimo, omite-se o prefixo o.

- **ONGULI; n. s. cl. 9**

(*hiena*); *n. f. s.*

O substantivo **onguli** é um nome da classe 9 que, em Português, significa hiena.

- **ONGULU; n. s. cl. 9**

O nome *ongulu*, que pode ocorrer como antropónimo (Ngulu) significa porco, em Português. Em qualquer cultura, o porco é sinónimo de sujidade. A suposta sujidade pode estar associada às circunstâncias do nascimento ou da concepção da criança.

- **ONHAÑGE: n. s. cl. 9**

Onhañge é o nome que é dado à boeira (uma ave). Quando o nome ocorre como um antropónimo, normalmente, é usado sem o prefixo o.

4.3.7. Alguns umbundismos relativos a instrumentos musicais

Depois de termos pesquisado sobre os instrumentos musicais em Umbundu, conforme a natureza do elemento vibratório, preferimos agrupá-los em quatro categorias diferentes que são: membrafones, cardofones, idiofones e aerofones.

Começando pelos últimos, podemos dizer que os **aerofones** são instrumentos, cujo som é obtido através da vibração do ar, sem a necessidade de membranas ou cordas e sem que a própria vibração do corpo do instrumento influencie, de forma significativa, o som produzido. Tais instrumentos são: *“olumbendo”*, *“engwena”* e *“olumbeta”*.

Ao contrário dos aerofones, os **idiofones** são todos os outros instrumentos cujo som é provocado pela vibração do corpo do instrumento, sem necessidade de nenhuma tensão externa. Esses são: *“ocisandji”*, *“ocingufu”*, *“elimba”*, *“olosangu”*, *“oshaka”*, *“kameya”* e *“nangongo”*.

Os **cardiofones** são instrumentos cujo som é obtido através da vibração de uma corda esticada, quando beliscada, repercutida ou friccionada. Falamos dos seguintes instrumentos: *“ohalup”*, *“ekolowa”*, *“ocitamba”*, *“ombulumbumba”* e *“okalylya”*.

Por fim, temos o grupo dos **membrafones** que são instrumentos de percussão, produzindo o som através da vibração de membranas distendidas. Neste grupo está, como instrumento modelo, o batuque, *“ongõma”*, que, segundo o tamanho de cada um, o aspecto e o material usado na sua confecção, receberá uma designação diferente que o vai diferenciar dos outros. Esses são: *“ohendjengo”*, *“epwita”*, *“endingu”*, *“olukungulu”*, *“omungomba”*, *“omatulo”* e *“ombindingo”*.

Como sabemos, os nomes na Língua Umbundu não têm a marca do gênero. Logo, na nossa análise, faremos referência ao gênero, apenas relativo aos equivalentes em Português.

Nomes da classe 5:

- **ELIMBA; n. s.**

(Marimba), n.f.s.

É um instrumento musical, composto de lâminas sobrepostas sobre as cabaças e graduadas em escala.

FIGURA Nº 14

Homens tocando a Elimba



- **ELYUMA; n. s.**

(Trombeta), n.f.s.

É um instrumento de sopro, feito em cobre ou em um outro metal.

- **EKOLOWA; n. s.**

(Espécie de azagaia); n.f.s.

Um instrumento em espécie de azagaia que se toca com a ajuda de uma pequena vara, que vai “raspando” sobre o instrumento.

- **ENDINGU; n. s.**

(Batuque rítmico), n.m.s.

É um batuque “fornado”, nos dois lados, com a pele de animais, tocado com a ajuda de dois paus, designados de **ovisino**.

- **ENGWENA; n. s.**

(Corneta), n.f.s.

É um instrumento feito com chifre de boi.

- **EPWITA; n. s.**

(batuque), n.m.s.

Batuque atravessado por uma vara de caniço e que se toca com as mãos molhadas, para assim produzir o som gutural.

FIGURA Nº 15

Epwita (singular) Apwita (plural)



Nomes da Classe 7:

- OCISINO; n. s.

(Pau para tocar o batuque), n.m.s.

É o pau utilizado para tocar o *endingu*. Para que esse *endingu* produza o som requerido, é necessário usar os ovicino (plural de ocisino).

- OCIÑOÑA; n.s.

Um tipo de instrumento musical destinado a produzir sons musicais.

- OCINGUFU; n.s.

Uma outra espécie de batuque, usado apenas nas festas solenes de entronização dos reis ou dos sobas.

- OCISANDJI; n. s.

(Harmónica), n.f.s.

É um instrumento musical, formado por um pedaço de madeira, onde se colocam algumas “teclas” metálicas que produzem o som, teclando com os dois dedos polegares; é uma espécie de um pequeno piano ou de órgão musical.

FIGURA Nº 16

Homem tocando o ocisandji



- OCITAMBA; n.s.

É um instrumento musical que consiste em colocar uma cabaça sobre a barriga nua do homem, agarrado por uma corda que segura essa cabaça a esse homem e que, ao tocar nela, produz determinado som.

4.3.7.1. Relações semânticas entre as unidades lexicais

O domínio dos instrumentos musicais é constituído por um conjunto de unidades associadas entre si, que estabelecem relações com determinada área da realidade ou representam uma determinada noção.

Após uma análise do campo lexical dos instrumentos musicais, podemos destacar as relações semânticas entre as unidades lexicais, tanto em Português como em Umbundu. Essas relações são do tipo específico-genérico, a hiponímia e hiperonímia, e o todo-parte, que chamamos de holonímia e a meronímia.

4.3.7.1.1. Hiponímia e hiperonímia

Segundo J. Lyons (1977), a hiponímia é a relação que existe entre uma unidade lexical mais específica ou subordinada.

Tendo em conta esse pressuposto, apresentamos como exemplo os seguintes elementos: *ohendjengo*, *ombindingo*, *omatulo*, *omungomba*, *ondjili*, *oñgoma yititopo*. Todos estes elementos são hipónimos do hiperónimo batuque (*oñgoma*).

Podemos então dizer que a hiperonímia é a relação existente entre uma unidade lexical mais geral ou super ordenada e uma unidade lexical mais específica ou subordinada. Exemplo disso é o já referenciado *oñgoma* (batuque) que é hiperónimo em relação à *ocisikilo*, *ohilivito*, *olukumbu* e *ombulumbumba* (instrumentos musicais).

Uma unidade lexical ou expressão é hipónima de uma outra unidade lexical se o seu significado estiver enquadrado no significado da unidade lexical mais geral. Por exemplo, *ondjili*, (batuque pequeno), é o hipónimo de *oñgoma* (batuque grande) e o *ocisikilo* (nome genérico de instrumento musical) é hiperónimo de: *olukumbu*, *ohilivito* e *ombulumbumba*.

Para uma melhor compreensão da relação existente entre o hipónimo e o hiperónimo nesses instrumentos musicais, apresentamos um quadro síntese:

RELAÇÕES SEMASIOLOGICAS ENTRE OS ELEMENTOS

QUADRO Nº 23 – Relações Semasiológicas

Hiperónimos	Hipónimos e os seus cohipónimos
Ocisikilo (instrumento musical)	Ohilivito, olukumbu, ocisandji e ombulumbumba
Oñgoma (batuque)	Ondjili, omungomba, omatulo, olukungulu, okandjengo, ocingufu e endingu.

4.3.7.1.2.Holonímia e meronímia

Segundo Bergström e Reis (2000: 103), diz-se existir uma relação meronímia – holonímia quando existe uma relação do todo pela parte e vice-versa.

Existe uma relação hierárquica entre as unidades lexicais: a relação parte-todo e o todo pela parte.

Uma unidade lexical é merónima de uma outra unidade quando o seu significado corresponder a uma parte do significado de outra unidade lexical. Nesse caso, pode dizer-se que o elemento **A** é holónimo do elemento **B**. Como exemplo, temos, na composição da marimba, a cabaça. Logo, a cabaça é uma parte da marimba, para além de outros elementos que a compõem.

Assim, podemos dizer que a cabaça é um merónimo da marimba e a própria marimba é holónimo da cabaça.

O quadro que se segue faz uma síntese do acima descrito, evidenciando essa relação meronímia - holonímia das unidades lexicais relativas a instrumentos musicais:

QUADRO Nº 24 – Relações Holonímia - Meronímia

HOLÓNIMOS	MERÓNIMOS
Batuque	Pele
Quissanje	Teclado
Marimba	Cabaça

Como acabamos de referir, as unidades lexicais estabelecem sempre uma relação entre si.

4.4. Umbundismos em textos literários, científicos e jornalísticos

Ao longo do nosso trabalho, tivemos também a preocupação de pesquisarmos em obras de autores angolanos e em algumas revistas e semanários, como já nos referimos, para nos inteirarmos da ocorrência de termos oriundos das línguas nacionais, sobretudo do Umbundu, mais frequentes e que são utilizados no Português angolano.

Demo-nos conta que é de facto significativa essa ocorrência e fizemos questão de referenciar tais Umbundismos, embora se possa ter uma noção mais abrangente, consultando os anexos deste trabalho.

De entre os vários umbundismos encontrados em **Pepetela**, destacámos apenas alguns dos quais fizemos uma breve análise:

- **NGOMBO**; n. s. cl. 10

É um nome deverbal que pertence à classe 10, pois já se encontra aportuguesado e, etimologicamente vem de **ongombo**, que significa prática de adivinhações ou serviço de taurologia.

- **OMAKUISSE**; n. pl. cl. 6

É um nome que provém do **ekise- kise** (singular), do (plural) **akisi- kise**, que significa monstros; na cultura umbundu, é um personagem lendário que tem como “missão” assustar ou ainda espantar crianças e adultos, em lugares obscuros ou entre os assombrados.

- **QUISSONDE**; n. s. cl. 8

Nome que resultou do aportuguesamento de **ocisonde** que, em umbundu, é o nome que se atribui a uma espécie de formiga de cor avermelhada e é considerada

uma formiga muito voraz que pode atacar um ser humano.

Por sua vez, em **Amélia Mingas**, podemos encontrar também alguns umbundismos que passamos a apresentar (ver anexos).

É de salientar que, a obra de Amélia Mingas faz parte de obras científicas.

Seleccionámos esta autora porque a sua obra está minimamente relacionada com o nosso tema em investigação e daí pensarmos que, poderíamos, com bastante probabilidade, encontrar os Umbundismos que “procurámos”.

Assim, alistamos e analisamos alguns encontrados que são:

- MAKUNDE; n. pl. cl. 6

Este substantivo é derivado de **akunde** que é o nome dado ao feijão frade. Em Umbundu usa-se *akunde* que se refere ao plural, porque no singular é *ekunde*.

Logo, este substantivo é o resultado do aportuguesamento.

- MARIMBONDO; n. s. cl. 6

É um nome que achamos ser proveniente de **alimbondo**, nome plural, cujo singular é **elimbondo**. Este nome designa um insecto cuja ferradura é bastante dolorosa e que em Português é conhecido por vespa.

As nossas pesquisas não se limitaram apenas aos autores angolanos. Como falantes fluentes da Língua Umbundu, também estendemos a nossa investigação à **observação de falantes** e, pudemos extrair algumas ocorrências de Umbundismos que foram usados no Português e que se adaptaram normalmente na língua.

Para demonstrar tais ocorrências, enunciaremos apenas alguns exemplos:

- ANHARA; n. pl. cl. 6

O substantivo é um aportuguesamento do Umbundu (*anhala*) que, em Português, tem o significado de planícies.

Este nome, na Lu, tem um significado específico: designa-se de *anhala* uma planície, por natureza, desarborizada, húmida e com uma vegetação rasteira.

- BALAMBAMBA; n. s. cl. 10

Deriva de *ombalambamba* que, em Português, é equivalente à doença que consiste na inflamação das amígdalas.

- BONHAR; v. cl. 15

Esta unidade lexical é usada como verbo e resulta do aportuguesamento do **okuponha**. A referida unidade, em Umbundu, também tem a função de verbo.

Okuponha significa “*não acertar o alvo*”; quando se arremece alguma coisa e essa não atingir o alvo, diz-se **bonhar = okuponha**.

- KALIPELA; adj. cl. 6

O nome designa careca, em Português, tem origem na Língua Umbundu e deriva de **epela**.

- SAYOVO; v. cl. 15

O nome deriva da Língua Umbundu, **okuyovoka**, que significa salvar-se. **Sayovo** funciona como antropónimo. Desde os Jogos Paraolímpicos de 2004, na Grécia, o nome passou a designar um tipo de motorizadas que são muito velozes; isso em alusão ao paraolímpico angolano José Sayovo, medalha d’ouro nesses jogos.

- **WANDITOMBI; v. cl. 15**

Esta unidade lexical é um verbo conjugado pronominalmente e significa, literalmente, *desprezam-me*.

Em Angola, por existirem repetidas falhas de energia, os consumidores, sobretudo os das províncias do interior do país, os da zona umbundu, recorrem ao uso de geradores. É de salientar que, nem todos conseguem, financeiramente, adquirir tais geradores. Os que podem adquirir recorrem aos mais pequenos, com pouca potência e que recebem a designação de **Wanditombi**. Desta unidade retira-se uma lição: *“Desprezam-me, mas também valho; consigo iluminar e fazer trabalhar alguns electrodomésticos.”*

CAPÍTULO V

MODELO DE DICIONÁRIO DEUMBUNDISMOS

5.1. História dos Dicionários

Falar de dicionários é remetermo-nos aos tempos antigos da Mesopotâmia, ano 2.600 a. C., em que esses eram feitos em tabletas escritas, com informações que reportavam signos, nomes de profissões, divindades e objectos usuais, funcionando assim como dicionários unilingues e, eventualmente, plurilingues.

No século I da nossa era, criaram-se os lexicom com a finalidade de catalogar o uso das palavras da língua grega. Crê-se que os gregos e os romanos, desde essa época, já usavam os dicionários para esclarecerem as suas dúvidas, unidades lexicais e conceitos. É de salientar que, nessa época, os supostos dicionários não eram organizados alfabeticamente.

Na Idade média, com o aumento do volume das glosas manuscritas, nasceu a necessidade dos monges começarem a organizá-las de forma alfabética, com o objectivo de facilitar a sua localização e consulta. Com esse acto surge a tentativa do primeiro dicionário de língua latina.

O aparecimento da imprensa, no século XV, promoveu a difusão e o uso dos dicionários.

Aludindo ao conceito de dicionário, vários autores, como J. Almeida e A. Sampaio, (1999: 545) são unânimes em referir como sendo “...uma colecção alfabetizada dos vocábulos de uma língua ou de qualquer ramo do saber, com a respectiva significação ou tradução para outra língua e ainda [...] com certas características fonéticas, morfológicas, sintácticas e semânticas.”

Um dicionário é uma selecção concreta e limitada da riqueza do léxico de uma língua, como factor de identidade cultural de um determinado povo. Logo, ele tem como função contribuir para a preservação e descrição da língua, permitindo assim o seu desenvolvimento.

Para “engrandecer” o conceito e a finalidade de um dicionário, Jacob Grimm, op cit por Haral Weinrich (1979: 318), afirma que o dicionário tem como finalidade construir um santuário da língua, conservando na íntegra o seu tesouro e ser acessível a todos.

Segundo François Guespin (2000: 100), existem vários tipos de dicionários. Segundo a sua funcionalidade semiótica, eles podem ser:

- Dicionários de língua, que podem ser generalistas e especializados;
- Aqueles que visam conhecimentos, como é o caso de enciclopédias, dicionários de nomes próprios e os dicionários de terminologias.

Cada uma dessas obras, dentro da sua área do saber, visa um estudo do conhecimento que aborda.

Continuando com a mesma linha de pensamento, F. Guespin (2000: 40) afirma o seguinte: *“Les dictionnaires des synonymes peuvent être de deux types. Les premiers mettent en correspondance des termes réellement substituables l’un à l’autre, cas de figure rare dans la langue générale, mais que l’on rencontre fréquemment dans les vocabulaires de métiers de techniques[...] La seconde catégorie repose sur l’idée de proximité sémantique: les unités considérées, mots ou syntagmes, sont réunies par une idée commune.”*

Segundo Harald Weinrich (1979: 361), em relação à história dos dicionários, afirma que os embriões dos mais antigos dicionários são os glossários, índices e concordâncias, elaborados com a finalidade de, por meio deles, compreender os textos latinos.

Os glossários constituem, ainda hoje, valiosos auxiliares na compreensão e interpretação de certos textos.

No nosso trabalho, destacámos os dicionários monolíngues como a antecâmara para o estudo e proposta de um dicionário Monolíngue Umbundu, com o Português como língua de esclarecimento e de explicação.

5.1.1.O dicionário

Dicionário designa a colecção por ordem alfabética das unidades lexicais de uma determinada língua ou de um ramo do saber, com a respectiva significação ou tradução e, muitas vezes com características fonéticas, morfológicas, sintácticas e

semânticas. Podemos ainda afirmar que o dicionário é uma selecção concreta e limitada da riqueza do léxico de uma determinada língua.

A função de um dicionário é contribuir para a preservação e descrição da língua, face ao seu desenvolvimento. Essa é a ideia de Jacob Grimm, op cit por Haral Weinrich (1979: 318), ao afirmar que a finalidade do dicionário é constituir um santuário da língua, conservando na íntegra o tesouro, tornando-o acessível a todos.

Na actualidade, há uma tendência do novo conceito de dicionário, pois para além de designar um produto em suporte de papel, também diz respeito a produtos electrónicos.

5.1.2. Tipos de dicionários

Sabe-se que existem diversos tipos de dicionários, de onde podemos destacar os mais comuns:

- Os dicionários gerais da língua têm uma versão extensa, adaptando-se aos usos escolares. Normalmente, possuem um considerável número de palavras, definidas em suas várias acepções e significados;
- Os dicionários de sinónimos e antónimos definem o significado das palavras por equivalências ou afinidades e por significados opostos;
- Os dicionários etimológicos fornecem informações sobre a origem de cada palavra, por meio da sua formação e evolução;
- Também, temos os dicionários analógicos que são os que reúnem as palavras por campos semânticos ou ainda, por analogia dos conceitos que eles veiculam. Geralmente, este tipo de dicionários dispensa a organização por ordem alfabética;
- Temos ainda os dicionários temáticos. Estes organizam vocabulários específicos de determinada ciência ou arte. Aqui se enquadram os dicionários de Comunicação, de Astronomia e de Astronáutica;
- Os dicionários de abreviaturas que têm muita utilidade, pois fornecem

informações úteis, facilitando a comunicação, ao usar-se as siglas e as abreviaturas;

- Os dicionários bilingues que têm a missão de explicarem o significado dos vocábulos estrangeiros e sua relação com os vocábulos da língua materna ou ainda da língua oficial, segundo os casos.

Para além dos dicionários citados, existem outros com diversos objectivos e função específica na língua.

5.1.2.1. Dicionário monolingue

Um dicionário monolingue descreve o signo linguístico ou vedeta de uma mesma língua; constitui um dos objectivos centrais da lexicografia.

Historicamente, o dicionário monolingue é renascentista, pois surge no século XVII, em 1612, com o lançamento da primeira edição do dicionário da Academia, publicado pela Academia della Crusca, em Florença. Os objectivos traçados, nessa altura, com a primeira edição foram os de adequar os vários dialectos da Itália a um determinado padrão linguístico, sobretudo à língua clássica dos três grandes e conhecidos autores florentinos que são: Dante, Petrarca e Boccaccio.

Um pouco mais tarde, em 1694, tomando o modelo “della Crusca”, a Academia Francesa lança um dicionário, com o objectivo de fixar uma língua e uma cultura, num estado clássico, determinando quais as palavras que devem figurar nesse dicionário.

Sob o impacto e a influência do dicionário da Academia Francesa, nasce, em 1755, na Inglaterra, o célebre “Dictionary of the English Language”, da autoria de Samuel Johnson, dando assim um grande contributo na determinação do uso do inglês.

Quase um século depois do aparecimento do dicionário da Academia Francesa, em 1789, surge, na história da Lexicografia portuguesa, o primeiro dicionário monolingue da Língua Portuguesa, da autoria de Moraes Silva, editado em Lisboa.

O dicionário monolingue é concebido para descrever assim as unidades lexicais

de uma mesma língua.

5.1.2.2- Dicionário bilingue

O dicionário bilingue prossegue objectivos diferentes daqueles que são prosseguidos pelo dicionário monolíngue. Como afirma Michèle FOURMENT, in Thomas SZENDE (2000: 33),

“...un dictionnaire bilingue rigoureux doit être conçu pour un destinataire donné pour remplir une fonction bien définie; [...], doit être conçu non pas à partir de la juxtaposition de deux dictionnaires monolingues mais à partir d’une analyse comparative, ... tant lexicologique que syntaxique des deux systèmes linguistiques en présence...”.

Sabemos que o dicionário monolíngue explica o signo linguístico da mesma língua. Por sua vez, o dicionário bilingue funciona como uma equação entre a língua de partida e a língua de chegada, procurando uma equivalência de significação entre as duas línguas. É, por conseguinte, essa ideia que Carla Marelló (1996: 31) faz passar, quando afirma:

“Le dictionnaire bilingue est un dictionnaire dans lequel des expressions dans une langue (dite langue de source ou de départ) sont traduites dans une autre (dite langue cible ou langue d’arrivée) ”.

A ideia transmitida pela Carla Marelló contrasta com a de Denise BERNOT, in Thomas SZENDE (2000), ao afirmar que para um dicionário bilingue, quase que não é possível encontrar uma tradução directa de uma língua para a outra. A menos que se trate de um vocabulário de especialidade.

Possivelmente essa “dificuldade” reside no facto de que, uma língua transporta consigo a cultura de um povo. Ora, ao traduzir um vocábulo de uma língua para a

outra, sem querer, de forma espontânea, não a dissociamos da sua cultura.

Denise Bernot, in Thomas SZENDE, (2000: 53), sustenta:

“Or traduire du birman en français ou du français en birman, c’est passer d’une famille linguistique à une autre, [...] avant même de rencontrer ces problèmes un premier obstacle surgit: celui de l’écriture”.

Podemos então deduzir que, um tratamento lexicográfico bilingue, apesar de ser importante para o estudo das línguas envolvidas, tem as suas dificuldades na hora de apresentar a descrição semântica dessas unidades lexicais.

Assim, podemos afirmar que o dicionário bilingue desempenha um papel fundamental, quer no ensino, quer na tradução de línguas, permitindo assim a comparação de dois sistemas linguísticos. Nesse dicionário interagem a chamada língua de partida com a língua de chegada, oferecendo a dificuldade apenas na questão cultural que envolve cada uma dessas palavras. Essa é a ideia transmitida por Chicuna, (2003: 80), ao fazer referência à língua de partida A e à língua de chegada B.

Um outro autor, Hans Peter Kromann (1991: 2725), afirma que o verdadeiro objectivo do dicionário bilingue é

“ajudar o utente que deve fazer uma tradução da sua língua materna para uma língua estrangeira, ou duma língua estrangeira para a própria língua materna.”

Tendo em conta este pressuposto, a tradução que o utente faz, da sua língua para uma língua estrangeira ou vice-versa, essa processa-se por meio de indicação de equivalentes ou sinónimos interlinguísticos.

Portanto, a tradução que o falante faz da sua língua materna para uma língua não materna, ou vice-versa, processa-se pela indicação de um equivalente, considerado por alguns autores como sinónimo da vedeta ou termo da língua de partida. Na falta de uma equivalência total ou parcial, a tradução deve ser feita através

de uma definição, explicando assim a significação da unidade lexical.

Para que o exposto acima aconteça de facto, o autor do dicionário bilingue deve dominar a língua de chegada, tal como domina a língua de partida. É mesmo isso que Hartmann, op cit por Chicuna (2003: 80) afirma, ao dizer:

“...o autor de um dicionário bilingue deve dispor não apenas de uma competência superficial da língua estrangeira, mas de conhecimentos profundos para poder reproduzir as relações cruzadas que apareçam.” [.....] “é necessário um mínimo de bilinguismo e precisamente uma competência culta bilingue para o vai-e-vem da praxis de tradução”.

De novo, reafirma-se a necessidade da competência e do conhecimento de pelo menos duas línguas em interacção para a tradução, nos dicionários bilingues.

Ainda Alain Daniel, in Thomas SZENDE, (2000 : 31) tem uma opinião sobre os dicionários bilingues, na língua, dizendo:

« Dans cette catégorie de dictionnaires, les rédactions orientées vers la version ou vers le thème s’opposent de façon très tranchée selon la langue maternelle de l’auteur. ».

Diferente do que se passa com o dicionário monolingue, o bilingue está preparado para dar toda a informação referente à categoria gramatical, à pronúncia e à semântica de cada signo linguístico, indicações necessárias e indispensáveis para o ensino-aprendizagem e tradução de uma língua estrangeira.

A maioria dos dicionários monolingues apresenta algumas categorias gramaticais, exceptuando a categoria fonética, aspecto fundamental nos dicionários bilingues.

Estas informações que se encontram nos artigos lexicográficos são, em alguns casos, insuficientes quando comparadas com o leque de regras de algumas línguas,

sobretudo as línguas bantu.

É quase essa ideia que é passada por Thomas SZENDE, (2000: 72), quando afirma:

“Les dictionnaires bilingues établissent donc des relations entre les signes de deux langues mais ne fournissent pas habituellement d’analyse de contenu comme le font les dictionnaires monolingues”.

Existem vantagens e desvantagens relativamente aos dicionários bilingues. Quanto às vantagens, é que com os dicionários bilingues, podemos obter informações relativas a um determinado unidade lexical de uma língua, quer seja na língua de comparação, sem alargarmos muito o leque de informações morfológicas dessa mesma unidade lexical (desvantagens); já com os dicionários monolingues, essas informações são muito mais completas. Essa é uma das particularidades dos dicionários monolingues.

Tendo em conta o que pesquisamos sobre os dicionários bilingues e monolingues, a nosso ver, não pretendemos propor a elaboração de um dicionário bilingue, mas sim monolingue, uma vez que, não tratámos de alguns aspectos referentes à estrutura e análise dos bilingues, podendo assim a outra língua apenas servir de apoio, para se fazer entender e entendermos de que se explica numa outra língua, no nosso caso, na língua Umbundu.

Portanto, tendo em conta os objectivos dos dicionários bilingue e monolingue, para o nosso estudo, interessam mais os do dicionário monolingue, uma vez que, não temos por pretensão ensinar a alguém a falar o Umbundu, mas a fazer-se entender, quando estiver na comunidade da Língua Umbundu, mesmo se, comunicando em Português.

Assim, na proposta do dicionário de Umbundismos, o Português é utilizado

para descrever os empréstimos ao Umbundu.

5.1.3. A dicionarística

O termo dicionarística, criado por Bernard Quemada, veio colmatar uma carência nocional e denominativa, isto é, surgiu no momento em que a lexicografia deixou de implicar a redacção de dicionários.

A dicionarística tem como principal missão a elaboração efectiva de dicionários, tendo em conta as exigências do editor e do público a quem se destina o dicionário.

Luis Lara, in *Ciências do Léxico* (2004: 134), afirma que o dicionário, de uma forma geral, é um tratado de interesse científico e interesse estético aliados aos interesses legitimamente sociais e culturais, obrigando a um tratamento racional da língua.

Ainda segundo o mesmo autor, hoje em dia, o dicionário deve ser visto como um produto linguístico dos fenómenos verbais complexos (unidades lexicais) e não apenas como um resultado da aplicação de vários métodos lexicográficos.

Continuando, Luis Lara (2004: 144), acrescenta que o dicionário deve ser visto como um depósito da memória social e cultural do léxico, instrumento de informação para as variadas sociedades que o utilizam, num determinado espaço e tempo.

O dicionário é “ um objecto cultural” que descreve uma parte do léxico, componente da língua que constitui uma parte significativa da “memória cultural” de uma comunidade.

5.1.3.1- Público-alvo

O *Dicionário de Umbundismos* tem como público-alvo adolescentes e adultos, alunos e professores, tradutores e o público em geral. Será certamente também útil a toda a comunidade da Lusofonia.

5.1.3.2. Macro e micro- estrutura do Dicionário de Umbundismos

Todo o dicionário obedece a uma organização metodológica, seguindo quase sempre as questões que tenham relações com a macro-estrutura e a micro-estrutura.

Designa-se por macro-estrutura a organização geral do dicionário, que tem a ver com o conjunto de entradas ou vedetas, em que se descreve, lexicograficamente, os elementos em análise.

Já a micro-estrutura é a organização de dados lexicográficos referentes às formas tratadas ou contidas no artigo lexicográfico de cada dicionário.

Referente à organização dos dicionários, a micro-estrutura dos bilingues é mais complexa, contrariamente à dos monolingues.

Sustentando essa complexidade, Pierre Messelar afirma:

“...la structuration d’un article lexicographique est extrêmement difficile, même si on dispose d’une grande equipe de collaborateurs”.

Tendo em conta esse pressuposto, o artigo do dicionário é organizado com o propósito de fornecer informações de carácter linguístico relativas às entradas ou vedetas.

Tendo em conta a organização dos artigos nos dicionários bilingues, Michèle Fourment, in Thomas SZENDE, (2000: 34), diz o seguinte:

“... l’article d’un dictionnaire bilingue ne peut être construit à partir de l’article correspondant à la même entrée d’un dictionnaire monolingue; son articulation doit s’effectuer par rapport à l’autre langue, ...”.

Assim, a macro-estrutura do *Dicionário de Umbundismos* é idêntica à macro-estrutura de um *dicionário monolingue* que tem como objectivo descrever os empréstimos interlinguísticos provenientes da Língua Umbundu que se adaptam à

língua Portuguesa em contexto africano.

A macro-estrutura é constituída pela nomenclatura de Umbundismos recolhidos nos dois *corpora* orais e escritos.

A nomenclatura tem uma organização onomasiológica, organizada em cinco grandes domínios conceptuais: a vida social e cultural, a antroponímia, a toponímia, fauna e flora. No âmbito de cada domínio existe uma organização semasiológica.

No entanto, definimos o *Dicionário de Umbundismos* como um *dicionário monololingue*, mas “quase *bilingue*” que descreve os umbundismos em uso no Português angolano. Não existe um sistema de equivalências ou uma equação de significados como encontramos num dicionário bilingue. Mas, em quase todas as definições é necessário explicar a significação na língua de origem (Umbundu) e a significação na língua de chegada (Português) e mesmo as particularidades semânticas relativas as semas culturais.

Sublinhamos também que existe uma fronteira aberta entre a gramática e o léxico descrito no dicionário. O *Dicionário de Umbundismos* para além de indicar o significado das palavras indica também frequentemente a categoria gramatical das unidades lexicais e funcionais, em Português; as particularidades sintáctico-semânticas das unidades lexicais são elementos a considerar nos dicionários.

A micro-estrutura contempla também a classe na língua de origem (Umbundu) assim como o processo de formação morfossintáctico do Umbundismo.

A micro-estrutura apresentará também a produção fonológica do Umbundismo e, sempre que necessário, imagens com um valor etnográfico ou uma função de motivação associadas às entradas.

5.1.3.2.1- Exemplos de entradas do Dicionário de Umbundismos

Designa-se de entrada ou vedeta a unidade lexical resultante da lematização, nos dicionários de língua que inicia um artigo lexicográfico. Mas no *Dicionário de Umbundismos*, a entrada é o umbundismo integrado no Português angolano.

Os umbundismos recolhidos dos *corpora* foram introduzidos numa Base de Dados Lexicográfica com cinco grandes domínios (e subdomínios): vida social e cultural, antroponímia, toponímia, fauna e flora.

As fichas lexicográficas constituem o embrião do *Dicionário de Umbundismos* a concretizar num futuro próximo, em suporte de papel ou electrónico. No capítulo IV, efectuámos uma organização pré-lexicográfica.

A versão em papel e electrónica ou digital apresentarão também imagens que contribuem para uma melhor compreensão da significação da entrada (vedeta). A versão digital apresentará também a produção oral de cada Umbundismo. O campo do contexto também ter-se-á em conta, pois terá uma função esclarecedora.

Como exemplos, seleccionámos algumas unidades lexicais relativas à vida social, a animais, plantas, instrumentos musicais; seleccionámos também alguns antropónimos e topónimos que reflectem muitos elementos lexicoculturais.


Demarcámos a entrada, seguida da categoria gramatical que lhe é inerente, não esquecendo a classe em que se insere no Umbundu, uma vez que se trata de uma língua bantu.

A definição apresenta os semas genéricos e específicos assim como os virtuemmas (semas culturais) relativos a cada entrada, num enunciado relativamente curto. Por vezes, são indicados os sinónimos, em Português.

As notas têm como função apresentar vários tipos de explicações de carácter linguístico relativas a particularidades fono-morfo-semânticas da Língua Umbundu e da Língua Portuguesa em contacto, ou explicações relativas ao aportuguesamento dos umbundismos.

Apresentamos, algumas fichas lexicográficas que constituem futuros artigos

lexicográficos do *Dicionário de Umbundismos*.

DICIONÁRIO DE UMBUNDISMOS - VIDA SOCIAL					
ID	1		domínio	Vida social e cultural	
entrada	elimba		subdomínio	instrumentos musicais	
cat gram	n.f.	classe	5	Sinónimo	marimba
definição	Instrumento musical composto por lâminas sobrepostas sobre cabaças e graduadas em escala.		Imagem		
notas	A imagem representa homens tocando elimba				

Registo: 1 de 7 | Sem Filtro | Procurar

DICIONÁRIO DE UMBUNDISMOS - VIDA SOCIAL					
ID	2		domínio	Vida social e cultural	
entrada	epwita		subdomínio	instrumentos musicais	
cat gram	n.m.	classe	5 (s) 6 (pl)	Sinónimo	batuque
definição	Instrumento musical atravessado por uma varo de caniço e que se toca com as mãos molhadas, para assim, produzir um som gultural.		Imagem		
notas	Epwita é um substantivo singular; o plural é apwita, segundo as regras de formação do plural do Umbundu.				

Registo: 2 de 7 | Sem Filtro | Procurar

Tabela1

DICIONÁRIO DE UMBUNDISMOS - VIDA SOCIAL

ID	<input type="text" value="8"/>	domínio	<input type="text" value="Vida social e cultural"/>
entrada	<input type="text" value="ocisandji"/>	subdomínio	<input type="text" value="instrumentos musicais"/>
cat gram	<input type="text" value="n.m."/> classe <input type="text" value="7(s) 8(pl)"/>	Sinónimo	<input type="text" value="harmónica (n.f.)"/>
definição	<p>Instrumento musical formado pmetálicas or pedaço de madeira, onde se colocam algumas teclas metálicas; o som é produzido através do teclar efectuado com os dois dedos polegares; é uma espécie de pequeno piano ou órgão musical.</p>		
notas			

Registo: 14 3 de 7 Sem Filtro Procurar

PT 19:30 15-04-2015

Tabela1

DICIONÁRIO DE UMBUNDISMOS - VIDA SOCIAL

ID	<input type="text" value="8"/>	domínio	<input type="text" value="Vida social e cultural"/>
entrada	<input type="text" value="okatita"/>	subdomínio	<input type="text" value="dança"/>
cat gram	<input type="text" value="n.m."/> classe <input type="text" value=""/>	Sinónimo	<input type="text" value=""/>
definição	<p>Dança tradicional de homens e mulheres, na cultura ovimbundu, durante as festas no período pós-nascimento de uma criança, sobretudo quando nascem gémeos.</p>		
notas	<p>É uma dança para divertimento da comunidade.</p>		

Registo: 14 4 de 7 Sem Filtro Procurar

PT 19:30 15-04-2015

Tabela1

DICIONÁRIO DE UMBUNDISMOS - VIDA SOCIAL


ID	<input type="text" value="5"/>	domínio	<input type="text" value="Vida social e cultural"/>
entrada	<input type="text" value="onyaca"/>	subdomínio	<input type="text" value="dança"/>
cat gram	<input type="text" value="n.m."/> classe <input type="text"/>	Sinónimo	<input type="text"/>
definição	<p>Tipo de dança executada apenas por mulheres. É uma dança efectuada no período em que se despe o luto (komba) de alguém que também foi dançarina.</p>		
Imagem			
notas	<input type="text"/>		

Registo: 4 de 7 | Sem Filtro | Procurar

PT 19:31 15-04-2015


Tabela1

DICIONÁRIO DE UMBUNDISMOS - VIDA SOCIAL

ID	<input type="text" value="7"/>	domínio	<input type="text" value="Vida social e cultural"/>
entrada	<input type="text" value="okambuenha"/>	subdomínio	<input type="text" value="Alimentação"/>
cat gram	<input type="text" value="n.m."/> classe <input type="text" value="12"/>	Sinónimo	<input type="text"/>
definição	<p>Peixe miúdo, seco com sal, usado como alimento depois de demolhado e assado nas brasas ou frito acompanhado de sumate (tomate e cebola picados).</p>		
Imagem			
notas	<p>É uma alimentação para pessoas com pouco poder económico, mas também muito apreciado pela população, em geral.</p>		

Registo: 4 de 7 | Sem Filtro | Procurar

PT 19:32 15-04-2015

DICIONÁRIO DE UMBUNDISMOS - VIDA SOCIAL			
ID	<input type="text" value="8"/>	domínio	<input type="text" value="Vida social e cultural"/>
entrada	<input type="text" value="ombulututu"/>	subdomínio	<input type="text" value="planta medicinal"/>
cat gram	n.m.	classe	<input type="text" value="9"/>
definição	<p>Planta medicinal, cujas raízes servem para a cura de doenças do fígado; com as raízes obtém-se um líquido cor de laranja que o doente vai bebendo para a limpeza e a cura do fígado.</p>		
notas	<div></div>		
Imagem			

Registo: 14 7 de 7 | Sem Filtro | Procurar

DICIONÁRIO DE UMBUNDISMOS - ANTROPONÍMIA			
ID	<input type="text" value="1"/>	domínio	<input type="text" value="Antroponímia"/>
entrada	<input type="text" value="Hosi"/>	subdomínio	<input type="text" value="nascimento, situação familiar"/>
cat gram	N.pr.	classe	<input type="text" value=""/>
definição	<p>Na cultura dos ovimbundu, o antroponímio Hosi que significa leão é atribuído aos gémeos quando são dois meninos. Ndjamba (elefante) e Hosi. Este antroponímio traduz a força e a energia do animal que serão transferidas para a criança, ficando assim protegidas durante o seu crescimento até à idade adulta.</p>		
imagem			
notas	<p>Hosi pode ocorrer como nome próprio ou como apelido.</p>		

Registo: 1 1 de 3 | Sem Filtro | Procurar

Dicionário de Umbundismos - Antroponímia				
ID	2		domínio	Antroponímia
entrada	Ndjamba		subdomínio	nascimento, situação familiar
cat gram	N. pr.	classe		notas
definição	<p>Na cultura dos ovimbundu, o antropónimo Njamba que significa elefante é atribuído aos gémeos quando são dois meninos: Ndjamba e Hosi (leão). Este antropónimo traduz a força e a energia do animal que serão transferidas para a criança, ficando assim protegida durante o seu crescimento até à idade adulta.</p>		<p>Ndjamba pode ocorrer como nome próprio ou como apelido.</p>	
			imagem	


Dicionário de Umbundismos - Antroponímia				
ID	3		domínio	Antroponímia
entrada	Ngueve		subdomínio	nascimento, situação familiar
cat gram	N. pr.	classe		notas
definição	<p>Na cultura dos ovimbundu, o antropónimo Ngueve que significa hipopótamo é atribuído aos gémeos quando são duas meninas: Ndjamba (elefante) e Ngueve. Este antropónimo traduz a energia do animal do animal que vive na água e que é transferida para a criança, ficando assim protegida durante o seu crescimento até à idade adulta.</p>		<p>Ngueve pode ocorrer como nome próprio ou como apelido.</p>	
			imagem	

Tabela1

DICIONÁRIO DE UMBUNDISMOS - TOPONÍMIA

ID	<input type="text" value="1"/>	domínio	Toponímia
entrada	Bié	subdomínio	nome de cidade
cat gram	N. pr.	classe	
definição	Cidade situado no planalto central, a norte do Huambo. Pertence à região do Reino do Viyé que era conhecida por região de Ekovongo, onde o Rei se dedicava à caça com a ajuda de bois. Com a implantação colonial, o topónimo passou para Bié.		
notas	Houve um aportuguesamento de Viyé através da permuta dos fonemas [v] por [b].		

Registo: 1 de 2 | Sem Filtro | Procurar

PT 19:34 15-04-2015

Tabela1

DICIONÁRIO DE UMBUNDISMOS - TOPONÍMIA

ID	<input type="text" value="2"/>	domínio	Toponímia
entrada	Lobito	subdomínio	nome de cidade
cat gram	N.pr.	classe	
definição	Cidade costeira que liga o interior do país com o Oceano Atlântico. Antes da colonização, os nativos chamavam a cidade de Lupito que tem a sua origem em epito que em Umbundu significa porta. O Lupitu era a porta para o exterior.		
notas	Houve um aportuguesamento do topónimo, através do processo de sonorização do fonema [p] por [b].		

Registo: 2 de 2 | Sem Filtro | Procurar

PT 19:35 15-04-2015

6. CONCLUSÃO

De tudo quanto foi dito, podemos concluir que o contacto entre as línguas (Português e Umbundu e vice-versa) é inevitável, pelo facto das duas línguas conviverem no mesmo espaço linguístico, proporcionando assim o desenvolvimento e enriquecimento das duas línguas.

O convívio entre as línguas estudadas produziu unidades lexicais novas, os neologismos, pelo processo de aportuguesamento e de umbundização, fruto do contacto linguístico.

Segundo Isaiás Manuel (2011: 41), *“No percurso de formação do sistema lexical de uma língua, acumulam-se inumeráveis experiências e significações que os indivíduos de uma comunidade antrope-sócio-cultural nele vão depositando, ao longo da sua história”*. Assim, o léxico, no caso das línguas em estudo, acumula experiências de todos os falantes dessas línguas em contacto.

Do referido contacto linguístico, surgiram, por exemplo, as unidades lexicais: ombutaũ (de botão), *Djepele* (de Isabel), *ocikalasau* (de calção), *ombindja* (de camisa), *camba* (de ekamba), *brotutu* (de ombulututu), *Tramangola* (de *Talamangolo* -*Talama ongolo* = pára, ergue o joelho) e tantas outras palavras novas nas duas línguas.

Estes exemplos, assim como que todas as unidades lexicais analisadas, foram afectados a nível fonético, fonológico, morfológico e semântico.

No decorrer da nossa dissertação, fizemos referência ao facto de a Língua Umbundu ser a língua materna de muitos angolanos que convive com o Português, língua oficial do país. Fizemos uma abordagem linguística dos antropónimos, topónimos e outros umbundismos relativos a aspectos da vida social e cultural, em Umbundu, analisando a sua estrutura e a sua semântica.

Ao longo do nosso estudo, procurámos também apresentar as diversas variantes da Língua Umbundu, nesse contexto sociolinguístico. Não há uma uniformização linguística, em termos lexicais, tal como também não existe na língua de referência, que é o Português. Aqui, podemos observar a polissemia das palavras nas línguas naturais.

No decorrer da nossa análise, confirmou-se que, na Língua Umbundu, o nome não apenas identifica como também veicula valores culturais, históricos, sociais, religiosos e políticos.

Assim, é urgente proteger e conservar esse património cultural. Tal conservação passa pelo ensino, por meio da comunidade académica, permitindo assim integrar o conhecimento das ciências da educação, a eficiência do processo do ensino e aprendizagem angolano, assim como o conhecimento da Linguística africana, muito em especial, das línguas bantu.

Constatámos que, morfológica e sintacticamente, existem diferenças entre o Português e a Língua Umbundu. Por um lado, são duas línguas de estruturas diferentes e, por outro lado, há elementos existentes numa língua e inexistente na outra que é o caso do género (em Umbundu), substituído pelo sistema de classes e os seus emparelhamentos.

A presença de grupos consonânticos exclusivos, no alfabeto da Língua Umbundu, constitui uma das características a realçar, nesta língua.

Em Português, o morfema flexional é colocado no sufixo, enquanto no Umbundu é sempre prefixado.

Em relação ao número, a Língua Umbundu utiliza, precisamente o sistema de classes, de que já fizemos referência, possuindo assim 9 classes e 11 marcas (com alguma repetição), para indicar o singular e 6 classes e 9 marcas, também com algumas repetições, para a marcação do plural.

Em referência à classe verbal e por oposição à Língua Portuguesa que possui três grupos de conjugação verbal, (1ª, 2ª e 3ª conjugação), a Língua Umbundu possui apenas uma classe, a 15, da qual se formam todos os verbos existentes nessa língua, (a classe com o prefixo **oku**). Como exemplo, temos: **okulya** (comer), **okufa** (morrer); **okukupuka** (cair) e tantos outros verbos que se podem formar a partir da classe referenciada.

A nossa preocupação ao longo da nossa dissertação foi também mostrar que, na cultura dos ovimbundu, o nome a ser atribuído a um novo ser humano que nasce nessa sociedade pode ter diversas origens e associar-se a diversas circunstâncias. Logo, qualquer nome, quer seja antropónimo ou gentílico, nome de animal ou da flora, quer seja de um outro domínio pode ser utilizado como um antropónimo.

Quase tudo, nessa sociedade, é justificado pelas circunstâncias envolventes. Esse facto faz com que, apenas pelo antropónimo de uma determinada pessoa, qualquer indivíduo, conhecedor das culturas africanas, consiga descobrir a origem étnica dessa pessoa e, se tivermos alguns conhecimentos mais aprofundados dessas culturas, podemos até “chegar” à *história* do portador desse ou daquele antropónimo.

Concluindo, podemos afirmar que é da responsabilidade do Estado procurar garantir às comunidades linguísticas o perfeito conhecimento das línguas nacionais, pois ensinar os seus antropónimos é contribuir para o desenvolvimento dessas comunidades linguísticas, preservando um património comum que é a língua, qualquer que ela seja.

Assim, o nosso objectivo foi constituir um *corpus* de Umbundismos, empréstimos adaptados ao Português angolano, em vários domínios da vida cultural e social angolano. Esses Umbundismos-neologismos ou já enraizados na Língua Portuguesa constituem a base de um *Dicionário Monolingue de Umbundismos* a elaborar num futuro muito próximo.

7. BIBLIOGRAFIA

7.1. Bibliografia de Linguística

ALVES, Ieda Maria, (2010), *Neologia e Neologismos em Diferentes Perspectivas*, Paulistana editora, São Paulo;

ALVES, Ieda Maria, (2002), *Neologismo Criação Lexical*, ABDR, editora Afiliada, São Paulo – Brasil;

ARRUDA, Lígia, (2004). *Gramática do Português para Estrangeiros*, Porto Editora, Porto;

BERGSTRÖM, Magnus et al (1990), *Prontuário Ortográfico e Guia de Língua Portuguesa*, 39ª ed., s/d e s/l;

BERNOT, Denise, in Thomas SZENDE, (2000), *Dictionnaires Bilingues Méthodes et contenus*, Honoré Champion, Paris;

BORBA, Francisco da Silva, (2003), *Organização de Dicionários, Uma introdução à lexicografia*, editora UNESP, São Paulo;

CONTENTE, Maria Madalena Dias Marques, (2008), *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina*, Colibri, Lisboa ;

CORREIA, Margarita, et al, (2005), *Inovação Lexical em Português*, Colibri, Lisboa;

DANIEL, Alain, in Thomas SZENDE (2000), *Dictionnaires Bilingues Méthodes et contenus*, Honoré Champion, Paris;

DESMOND, Clark ; (1973), *A Pré- história de África*, vol.I, editora Verbo, Lisboa ;

FIRMINO, Gregório, (2006), *A «Questão Linguística» Na África Pós- colonial: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique*, Textos Editores, LDA, Maputo;

FOURMENT, Michèle, in Thomas SZENDE, (2000), *Dictionnaires Bilingues Méthodes et contenus*, HONORÉ CHAMPION ÉDITEUR, Paris;

GALISSON, Rober, (1972), *Dictionnaire de Didactique des langues*, Hachette, Paris;

GALLAGHER, David H., (1952), *Along African Trails*, the United Church of Canada;

- GUESPIN, Louis et François Gaudin, (2000), *Initiation à la Lexicologie Française de la neologie au dictionnaires*, Champs Linguistique, edition Duculot, Bruxelles;
- GUILBERT, Louis, (1975), *La créativité lexicale*, Larousse, Paris ;
- GUILBERT, Louis, (1971), *Le Grand Larousse de la Langue Française*, Larousse, Paris ;
- GÜNTER, Holtus et ali, (1994), *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol.VI, 2^aed, Max Niemeyer Verlag, Tübingen ;
- GUTHRIE, Malcom, (1948), *The Classification of the Bantu Languages*, Oxford University Press, London;
- ISQUERDO, Aparecida Negri e KRIEGER, Maria da Graça, (2004), *As Ciências do Léxico Lexicologia, Lexicografia Terminologia*, Vol. II, editor UFMS, Campo Grande – Ms;
- KOCOUREK, Rostislav (1991), *La Langue Française de la Technique et de la science*, Brandstetter Verlag;
- KROMANN, Hans Peter (1991), “*Theory of Bilingual and Multilingual Lexicography I: Principles and Components*” in Hausmann, Franze et al. “*DICTIONARIES*” in *International Encyclopedia of Lexicography*, Walter de Gruyter, Berlin;
- LEECH, Geoffrey, (1992), *100 millions words of English*. The British National Corpus (BNC), Language Research 28, London, Longman;
- LEIRIA, Isabel, (2006), *Léxico, Aquisição e Ensino do Português Europeu, Língua não materna*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa;
- LINO, Maria Teresa Rijo da Fonseca, (2007), « *Néologie et Polysémie dans la Terminologie Médicale* », in *Actes du Colloque «Mots de la Santé»*, Université Lumière Lyon 2, Presses Universitaires de Lyon;
- LINO, Maria Teresa, MEDINA, Daniel, MOREIRA, José Domingos e CHICUNA, Alexandre, (2007), “*Rede de Neologia e de Terminologia em Língua Portuguesa (em situação de contacto de línguas)*”, in *Actas do Encontro da Associação das Universidades Portuguesas*, Praia, Cabo Verde;
- LINO, Teresa, (2001), « *De la néologie à la lexicographie spécialisée d’apprentissage* », *Cahiers de Lexicologie* 78 – Hommage à Robert Galisson, Paris, Honoré Champion ;

- LINO, Teresa, (1990), *“Métodos Lexicológicos e métodos Terminológicos”*, Comunicação apresentada no *Colóquio Internacional de Terminologia Científica e Técnica*, UNL, Lisboa;
- LINO, Teresa, (1979), *“Importância da Lexicologia Contrastiva”*, in *Letras Soltas 1*, UNL, Lisboa;
- LYONS, John, (1977), *Semântica I*, trad. DeWanda Ramos, Editorial Presença/Martins, Lisboa ;
- LOUIS, Jean Calvet, (1999), *La Guerre des Langues et les politiques linguistiques*, Hachette Littératures, Paris;
- MACKEY, N. F., (1986), *Educacion et Bilinguisme*, UNESCO, Delachaux et Niestlé, Suisse ;
- MARELLO, Carla, (1996), « *Les Différents Types de Dictionnaires Bilingues* », in Henri Béjoint e Philippe Thoiron, *Les Dictionnaires Bilingues*, Universités Francophones, Éditions Duculot, Louvain;
- MARTINS, M.R.D. et alli., (1996), *Formar Professores de Português, Hoje*, Colibri, Lisboa;
- MATEUS, Maria Helena Mira et alli., (2003), *Gramática de Língua Portuguesa*, 5ª ed. Revista e aumentada, Caminho, Lisboa;
- MATOS, Norton de, (s/d), *A Nação Una – Organização Política e Administrativa dos Territórios do Ultramar Português*, Ed. Paulino Ferreira, Filhos Lda, Lisboa;
- MATOS, Norton de (1953), *África Nossa: o que queremos e o que não queremos nas nossas terras de África*, Edições Miranus;
- MENDES, Irene, (2000), *O Léxico no Português de Moçambique*, Editora de Maputo, Maputo;
- MENDES, Irene, (2009), *Da Neologia ao Dicionário o Caso do Português de Moçambique*, Tese de Doutoramento, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa ;

MESSELER, Pierre, (s/d), « *Tentative de Systématisation en Lexicographie Bilingue Malgré les Limites de la Sémantique* », I.T.L., *Review of Applied Linguistics*, 79- 80, Louvain;

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, (2001), *Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas - Aprendizagem, Ensino, Avaliação*, 1ª ed., ASA, Portugal;

NOGUEIRA, Rodrigo de Sá, (1958), *Da Importância do Estudo Científico das línguas do Ultramar Português, Separata do Anuário do Instituto de Estudos Ultramarinos*, vol. III;

PILLA, Éda Heloisa, (2002), *Os Neologismos do Português e a Face Social da Língua*, AGE Editora, Porto Alegre;

REY- DEBOVE, Josette et alli, (1984), *Dictionnaire des Anglicismes, les mots anglais et américains en français*, les Usuels du ROBERT, Paris;

REVISTA LETRAS SOLTAS 1, Janeiro de 1979, Universidade Nova de Lisboa, FCSH, Lisboa;

REVISTA DE TERMINOLOGIAS9- 10, (1994), da Associação de Terminologia Portuguesa, Termip, Lisboa;

RIO-TORTO, Graça, (1999), *Morfologia Derivacional – Teoria e Aplicação ao Português*, Colecção Linguística, Porto Editora, Porto;

RIO-TORTO, Graça, (1993), *Formação de Palavras em Português. Aspectos da construção de avaliativos*, Tese de Doutoramento em Linguística Portuguesa, Universidade de Coimbra, Coimbra;

SABLAYROLLES, Jean- François, (2000), *La Néologie en Français Contemporain, Examen du concept et analyse de production néologiques récentes*, HONORÉ CHAMPION ÉDITEUR, Paris;

SILVA, Raquel e COSTA, Rute, (2008), « *De la Typologie à l'ontologie de textes* », in TOTH, Terminologie & Ontologie : Théories et Applications, ISKO France ;

SAUSSURE, Ferdinand, (1999), *Curso de Linguística Geral*, Publicações Dom Quixote, Lisboa ;

SAUSSURE, Ferdinand, (1984), *Cours de Linguistique général*, Payot, Paris ;

SZENDE, Thomas, (2000), *Dictionnaires Bilingues Méthodes et contenus*, Honoré Champion, Paris;

VAN DER LAAN, Regina Ferreira e FERREIRA, Glória Isabel Sattamini (2000), "*Tesaurus e Terminologia*", in *Proceedings XIX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação*, Porto Alegre, Centro de Eventos da PUCRS;

VILELA, Mário, (1994), *Estudos de Lexicologia do Português*, Livraria Almedina, Coimbra;

VILELA, Mário, (1979), *Estruturas Léxicas do Português*, Livraria Almedina, Coimbra;

WEINRICH, Harald, (1979), "*A Verdade dos Dicionários*", in Mário Vilela (org.) *Problemas de Lexicologia e Lexicografia*, Livraria Civilização Editora, Porto;

7.2. Dicionários e Gramáticas

ALVES, A., (1951), *Dicionário Etimológico Bundo- Português*, s/e, s/l;

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, (2001), *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, editorial Verbo, Lisboa;

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley, (2001), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 3ª ed., R. Janeiro- Brasil;

MAIA, Pe. António da Silva, (1994), *Dicionário complementar Português- Kimbundu*, 2ª edição;

MAIA, Pe. António da Silva, (1961), *Dicionário Português- Kimbundu- Kikongo Línguas nativas do Norte de Angola*;

MALUMBU, Moisés, (2007), *Gramática da Língua Umbundu, Onungandaka Y'elimi Ly'umbundu, Umbundu- Português*, Edizioni Vivere in, Roma;

GUENNEC, Grégoire e VALENTE, José Francisco, (2010), *Dicionário Português- Umbundu*, reedição, Escolar Editora, Angola;

MIRA MATEUS, Maria Helena, (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, editorial Caminho, Lisboa;

NASCIMENTO, José Ferreira do, (1894), *Gramática do Umbundu ou Língua de Benguela*, Imprensa Nacional, Lisboa;

YAMBO, Francisco, (2003), *Pequeno Dicionário Antroponímico Umbundu*, Editorial Nzila, Luanda;

7.3. Bibliografia Sobre Angola

ALEIXO, Ramiro, (Junho/2011), *A Origem do Povo Ovimbundo; a hipótese mais próxima da realidade*, Artigo 2, Revista Benguela;

ALTUNA, Raul, (2006), *Cultura Tradicional Bantu*, Paulinas editora, Luanda;

CHICUNA, Alexandre Mavungo, (2009), *Tratamento Lexicográfico dos Portuguesismos em Kiyombe*, Tese de Doutoramento, FCSH, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa ;

COSTA, Teresa, (2013), *Os Empréstimos Lexicais no Português Falado em Angola – Um estudo lexicológico da variante angolana*, Luanda, editora Grafvico;

DIÁRIO DA REPÚBLICA DE ANGOLA, nº 3/ 5/ 87;

ISSO, Mbela, (2008), *A Origem dos Ovimbundu: a hipótese mais próxima da realidade*, s/ ed, s/l.

MAGALHÃES, António Miranda, (1922), *Manual de Línguas Indígenas de Angola*, Imprensa Nacional de Angola, Luanda;

MALUMBU, Moisés, (2005), *Os Ovimbundu de Angola, Tradição – Economia e Cultura Organizativa*, Edizioni Vivere in, Roma;

MANUEL, Isaiás, (2011), *Ensino do Léxico – Ensaio de Uma Estratégia para o Desenvolvimento do Léxico dos Alunos na Escola de Formação de Professores “Cor Mariae”*, Uíje – Dissertação de Mestrado, Luanda;

MAPA de 1973 – Governo Geral de Angola (Serviços Geográficos e Cadastrais);

MARTINS, Manuel Alfredo de Morais, (1958), *Contacto de Culturas no Congo Português*, Tip. Minerva, Vila Nova de Famalicão;

MENDES, Beatriz Correia, (1985), *Contributo para o Estudo da Língua Portuguesa em Angola*, ILFLL, Lisboa;

MIGUEL, Maria Helena, (1997), *Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda*, (Monografia para a Licenciatura), inédita, ISCED, Luanda;

MINGAS, Amélia A., “*Ensino da Língua Portuguesa no Contexto Angolano*”, in MATEUS, Maria Helena Mira, (Coord.), 2002, *Uma Política de Língua para o Português*, (Colóquio Julho 1998), Colibri, Lisboa;

MINGAS, Amélia A., (2000), *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*, Chá de Caxinde, Luanda;

MINISTÉRIO DA CULTURA, (2004), “*Lei sobre Estatuto das Línguas Nacionais*”, Luanda;

MOURA, Gilberto, “*Literatura Angolana – Aspectos da Inserção das Línguas Autóctones no Discurso Narrativo em Português*”, in *Separata Revista da Faculdade de Letras da UL*;

NETO, Muamba, (2012), *Aproximação Linguística e Experiência Comunicacional, O caso da Escola de Formação Garcia Neto*, Mayamba editora, Luanda;

NEVES, A. F. Santos, (1974), *Quo Vadis, Angola?*, Tip. Lousanense, Lousã;

NTONDO, Zavoni, (2006), *Morfologia e Sintaxe do Nganguela*, editorial Nzila, Luanda;

PEPETELA, (2002), *Geração da Utopia*, 6ª ed., Dom Quixote, Lisboa;

PEPETELA, (2002), *Gloriosa Família*, 6ª ed., Dom Quixote, Lisboa;

PEPETELA, (1998), *Parábola do Cágado Velho*, 3ª ed., Dom Quixote, Lisboa;

PEPETELA, (1993), *O Cão e os Caluandas*, 2ª ed., Dom Quixote;

PEPETELA, (1990), *Lueji, Nascimento de um Império*, Dom Quixote, Lisboa;

QUIVUNA, Manuel, (2014), *Lexicologia Aplicada ao Ensino do Léxico em Português Língua não Materna – LÉXICO, LEXICOLOGIA, ENSINO, LEXICULTURA E CULTURA*, Colibri, Lisboa;

REIS, Victorino, (2006), *Sociolinguística, Dinâmica Funcional vs Problemas funcionais da Língua*, Editorial Nzila, Luanda;

RIBAS, Óscar, (1965), *Izomba, Associativismo e Recreio*, Tip. Angolana, Luanda;

RIBAS, Óscar, (1962), *Missosso Literatura Tradicional Angolana*, 2º Vol., Tip. Angolana, Luanda;

7.3.1. JORNAIS (Angola) e REVISTAS (Diferentes edições durante o ano de 2011)

- “O Agora” (Semanário)
- “Angolense” (Semanário)
- “Folha 8” (Semanário)
- Independente” (Semanário)
- Jornal de Angola (Diário) e Suplementares (Fins de Semana)
- Serviços de Imprensa da Embaixada de Angola em Portugal

7.3.2. SITE's

- www.google.com (Acessado em Setembro de 2013)
- Os ovimbundu em Angola
- As danças tradicionais angolanas
- Os instrumentos musicais angolanos

8. ANEXOS

ANEXO 1: Os Umbundismos na Literatura Angolana

ANEXO 2: Os Umbundismos nos Falantes (Observação)

ANEXOS

ANEXO 1

Os Umbundismos na Literatura Angolana

EM ÓSCAR RIBAS

- **Euâ** – [eua], interj., or. Umb., adv. sim, confirmação, certeza; ex: *“Olha aí. Será disso que andas a procura? **Euâ!** É mesmo isso. Que bom ter encontrado! Já tinha perdido a esperança”*.

EM PEPETELA

- **Baçulas** – [basula], s.f., or.des., rasteiras; ex: *“Quando jogamos à bola, o Romualdo gosta de dar **baçulas** propositadas aos colegas. Essa atitude é muito feia”*.

- **Bubú** – [bubú], s.m., or.des., camisa larga feita de panos coloridos, originária da vizinha Rep. Democ. Congo; ex: *“Os bacongos têm preferência em **bubús** coloridos”*.

- **Buelo** – [bueu], s.m., or.des., pessoa não inteligente, de pouco raciocínio, burra (gíria em Angola); *“Infelizmente, na minha turma há muitos alunos **buelos**. São mesmo incapazes de discorrer alguma coisa”*.

- **Caxexe** – [kaʃɛʃi], adv., or.des., às escondidas, disfarçadamente; ex: *“Por causa do engarrafamento em Luanda, chego sempre atrasada ao serviço. E quando isso acontece, entro de **caxexe** no meu gabinete”*.

- **Hossi**¹ – [osi], s.m., or.umb., leão, (antrop.), nome que se dá a um dos filhos gémeos

- **Jamba**² – [jãba], s.m., or.umb., elefante, (antrop.), nome que se dá a um dos filho(a)s gémeo(a)s, entre os ovimbundu; ex: *“A minha irmã deu à luz, muito recentemente, um casal de gémeos. A menina chama-se **Ngueve** e o menino **Jamba**”*.

¹ - Em Angola, entre os umbundos, miticamente, o leão e o elefante são símbolo de força

² -Entre os umbundos, é o nome que se dá a um dos filhos gémeos. Quando são duas meninas ou um casal = Jamba e Ngueve; dois meninos = Jamba e Hossi. Cf. DLPCACL: 2181 e DLP2003: 973

- **Ngombo** – [ngõbo], s., or. Umb., prática de adivinhações, taurologia; *“Alguns angolanos gostam muito de consultar **ngombo**”*.

- **Omaquisse** – [omakisi], s., or.umb.(do ekisi- kisi), monstrosos, um personagem lendário; ex: *“As crianças têm sempre medo quando ouvem falar de **omaquisse**”*.

- **Quissonde** – [kisõdã], s.m., or. Umb. (do ocisonde), formiga voraz, avermelhada que pode atacar o homem; ex: *“No tempo chuvoso há muito **quissonde** nas lavras. É sempre um perigo para os lavradores”*.

- **Seculo**³ – [sekúlu], s.m., or. umb. (do osekulu), idoso, mais velho (o mesmo que kota); ex: *“Os mais novos devem muito respeito aos **seculos**. Eles têm muita experiência de vida”*.

EM AMÉLIA MINGAS

- **Brotuto** – [brututu], s.m., or. umb. (do ombulututu), flora, um tubérculo com propriedades medicinais; ex: *“Quando sinto picadelas no fígado, tomo um chá de **brotuto**. É santo remédio! Passa logo e não preciso de ir ao médico”*.

- **Bumbi** – [bũbi], s.m., or.umb., hérnia testicular; ex: *“O meu avô tem um grande **bumbi** que lhe impede de andar. Terá mesmo que ser operado”*.

- **Cambuta** – [kãbutã], s.m., or. umb. (do wambuta), pessoa de baixa estatura, anão; ex: *“O Mário é tão **cambuta** que no meio dos seus colegas ele fica perdido”*.

- **Gajaja** – [gajája], s.f., or.LL., fruto angolano parecido a nêspersas; ex: *“As crianças de Benguela gostam muito da **gajaja**. E mesmo os adultos apreciam-na. Aliás, é um fruto gostoso além de vitamínico”*.

³ - O mesmo que cota. Cf. DLP2003: 442 e DLPCACL: 1007

- **Luando** – [luãdu], s.m., or.LL., esteira; ex: *“No Sul de Angola, durante o óbito, as senhoras dormem em **luandos**, enquanto os homens passa as noites sentados”*.

- **Marimbondo** – [marĩbõdũ], s.m., or. umb., (de alimbondo), insecto cuja ferradura é bastante dolorosa; ex: *“O meu avô foi atacado pelos **marimbondos** e tem a cara inflamada”*.

- **Mataco** – [matáku], s.m., or. umb. (de atako), nádegas

- **Makunde** – [makũdi], s.m., or.umb.,(de akunde), feijão frade; ex: *“Quando fores ao mercado, compre dois quilos de **makunde** para o almoço de sábado”*.

NA IMPRENSA ANGOLANA⁴

- **Kilape** – [kilápi], s.m., or.des., fiado

- **Olongende** – [olõZede], s.m., or.umb. (de olonguende), peregrinos

- **Jangos** – [jãgu], s.m., or. umb. (do ondjango), tendas para reuniões nas aldeias

⁴ - A ordenação deste léxico é arbitrária, pois segue a ordem cronológica dos jornais e não a ordem alfabética das palavras. E quanto à contextualização, ver na página 61 deste trabalho.

ANEXO 2

Os Umbundismos nos Falantes Angolanos (observação)

- **Aca**⁵ – [akα], interj., or. umb.(Do haka), exprime admiração, raiva; ex: **1-** *“Ontem, a noite fui ao Cine S. Paulo assistir uma peça de teatro. Foi muito bonito. **Aca!** Que coisa tão bem feita! Foi uma maravilha!”*. **2-** *“Há muita pobreza no mundo, sobretudo nos países em via de desenvolvimento. Os governos desses países não têm em conta o seu povo. **Aca!** Aí só reina a corrupção.”*

- **Anhara** – [aḥárα], s.f., or. umb., uma planície desarborizada e com vegetação rasteira; ex: *“O centro de Angola tem muitas **anharas**.”*

- **Balambamba** – [balãbãbα], s.f., or.umb. (do ombalambamba), inflamação das anginas; ex: *“O João não tem ido trabalhar porque está com **balambamba**. Tem tido muitas dores e febres”*.

- **Báuca** – [baúkα], s.f., or.des., lugar pouco cómodo no candogueiro e geralmente, tem um preço mais reduzido que os demais lugares do candongueiro.

- **Bilar** – [bilar], v.intr. or.des., fazer confusão, barafustar, andar à pancada.

- **Bilo** – [bílo], s., or.des., confusão, barafunda; ex: *“Em casa do meu vizinho há sempre **bilo**. Todos os dias é um desassossego total.”*

- **Bonhar** – [boḥar], v.intr., or. umb., (do okuponha), não acertar o alvo; ex: *“Esses jogadores nunca conseguem meter um golo; sempre **bonham** na bola: Parece terem gelatina nas pernas. Que pena. Assim nunca ganham o jogo”*.

- **Buage** – [buágə], s.f. or. umb. e nh. (do ombwandge), amiga íntima; ex: *“A Sandra é a única **buage** que tenho. Entre ela e eu não há segredos.”*

- **Bulunga** – [bulũgα], s.f., or.nh. (do ombulunga), o mesmo que quissângua; ex: *“As mulheres nhanecas alimentam os seus filhos com **bulunga** e **mahine**.”*

⁵ - Cf. DLP2003, pp14

- **Cabuenha** – [kabuénha], s.f., or.umb. (do okambwenha), peixe miúdo, peixe pequenino, geralmente seco, utilizado por gente de baixa renda; ex: *“A **cabuenha**, apesar de ser baratíssima, é muito boa. Assada ou frita, fica melhor!”*

- **Cacundar** – [kakũdar], v.intr. or.des., (de cacunda⁶), acto de pôr a crianças nas costas, atada com um pano ou um porta- bebés; ex: *“Por falta de hábito, eu já não consigo **cacundar** uma criança, principalmente se ela é gorda. Dá-me cabo do peito.”*

- **Cafricar** – [kafrikar], v.intr., or.des., uma técnica que consiste em pôr , durante a luta, a cabeça do adversário dentro do sovaco; ex: *“Quando te envolveres numa briga, esteja atento ao teu adversário, para não apanhares uma **cafrica**. Se apanhares, estarás bem feito, pois é difícil sair dela.”*

- **Cafuquim** – [kafukĩ], adj., or.umb., pobre, paupérrimo, sem recursos; ex: *“A Luisa, enquanto foi **cafuquim** era obediente. Agora abriu o olho e não respeita ninguém. É toda cheia de «nove horas».”*

- **Calipela** – [kalipéla], adj., or.umb., (do epela), careca; ex: *“Os produtos que uso para arranjar o cabelo não são muito bons. Ultimamente o meu cabelo está a cair bastante. Tenho medo de ficar **calipela**.”*

- **Calumba** – [kalũba], s., or. umb. (do okulumba), escravo de alguém, empregado de alguém; ex: *“Os feiticeiros preferem ter netos ou sobrinhos como seus **calumbas**. Dificilmente põem os próprios filhos nesse serviço que refere segredo.”*

- **Calundo** – [kalũdu], s.m., or. umb. (do elundu), cemitério, lugar onde repousam os mortos.

- **Candimba** – [kãdĩba],s.m., or.umb.(do ondimba), coelho.

⁶ - Cf DLP2003, pp274

- **Candondo** – [kãdõdo], s.m., or.kim., rato de tamanho pequeno; ex: *“Ontem, durante a noite, fui ruída por um **candondo**. Acordei com os dedos todos ruídos. Dá uma dor danada.”*

- **Candongueiro**⁷ – [kãdõgajrɿ], s.m. or.des., em Angola, táxi de marca Heace, transporte público; ex: *“Em Luanda é difícil chegar-se cedo ao emprego, porque os **candongueiros** estão quase sempre abarrotados.”*

- **Cangar** – [kãgar], v.intr., or.des., caça ao homem, cerco, rusga; ex: *“No tempo da guerra, em Angola, **cangava-se** muitos jovens para a tropa. Muitos morreram tragicamente”*

- **Cangulo**⁸ – [kãgɯlɿ], s.m., or.umb.(do ongulo), carrode mão para transporte de mercadoria diversa; ex: *“Olha, senhor António, hoje não podes levar o **cangulo** para o «Roque Santeiro», porque os homens da obra vão precisá-lo para o transporte da areia.”*

- **Canguleiro** – [kãgulɿjru], s.m., or. Umb., homem que carrega/ transporta o cangulo.

- **Canuco** – [kanúkɿ], s.m., or.umb., criança, filho pequeno; ex: *“O meu **canuco** faz anos amanhã e não tenho dinheiro para dar um jantar.”*

- **Caporroto**⁹ – [kapoRótu],s.m., or.des., aguardente caseiro; ex: *“O velho Mauro está sempre bêbado. Bebe muito **caporroto**.”*

- **Capuca** – [kapúka], s.f., or. umb.,(do epuca = bicho¹⁰), o mesmo que caporroto; Ex: *“O tio António está todos os dias com copos. Infelizmente está a dar cabo do fígado com **capuca**.”*

⁷ - Cf. DLPCACL, pp664

⁸ - Cf. DLP 2003, pp.295

⁹ - Cf. CLENIR, Louceiro et al., 1997, pp130

¹⁰ - Faz alusão a um bicho que é nocivo. Assim como o bicho também a aguardente torna-se nocivo ao organismo, destruindo tudo o que é bom e saudável.

- **Cará** – [kará], s.m., or. des. Batata- doce.

- **Catanhó** – [katahó], s., or.des., indivíduo de nacionalidade cabo- verdiana; ex: *“O senhor Jorge é cabo- verdiano, mas vive há anos em Angola. Pelo tempo que leva de Angola é mais **muangolé** que **catanhó**.”*

- **Caular** – [kaɫar], v.intr., or.des., comprar algo por preço baixo para revenda; ex: *“As quitadeiras e as **zungueiras**, todos os dias, levantam-se muito cedo para **caularem** artigos para a revenda, nas ruas de Luanda.”*

- **Corototô**¹¹ – [korôtotô], adj., or. umb. (do okukolokota), pessoa agarrada às coisas, mão- de- vaca; ex: *“O Adelino é um senhor muito **corototô**; não dá nada do que é seu!”*

- **Cuia** – [kúia], adj., or.des., bom, agradável, gostoso; ex: *“O **funge** com a **muamba** de galinha **cuia**. É o meu prato preferido.”*

- **Cupapata**¹² – [kupápata], s.m., or.umb. (do okupapata), táxi em motorizadas; ex: *“Nas horas de ponta, prefiro apanhar **cupapata**, porque é um meio mais rápido que o **candongueiro** e leva-me até ao destino.”*

- **Curoca** – [Kurókα], top., or.Ln(s), Região do Cunene, zona sudoeste de Angola.

- **Chana** – [jána], s.f., or.des., terreno coberto de capim rodeado por uma floresta; ex: *“No Planalto Central de Angola abundam muitas **chanas**. No tempo chuvoso, ficam todas verdinhas. É uma paisagem muito bonita de se ver.”*

- **Chicoronha**¹³ – [ɕikoronha], s. or. LB., colono, colonizador; ex: *“Durante séculos, em Angola, o **chicoronha** maltratou os nativos e não teve em conta os seus costumes.”*

¹¹ - Cf. CLENIR, Louceiro et al., 1997, pp197

¹² - Nas Províncias de Benguela e Huambo, Cupapata é o serviço de táxi em motorizadas. O termo é alusivo ao acto de agarrar-se à cintura do condutor, enquanto se é transportado. Kupapata, em umbundu significa apalpar.

- **Chilicar** – [Σilikar], v.intr., or.kim., enervar-se, sofrer ataque nervoso.

- **Chilumba** – [Σilũba], s.f., or. umb., oferta, ex: *“No próximo domingo é a festa da nossa Paróquia. O grupo dos jovens será responsável pela **chilumba**. Cada um deles trará o que poder.”*

- **Chimbanguneta** – [ΣĩbãZµneta], s.f., or.Ln(s), carro de mão feito em madeira; ex: *“Olha, Manuel, quando fores ao mercado leva a **chimbanguneta** para trazeres a carga para casa.”*

- **Chingombo** – [ΣĩZõbu], s.m., or.umb., quiabos; ex: *“Sábado ensino-te a fazer o **calulú** de peixe. Tens de preparar um quilo de peixe fresco grosso, um de peixe seco, **gimboa** que baste, meio quilo de **chingombo**, tomate, cebola e óleo de palma.”*

- **Chinguive** – [ΣĩZĩve], s.m., or.umb., ressaca; ex: *“Quando se passa a noite numa festa a beber, no dia seguinte é difícil manter-se em pé. É necessário tomar uma boa sopa de peixe, com muito **gindungo** para tirar o **chinguive**.”*

- **Chipala** – [Σipála], s.f., or.umb., cara, rosto, face; ex: *“A Rosa tem uma linda **chipala**.”*

- **Chuchado**¹⁴ – [ΣµΣádµ], adj., or. des., bêbado, embriagado ; ex: *“O velho Mariano anda sempre **chuchado**. Não há dia que não beba.”*

- **Chuínga** – [ΣuĩZα], s.f., or.des., pastilha, chiclete (gír.) pessoa apegada, pouco inteligente, banana; ex: **1-** *“O senhor Adérito é um marido **chuínga**. Não larga a mulher por nada”;* **2-** *“Tenho um colega **chuínga**. Nas aulas não atina com nada.”;* **3-** *“O Josevaldo é mesmo **chuínga**. Leva sempre corneadas da mulher e não é capaz de reagir.”*

- **Chupado**¹⁵ – [Σupádu], adj., or. des., (Cf. chuchado).

¹³ - Achamos tratar-se de uma bantuização do termo colono = coronho

¹⁴ - Cf. DLP2004, pp350

- **Damba** – [dãba], s.f., or. des., espécie de vale encravado entre morros; ex: *“A cidade do Lobito e a vila da Catumbela estão construídas entre **dambas**. No tempo chuvoso para entrar naqueles bairros é muito difícil, porque o terreno torna-se escorregadio.”*

- **Ecuenje** – [ekuẽZe], s.m., or. LN’s., ritual da circuncisão; ex: *“Em Junho, época do cacimbo, é a altura ideal para **ecuenje**. Pelas temperaturas que fazem nessa altura, os rapazes não apanham infecções e os resultados são melhores.”*

- **Epangüe** – [epãZµε], s.m. or.umb., o mesmo que **cangonha**; ex: *“Na actualidade, muitos jovens fumam **epangüe**.”*

- **Flipado**¹⁶ – [flipádu],adj., or.des., zangado, exaltado; ex: *“Ontem, o meu irmão chegou tardíssimo da festa e bastante bêbado. Como é lógico, o meu pai ficou **flipado**.”*

- **Fuba**¹⁷ – [fúba],adj., or.des.,(gír.), mulher feia, moça feia; ex: *“A Jeanine, comparando-a com as suas irmãs, é **fuba**.”*

- **Futucar** – [futukar],v.intr., or. umb. e kim.,(de okufutuka e kufutuka), chatear-se, zangar-se; ex: *“Olha, Luisa, evita fazer isso, porque o patrão pode **futucar**.”*

- **Futucado** – [futukadu],adj., or. umb.e kim., chateado, zangado; ex: *“O patrão está super **futucado**. Hoje ninguém pode aproximar-se dele.”*

- **Gando** – [Zãdu], s.m., or.umb. (do ongandu), jacaré, (top.), uma das Comunas da Província do Kuito-Bié.

- **Gonga**¹⁸ – [ZõZα], s.f. or. umb., ave de rapina.

¹⁵ - Idem, pp351

¹⁶ - Cf. CLENIR, Louceiro, 1997, pp141. (Em Angola, o termo tem uma carga semântica muito forte)

¹⁷ - É um termo mais usado na Província de Benguela

¹⁸ - Cf. NADLP, pp997

- **Gongolô**¹⁹ - [ZõZolô], s.m., or. umb.(do egogolô), centupeia, mil pés; ex: *“O **gongolô** parece ser um bicho inofensivo, mas é perigoso.”*

- **Handa**²⁰ – [hãdã], s.f., or.umb., (entre os umbundos) lugar onde se moe a farinha de milho; ex: *“Amanhã vamos sair muito cedo de casa porque temos muito milho para moer na **handa**.”*

- **Lambula** – [lãbúla], s.f., or. des., sardinha grossa; ex: *“Todos os fins-de-semana, almoço com a minha família, no Panguila, Aprecio um bom prato de **lambula** grelhada com molho de gindungo e cara cozida.”*

- **Loengo** – [luẽZu],s.m., or.umb., fruto silvestre parecido com ameixa rocha.

- **Lohaco** – [luáku], s.m., or.umb., sandálias tradicionais; ex: *“Os naturais do Bocoio gostam de usar **lohaco**. Embora eu não seja bocoístas, também gosto de usá-los. Dão bom andar e são muito práticos.”*

- **Londindi** – [lõdĩdi], s.m., or.umb.; Cf. Lohaco.

- **Maculu** – [makulu], s., or.umb.(do amakulu): avô(ó), oxiúrios; ânus roído; ex: 1- *“A **maculu** Helena é muito boa. Cuida muito bem dos seus netos”*; 2- *“As crianças que gostam de comer pão seco têm tendência de criar **maculu**. Veja lá! Evita dar pão seco ao teu filhote.”*

- **Macrueira** – [makruəjɾɐ], s.f., or.des., mandioca seca que serve para fazer farinha de mandioca; ex: *“Os camiões que vêm de Malange trazem muita **macrueira**. É melhor comprarmos essa, porque a farinha que dela provém é branquinha. Faz um funge delicioso!.”*

¹⁹ - Idem, pp996

²⁰ - Feito numa pedra ou em cimento com orifícios para pôr o milho

- **Maiuia** – [majui̯a], adj. or.des., sem prestígio, não original, falsificado; ex: *“Raramente compro roupa nos armazéns da gajajeira. São todos malianos e a sua roupa é de **maiuia**. Por isso é que é muito barata. Prefiro comprar a brasileira que é muito mais cara, mas tem garantia de ser original.”*

- **Mangue**²¹ – [mãZe], s., or.umb.(de omange), fêmea.

- **Mucaco** – [mukáku], s.m., or.umb., peixe seco assado sem demolhar; ex: *“Hoje ao almoço, vamos comer **mucaco** com pirão acompanhado de molho de tomate e jindungo.”*

- **Mundombe**²² - [mũdõbe],s., or.umb., natural do Dombe.

- **Muquifo** – [mukífu], s.m., or.des., casebre, casa sem condições, lugar estreito; ex: *“Se eu tivesse bom ordenado, saia daquele **muquifo**. Estou cansada de viver naquelas condições. Não sei porquê que a sorte não me toca.”*

- **Noxas** – [nóΣαΣ], s.f., or.des., fruta silvestre, parecida com kiwi.

- **Noxeira** – [noΣαjra], s.f., árvore que dá noxas.

- **Odimba** – [odĩba], s.m., or.umb., (Cf. candimba).

- **Quibala**²³ - [kibála], or. des., (top.), Município da Província do Kuanza- Sul.

- **Quibuto** – [kibutu], s.m., or.umb. (do ocimbutu), meio saco, pequena quantidade de qualquer produto; ex: *“A Luísa ainda é muito criança, embora tenta uma boa altura. Ela não aguenta com o **quibuto** de arroz.”*

²¹ - Cf. DLP2004, pp1059

²² - Cf. DLP2003, pp1146

²³ - Cf. DLPCACL, pp3041

- **Quiconha** – [kikónɣa], s., or.ln(s), ataques epilépticos; ex: *“O marido da Arminda morreu de **quiconha**. Coitado, sofreu muito com a doença.”*

- **Quimbombeiro** – [kĩbõbajru], adj., or.umb., consumidor do quimbombo; ex: *“O meu vizinho é um grande **quimbombeiro**; onde há **quimbombo**, não perdoa.”*

- **Quissingue** – [kisi̯zi], s.m, or.umb., tronco de uma árvore; ex: *“No próximo fim de semana vamos passar o dia no campo. Não precisamos de levar banquinhos, porque há lá muitos **quissingues** para nos sentarmos.”*

- **Quitengue**²⁴ – [kitẽzi], s.m., or.des., um género de pano com cores muito vivas usado em África; ex: *“Quando fores a Luanda, compras-me uma peça de **quitengue**, pois pretendo fazer um fato africano.”*

- **Quitota** – [kitota], s.f., or.umb., (do kutotalã = rebentar), (gír.), rebentamento, escaramuças, guerra; ex: *“Quando me lembro da **quitota** de 1993, no Kuito- Bié, fico doente. Foi uma guerra terrível. Oxalá nunca mais se repita uma **quitota** igual.”*

- **Rabar** – [rɔbar], v.intr., or.des., ralhar.

- **Roboteiro** – [robutaɣrɥ], s.m., or.des., cf. quimbanguleiro; ex: *“O Quinito, **roboteiro** no Roque Santeiro, acha que já é altura de se ter em Caxito um mercado digno da cidade,...”*²⁵

- **Sayovo**²⁶ – [sayovo], s.m., or.umb. (do okuyovoka), motorizada; ex: *“O senhor Amândio comprou um **sayovo** a bom preço.”*

²⁴ -O termo é mais usado na Província de Benguela e as Províncias do Planalto Central de Angola (Huambo e Kuito- Bié)

²⁵ - Extracto do suplemento semanal do jornal de Angola (25-11-2004)

²⁶ - motorizada do tipo Honda e de grandes velocidades, em alusão ao paraolímpico angolano, José Sayovo, medalha d'ouro nos jogos Paraolímpicos de 2004, na Grécia.

- **Sarapieira**²⁷ – [sarapiəjɾə], s.f., or.des., saco de ráfia; ex: *“Quando fores fazer compras, traz os produtos numa **sarapiera**, porque é mais forte e aguenta com o peso.”*

- **Tantã**²⁸ - [tãtã], adj., or.des., aluado, amalucado, cabeça na lua; ex: *“A Eunice é uma boa senhora, porém, ultimamente, parece estar a ficar **tantã**.”*

- **Uanditombi**²⁹ – [uãditõbi], s.m., or.umb., gerador de energia de pequena dimensão; ex: *“Na Catumbela, pelas sucessivas falhas de energias, muitas famílias optaram por comprar um **uanditombi**.”*

- **Utietie** – [utietie], s.m., or.umb., cf. usse.

- **Vilumba** – [vilũbɐ], s.f., or.umb.(do ovilumba), (Cf. Chilumba).

- **Vimbelele** – [vĩbelele], s.m., or.umb., cf. cabuenha.

- **Virosca**³⁰ – [viróɣkɐ], adj., or.des., zarolho; ex: *“A filha da Júlia nasceu **virosca**. Infelizmente os médicos não conseguem corrigir o defeito.”*

- **Xandala** – [ɣãdálɐ], s.f., or.Ln(s), babosa, aloé-vera.

- **Xixilar** – [ɣiɣilar], v.intr., or.des., esperar sem garantias; longa espera; ex: *“O Director da Cimangola, gosta de fazer **xixilar** os clientes. Estes passam largas horas na fábrica para conseguirem pelo menos vinte sacos de cimento. É desagradável.”*

- **Xuxeiro** – [ɣuɣəjɾu], s.m., or.des., alcoólatra, bêbado.

²⁷ - É um termo mais usado na zona da Província de Benguela

²⁸ - Cf.DLP2004, pp1584

²⁹ - Por repetidas falhas de energia, em Angola, os consumidores recorrem a geradores. Porém, nem todos conseguem adquiri-los. As pessoas da classe média utilizam os pequenos geradores que, pela sua fraca potência, somente consegue arrancar alguns electrodomésticos e que consegue funcionar alguma largas horas. Daí o nome que se lhes atribuem: uanditombi que em umbundu = desprezam-me. Subjaze naquela expressão a seguinte lição: “Desprezam-me, porém também valho; consigo iluminar alguma coisa”.

³⁰ - Cf. CLENIR, Louceiro et al., 1997, pp153

- **Zazá**³¹ – [zazá], s. or.des., indivíduo de nacionalidade zairense; ex: *“Nos últimos tempos, muitos **zazás** entram de forma ilegal, em Angola.”*

³¹ - Em Angola, zazá, é também o indivíduo regressado/ retornado da República Democrática do Congo, ex- Zaire